

AUGUSTO SALVADOR DE OLIVEIRA FERNANDES

**DA CABEÇA AOS PÉS: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA CORPORAL
PARA UM GRUPO TERAPÊUTICO DE HOMENS**

RAIZ

psicologia - clínica e escola

Araraquara, 2025

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2024: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/>
Acesso em: _/_/

AGRADECIMENTOS

Agradeço à vida que pulsa em todo o universo, na natureza, em todos seres, no meu coração e em todos os corações. Ao prazer que é estar vivo, ter os pés no chão e ser capaz de aprender a sentir e pensar o mundo, a humanidade e todos os meus círculos de relações.

À minha família de origem, Ângela e Salvador, Carlos e família, Cibele e família. Vocês estão junto comigo, onde quer que eu vá.

À Monisia, parceira que tive a felicidade e a honra de encontrar nesta vida. Vida que vem se transformando completamente, desde o dia que demos as mãos e meu olhar encontrou o mel da sua íris. A mais terna e profunda gratidão por sua existência, sua alma, sua presença, tantas vivências partilhadas, tantos caminhos, cachoeiras, flores, mar, céus estrelados, luas de todas as fases, sóis de todas as estações. Estar neste curso por sua indicação foi apenas uma das grandes dádivas que recebi em nossa caminhada. Te amo!

Aos meus amados irmãos de instituto, Willian, Wesley e Renan, com quem tenho dividido os últimos dez anos caminhando junto com a equipe e na direção do Instituto Espiritual Xamânico Flor de Lótus, minha casa, minha família querida, minha mais profunda honra e gratidão por servir ao lado de vocês. Amo vocês e agradeço ainda todos os membros da equipe, que estão lá, por lá passaram ou são nossos amigos próximos, em especial Rosinês, Fernando, Marcelo, Rodrigo “Genja”, Danyel, Patrícia, Zé Luís, Armando, Moussa, Débora, Thiago e tantos outros grandes amigos e amigas que tive a felicidade de conhecer nesse universo. Estamos juntos!

A toda a equipe do Instituto Raiz, e seus excelentes monitores que nos acompanharam ao longo de jornadas tão bonitas. Cadu, Dju, Eli, Ivan, Carol, Bruno, muito obrigado por contribuir nesse processo tão bonito!

À Fabiana, que leu cuidadosamente este trabalho escrito, o fecho desse processo, e foi tão certa nas indicações sobre o que estudar e incluir aqui. Foram valiosíssimas as descobertas a partir de suas indicações.

À Susana, que sabe combinar a leveza da vida e equilibrar firmeza e flexibilidade para vivê-la. Cada olhar que recebi, cada intervenção, cada modo de dizer parece que me alcançava direto na alma. Os ensinamentos, experiências e transformações que você proporciona são

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

incontáveis. Então escolho como exemplos o mais simples, porque assim é o essencial... Muito obrigado por me ajudar a abraçar um abraço relaxado e que comunica e por me lembrar de olhar com os olhos do Si. O seu trabalho e de sua equipe estão inscritos no meu corpo, nas minhas emoções e na minha mente para o resto da vida. Sou muito grato pela honra!

Às minhas queridas colegas de sala, Ana Paula, Angélica, Jana, Kelen, Laís, Lígia, Liz, Mônica, Roberta e, em memória, nossa querida Rute. Foi muito importante passar esses anos com vocês enquanto busquei me entender e transformar como homem. Meus sinceros e relaxados abraços, de muita alegria, amizade e gratidão.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/>
Acesso em: _/_/

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
PRIMEIRA PARTE: EXERCÍCIOS DA QUARTA JORNADA	8
1. ESCRITA DE SI	8
2. GARIMPO.....	13
3. RAIZ E PROFISSÃO	41
4. CAPÍTULO DO GRUPO	45
SEGUNDA PARTE: PESQUISA E TRABALHO DE CAMPO	53
5. CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA CORPORAL PARA UM GRUPO TERAPÊUTICO DE HOMENS.....	53
5.1 Masculinidades na sociedade e no sujeito	53
5.2 O Grupo de Homens do Instituto Espiritual Xamânico Flor de Lótus	58
5.3 Justificativa e objetivos.....	60
6. METODOLOGIA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	62
7. REGISTROS DE CAMPO	65
8. ANÁLISE DO MATERIAL DE PESQUISA	86
9. CONCLUSÃO	101
BIBLIOGRAFIA	112

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

RESUMO

Esta pesquisa sintetiza minha trajetória pessoal de três anos na pós-graduação em psicologia corporal do instituto Raiz. Após trazer minhas experiências e transformações dentro e fora da sala de aula, reflito sobre os estudos do curso e também sobre masculinidades, comportamentos masculinos, violências e angústias dos homens. Faço um relato sobre a minha criação e organização de um grupo terapêutico para homens no Instituto Espiritual Xamânico Flor de Lótus, em São Carlos/SP, que teve impacto positivo na vida de seus integrantes. Tal narrativa é o material de campo sobre o qual aplico o pensamento analítico aprendido no curso. Baseado em Reich, utilizo o pensamento funcional, os conceitos de unidade funcional, curva orgástica, bem como a teoria da análise do caráter para analisar a história, estrutura e contornos do grupo. Entendo que a psicologia corporal foi fundamental para estruturar e fortalecer minha posição de coordenador desse coletivo, garantindo a sobrevivência, continuidade e organização de suas dinâmicas internas, que atualmente apontam para o progresso no seu desenvolvimento. Além disso, mostro as contribuições de estudos de dinâmica de grupos, Biossíntese e Bioenergética nesse processo. Avalio a eficiência da minha análise e postura de coordenador de grupo, bem como as características, performance, limitações e horizontes do grupo.

Palavras-chave: masculinidades; dinâmicas de grupo; grupos terapêuticos; biossíntese; bioenergética; pensamento funcional

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2024: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/>
Acesso em: _/_/

INTRODUÇÃO

A vida tem uma inteligência que une os seres e elementos para sua própria expressão e expansão. A despeito do que emergiu de imediato e consciente, decidir fazer um curso como a pós-graduação do instituto Raiz foi, num nível profundo, a escolha pela conexão com o pulso da vida. Isso abriu caminho para uma mudança de consciência sobre mim mesmo e sobre as minhas resistências e (des)organização interna. Foi também uma decisão por trilhar jornadas que abrem caminhos e permitem compreensões para perceber de outra maneira o que sinto e penso e quais são as melhores maneiras possíveis de expressar tudo isso.

Esta pesquisa relata a reorganização interna que o curso proporcionou iniciar em mim. Os impactos de seus conhecimentos e práticas na minha forma de perceber o mundo e interagir dentro dele vão muito além dos objetivos imediatos que eu tinha quando comecei. A legenda mais simples possível para os muitos resultados positivos de minhas jornadas no Raiz é: *sou capaz de viver a vida com mais prazer*. Nada, necessariamente, precisa de mudanças radicais para isso. Eu apenas preciso estar disposto e ter estrutura para suportar a minha potência de viver e consciência para trabalhar sobre minhas resistências.

O texto se organiza em duas partes. A primeira é a sequência de exercícios que fizemos ao longo de 2024: uma apresentação pessoal na escrita de si, um levantamento de anotações em caderno e memórias no garimpo, um capítulo sobre o impacto e as possíveis relações do curso com as minhas profissões e, por fim, um capítulo em que a turma fala por si. Já no segundo capítulo da primeira parte, há ênfase para as teorias que mais me marcaram e contribuíram para desenvolver a pesquisa.

Dentre os destaques no campo teórico, trago como base o pensamento de Reich enquanto continuidade e expansão dos horizontes da psicanálise freudiana e das teorias da libido e do desenvolvimento psicosssexual. Nesse sentido, comento sobre o pensamento funcional, a teoria do orgasmo e a vegetoterapia para, então, trazer referências das aulas sobre o sistema nervoso e falar sobre Bioenergética e Biossíntese, que fazem parte de um conjunto maior de abordagens estudadas ao longo do curso.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2024: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/>
Acesso em: _/_/

A segunda parte do trabalho apresenta uma discussão teórica e um objeto de pesquisa. Começa com uma reflexão sobre masculinidades no Brasil: um breve levantamento bibliográfico pontua reflexões da sociologia e da psicologia sobre como se constitui a identidade dos homens no país. O levantamento conclui que a violência de gênero, comportamentos de baixa inteligência emocional, vícios, angústias e dificuldade de falar são alguns dos resultados da peste emocional que emerge na identidade masculina construída sobre a máxima do *homem não chora*. Além disso, traz um exemplo de como um ramo da psicoterapia corporal pode contribuir para os homens começarem a ter contato com os próprios sentimentos e se questionarem sobre a influência de sua identidade de gênero sobre comportamentos, angústias e ansiedades.

Propus essas reflexões como uma continuidade do relato que iniciei no capítulo sobre Raiz e profissão. Falei sobre uma crise com a equipe de trabalho do Instituto Espiritual Xamânico Flor de Lótus, com cuja administração eu contribuo na posição de vice-presidente. Acredito que minha identidade de homem e seus problemas influenciaram o surgimento desse contexto. Menciono meu pedido de ajuda à equipe, em busca de uma retomada de confiança, prontamente atendido na forma de um coletivo masculino, que se tornou um grupo terapêutico.

Introduzo, então, o grupo de homens do Instituto Flor de Lótus como objeto desta pesquisa. Faço uma narrativa de sua história, desde o surgimento, passando por um processo de ordem e caos internos para, finalmente, chegar a um ponto que pode ser percebido como mais maduro.

Faço uma análise do material levantado com base no pensamento funcional e no conceito de curva orgástica, observando a performance do grupo em suas dinâmicas internas. Para entender melhor seus conflitos e tendências, apoio-me na discussão de Castilho (1995) sobre dinâmicas de grupo. Esta leitura também foi importante para entender a pressão interna do grupo por uma coordenação, fato central que une o meu desenvolvimento enquanto terapeuta com o do coletivo enquanto terapêutico.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

A análise do caráter (REICH, 2004) contribuiu para entender a organização da resistência do grupo ao processo terapêutico, bem como para identificar as unidades funcionais de seu desenvolvimento. Também trouxe a meta da análise e os erros de análise para avaliar algumas de minhas decisões, bem como potencialidades e limites do grupo. Por fim, faço referência às abordagens da Bioenergética e Biossíntese como fundamentais em determinadas atividades do grupo.

Enfatizei a contribuição da Bioenergética para identificar pontos de rigidez e atuar sobre o caráter para produzir descarga e obter alívio e mais leveza na expressão. Além disso, a da Biossíntese, mostrando como o *facing* e o *sounding* foram ferramentas importantes num grupo que tende a ficar preso “na cabeça” (pensamentos abstratos) e é muito resistente ao trabalho com o corpo.

Concluí, retomando o tema das masculinidades, com a leitura sobre uma masculinidade tóxica enquanto expressão da peste emocional discutida em Reich (2001) e Boadella (1996). A leitura da biossíntese vê a estruturação do caráter em camadas e prevê uma atuação sobre a rigidez caracterial que respeite sua aparente fusão com a ideia que um sujeito tem sobre si mesmo e sua personalidade. Isso permitiu avaliar o quanto foram positivas as intervenções que aconteceram no grupo, com alguns exemplos pontuais de sucesso.

Retomei a questão da análise da resistência e da meta da técnica de análise em Reich (2004), discuti a transferência na clínica e me apoiei na tipologia de caráter, levantada também em Lowen (1977). Isso permitiu mensurar o sucesso do grupo, bem como seus contornos e destinos. A discussão de Castilho (1995) sobre dinâmicas de grupo deu conta de mostrar como o movimento do grupo para sua homeostase foi impactado por alguns equívocos iniciais. Também explicou uma polarização interna que nele aconteceu e todas as pressões que me levaram a amadurecer enquanto terapeuta e assumir completamente a coordenação do grupo.

Um breve exemplo a partir de Gaiarsa (1984), que envolve o conceito de propriocepção, fecha o argumento, apontando que a experiência teve sucesso enquanto um laboratório para o desenvolvimento de terapia em grupo para homens, baseada em abordagens da psicologia corporal. Avalio, por fim, minha condução como terapeuta e coordenador de grupo iniciante

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

como tendo sucesso e potencial para o aprofundar e expandir a experiência desse grupo, aproveitando o acúmulo de experiências na eventual criação de outros grupos ou eventos.

PRIMEIRA PARTE: EXERCÍCIOS DA QUARTA JORNADA

1. ESCRITA DE SI

Quero contar uma história que trata sobre ver o simples, o mais natural, através das tramas e também de como estou conseguindo.

Sou bastante ocupado. A maior parte do tempo, envolvido com trabalho e atividades que considero profissionais. Ou buscando resolver a minha relação com o trabalho. Como lido com o que me ocupa e se emaranha com minha identidade. Ora o desejo conflui com isso. Ora a resistência. Ando por esses caminhos, procurando quem sou.

Há dez anos, vivo um cenário repetitivo. Sento-me ao balcão de entrada de um prédio público de mais de cem anos, das oito às dezoito. Sou funcionário público da recepção da Câmara Municipal de São Carlos. Recepciono munícipes com as mais diversas demandas e encaminho as pessoas para os gabinetes que elas quiserem ou precisarem.

Bem na minha frente, tem uma parede e um balcão com garrafas de chá e café. Vários funcionários e munícipes passam aqui, principalmente nas primeiras horas do dia, movimentadas e barulhentas. Mas o ambiente também fica calmo e silencioso às vezes. Nesse fluxo, faço as minhas muitas atividades paralelas, por detrás de uma tela e com fones de ouvido.

Meu espaço é uma pedra de granito bem próxima à parede. Estou rodeado pelos meus pertences de trabalho e pertences pessoais. Do lado esquerdo, as folhas com os números dos ramais dos gabinetes dos vereadores. Outra folha tem as fotos delas e deles, com nome e partido. Eu tenho de mostrá-la a todos os munícipes que chegam e não sabem com quem conversar. “Eu não posso fazer indicação”. Falada ou não, é uma das frases constantes. “Eu não posso...” “Eu não posso...” “Eu não posso...”

Quantas vezes tenho de dizer isso todos os dias? O quanto tenho escolhido, na concretude da vida, acreditar nisso? Se não posso fazer alguma coisa, tem alguma outra coisa que devo fazer. E onde está o meu querer, o meu desejo no meio disso?

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

O computador está bem na minha frente. Nele, eu viajo pelo meu multiverso: várias atividades, direções, dimensões, energias, conhecimentos, pensamentos e sentimentos diferentes. Busco o que alinhava essas partes. “Busco eu”. “Busco si”.

Sou bastante produtivo e também distraído. Minha mente aérea passa por textos, livros, notícias, timelines, músicas muito boas para integrar playlists, possibilidades de viagens, conversas casuais, vontades, atenção focada a textos técnicos, copos de café, munícipes, assessores, vereadores, horários a cumprir, equipe institucional, marca, logotipo, divulgações, novos jobs e direções para os projetos.

Quantos planetas orbitam esse balcão! É muito desejo, muitas emoções, muitas ideias. E certa limitação para realizar tudo: “fulano está aqui”; “Pode subir”; o bipe do relógio de ponto; as horas contadas de almoço; as poucas e parcas noites livres. Transito e me encaixo numa rotina quadrada e oscilantemente barulhenta. Vou escrevendo torto por suas linhas retas.

À minha direita, um calendário do ano e um cronograma com os meus prazos dos próximos meses. Principalmente, prazos para todas as escritas que venho apoiando em traduções e revisões. Na função de tradutor, revisor e editor, atuo sobre textos de temas muito variados. Documentos internos de empresa de tecnologia para certificações, manuais de instruções de equipamentos e softwares médicos... Relatórios de avaliação de linha de base e avaliação final para implementar projetos sociais em áreas e grupos em situação de vulnerabilidade... Artigos sobre racismo, sexualidade, filosofias orientais e ... Bioenergética.

Foi revisando e dando apoio à escrita de uma dissertação de mestrado que tive meu primeiro contato com a bioenergética e, assim, com o conceito de couraças musculares. E percebi que tinha algo aí para se explorar. Foi questão de tempo para uma sequência de acontecimentos me levar até o Raiz.

Em cada texto desses eu atuei, mais próximo ou mais distante, em conjunto com pelo menos um funcionário ou funcionária de um grupo maior. Atuei direta ou indiretamente com equipes, dando um suporte que agora percebo maior do que o já complexo lapidar de um texto. Trato de decifrar linguagens. Organizar pensamentos e discursos. Fazer escolhas. Representar ideias com cada vez mais clareza e consistência. Na função de tradutor e revisor, abri um empreendimento para contribuir com a forma de expressão de outras pessoas, organizações e

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

empresas. Quando elas se representam melhor, contribuem mais para outros seres humanos. Esse desafio é o meu próprio: como me organizar, me expressar, me representar?

Também sou membro da equipe de trabalho e diretoria do Instituto Espiritual Xamânico Flor de Lótus. Sou corresponsável por um grupo de pessoas e um conjunto de atividades. Parte dessas responsabilidades compõe, em grande medida, a minha rigidez. Enfrento conflitos entre o meu papel e minhas obrigações, de um lado. E, de outro, meu lugar de amigo ou colega, numa rede de relações que mistura muito esses níveis. Ali, enfrento as emoções mais difíceis e profundas que o menino dentro de mim carrega. Porém, em meio a esses papéis e “obrigações”, entro em contato com o núcleo mais amoroso de mim mesmo, que também pulsa no coração desse menino e desse homem. E busco transmiti-lo na forma de arranjos de músicas e de fogueiras. E contribuir na mesma direção que já mencionei.

Viajando por todos esses lugares, entro em contato com muitas pessoas diferentes. Em diferentes cantos do mundo, inclusive. E foi assim que, por entre as relações e suas crises, cheguei a um ponto de inflexão em 2020. O fim de um casamento. O começo de uma pandemia. Outro relacionamento surgindo. Crises difíceis no Instituto. Parada e retomada do trabalho na Câmara. Um descontentamento brutal com o trabalho. Até o final de 2021 eu estava passando por novas crises na minha relação. E questionando o meu lugar de homem na vida. Não conseguia perceber nada organizado, muito menos me sentir alguém que possa servir ou tratar bem outras pessoas. Estava sentindo dores agudas em todas as áreas que mencionei, enquanto batalhava para estudar semiótica, para conseguir levantar da cama e ir trabalhar e ainda escrever os projetos em dia. Então, eu decidi que não dava pra continuar do mesmo jeito.

Cheguei no Raiz assim. E agora, passadas muitas transformações, compartilho desse curso de Psicologia Corporal com a turma 2022. Entrei e sigo querendo trabalhar como terapeuta. Quero contribuir para que outras pessoas ou grupos possam expressar e representar suas dores e desejos. E para isso estou trilhando exatamente esse caminho.

As contribuições do Raiz são bastante nítidas. Sinto mais e mais solidez, firmeza e preparo para atuar melhor em todas as áreas. Estou conseguindo fazer um trabalho satisfatório sobre mim mesmo. É claro que eu quero mais, quero ser melhor ainda. Gostaria de ter mais foco, mais tempo livre, também, para lazer, para namorar, para ficar sem fazer nada. Mas esse

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

tanto de responsabilidades, essa obrigação de ter sucesso e ser ótimo é um “trem muito difícil”! Apesar de saber das minhas competências, têm momentos que eu fico me achando mais ou menos ou ruim em tudo. Socorro!

A combinação de grupos de movimento, estudos do curso e terapia têm me permitido muitos avanços. Eu consigo elaborar as minhas dificuldades, meus lutos, muito mais rapidamente do que antes. Alguns sentimentos, que eu ruminaria por anos, consigo integrar em dias ou, se for muito pesado, semanas. A agudeza da insatisfação com o trabalho, depois de aumentar mais ainda por um tempo, começou a amenizar. Agora eu consigo aceitar que eu tenho de estar nessa função. Minhas relações melhoraram. Eu passei a conseguir olhar para meus colegas de trabalho e ser olhado por eles. Antes, eu mal conseguia cumprimentar e conversar com as pessoas. Agora consigo me organizar melhor e comunicar melhor o que penso. Sem eu perceber, aos poucos devo ter mudado, porque o ambiente mudou. E assim eu posso aproveitar meu espaço de trabalho

Nesse momento eu me vejo navegando. Às vezes, o mar está calmo e é possível ver tanto o horizonte quanto todas as direções. Sinto que não tenho um simples rumo, mas um mapa de rotas. Enquanto me movimento, vou desenhando a cartografia das paisagens com cada vez mais detalhes. E venho aprendendo a encher minhas viagens com desejo e emoção. Mas às vezes o clima é revoltoso. Aí essa quantidade de papeis e funções se levanta como um furacão ao meu redor, em cujo olho jazo confuso, cansado e triste.

O Raiz me conduziu um por uma linha muito bem traçada, desde a dura resistência, passando pela tensão aumentada e a intensificação de conflitos e crises, oriundas da pressão entre o desejo e o arranjo de estases em mim. Para, então, desenvolver uma coluna, uma estrutura e um contorno melhores, capazes de lidar com todo o panorama que pintei acima. Tudo para chegar neste ponto, nesta escrita, na qual parece que vejo um cenário bonito, algo grandioso, uma história de sucesso ou, pelo menos, de competência, coragem, vontade e consistência. Para, num milésimo de segundo, perceber que essas palavras todas se tratam de uma pintura intrincada na superfície colorida, fina e frágil (embora tente ser o contrário) de uma matrioska. Esta escrita é o leve toque em sua tez, que faz craquelar e despedaçar todo o cenário. E agora posso ver, perceber, sentir através: há aí um menino ávido por vida. Por afeto, amor,

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

felicidade, nutrição e segurança. Que corre por todas as direções possíveis, buscando apoio, satisfação, conforto e aprovação. Buscando um amor que já pulsa no seu próprio centro e ele não vê porque está preso – onde? Não sei. Na culpa, talvez. Em não ter permissão para realizar ou expressar o que quer.

Até que chegam os momentos em que o cotidiano do homem pesa tanto que esse menino irrompe. Com força, faz arte ou briga, pra reivindicar seu choro, seu colo, seu conforto, seu prazer, sua diversão. Para ter olhos sobre suas obras.

O meu trabalho, atividades, papéis, compõem uma dimensão em mim sem limites nítidos: acho que representam algum conflito. Talvez entre o eu mais selvagem que quero representar e o personagem socialmente aceitável que eu mesmo me impus. E representam também a dificuldade de encontrar aí um caminho do meio.

Percebo-me, mais do que nunca, numa terra fértil, onde sou uma semente tardia que começa a criar raízes e forças para brotar. Eu tinha dito dez anos de uma história que se repete naquele balcão. Mas talvez esse tempo seja apenas uma parte da casca da semente. E lá se vão 38 anos de armadura. Agora a rigidez se decompõe pouco a pouco, nutrindo as brechas por onde a vida, água clara, aflora. Algo novo que vem, sem negar todo o tecido que me trouxe a esse momento, mas descansando nessa terra que já fez crescer a consciência da sua contribuição. Eu entrei em crise quando quis responder à pergunta que o Raiz me colocou. Tive que levar pra terapia. E consegui resgatar minha paixão por música, pela expressão em linguagens, meu fascínio pelo fogo e minha ambição pelo poder. Pude reconhecer os princípios. Agora eu consigo olhar, ainda que de relance, a mão que segura agulha e a linha que tecem a trama da minha vida. Uma pessoa. Agora, estupefata: talvez tenha sido um bocado de esforço para ser um zé-ninguém.

Urge, pra mim, retirar os trajes pesados socialmente aceitáveis e agradáveis para a família de origem. E perceber o homem de carne e osso que tem aqui. Dar espaço pra sentir tudo o que tem pra sentir. Organizar o que tem pra organizar. Viver, equilibrar os conflitos o quanto possível. Transformar-se. E o Raiz tem um papel importantíssimo nessa história.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

2. GARIMPO

Comecei esse curso – Formação em Psicologia Corporal – pensando que aprenderia sobre teorias para depois organizar e realizar algo na prática a partir de uma técnica. Bem, coloquei os pés no instituto, participei de um grupo de movimento e comecei a estudar praticando. Gostei muito, algo se mobilizou no meu corpo e me preparou para entrar em contato com os conteúdos teóricos da aula. Com o tempo, fui percebendo que não adianta fazer mil leituras sobre psicoterapia corporal sem vivê-la de alguma forma.

Antes de me dar conta disso, estava mergulhado na lista de referências bibliográficas do Raiz. No dia seguinte ao primeiro encontro em que participei, perguntei ao Cadu por onde começar. Então ele disse:

[...] sugiro que você inicie por aqui, pois tem mais a ver com a aula que tivemos. No entanto, também sugiro que você tenha calma, antes de começar uma nova refeição, faça a digestão do que ouviu ao longo desse primeiro final de semana.

Isso foi reconfortante e também foi o primeiro toque no meu mecanismo de defesa. Eu estava acostumado a pensar muito a partir de teorias e modelos filosóficos, a mapear a realidade com idealizações e a sofrer ou paralisar quando queria realizar o que estudava e pensava. Ou, ainda, realizar e me expressar sem plenitude. Daquele momento em diante, preocupei-me menos com leituras e mais com vivenciar a proposta do curso. E entendi melhor o porquê dessa formação em minha vida. Afinal, ensina sobre a vida e como vivê-la melhor – uma teoria casada com a prática. Os grupos de movimento, atendimentos em aula e workshops me proporcionaram cada vez mais presença para os conteúdos aprendidos e discutidos. Dentre as diversas experiências, quero mencionar algumas que me marcaram.

Começo pela primeira experiência em que percebi uma mudança significativa: um dos grupos de movimento, que trabalhou limites e ensinou sobre o olhar. Corrigindo os movimentos das duplas formadas durante o exercício, a Susana mostrou diversas mensagens dos olhos quando se estabelece um limite com o corpo e a voz. O limite que a voz fala pode não ser o mesmo que o olhar comunica. A fronteira falada se desfaz se os olhos expressarem uma mensagem dupla, que abre uma brecha no campo individual. Ou se forem raivosos, violentos e

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

ameaçadores. O olhar centrado, bem direcionado e sustentado expressa segurança e serenidade, estabelecendo limites sem agressão e sem submissão, mas conectado ao *Si*. Isso mudou a minha vida e a forma de olhar para todas as pessoas com quem interajo. Meu olhar, a partir daí, foi deixando de ser oblíquo, embora seja um trabalho constante sustentá-lo assim.

No segundo Kairós de 2022, com o corpo em arco para trás, cada pessoa precisava mirar em uma direção como se fosse atirar uma flecha. A ideia era olhar para o horizonte, mas eu estava olhando para cima, como se minha flecha fosse em linha reta nessa direção e voltasse para o meu próprio rosto ou atingisse o nada, se perdesse no espaço infinito. Um olhar assim está desconectado de sua base: o corpo, que vive e se move num dado contexto. Foi um estudo sobre desejo e realidade. O desejo existe, necessariamente, como ideação em primeiro lugar e, então, move o ser humano no desenvolvimento do *Eu*. Uma pessoa adulta saudável realiza o desejo numa forma possível, diferente de sua fantasia. Aponta-se a flecha para um objeto que está no horizonte, ou ela não vai para lugar algum. Esse workshop abordou a *flecha do tempo*, conceito relacionado ao desenvolvimento psicosssexual e também a estados e/ou comportamentos neuróticos ou psicóticos.

A libido, não investida num objeto possível da realidade, retorna para o *Eu* e pode suscitar um estado e comportamentos mais psicóticos, relacionados, por exemplo, a situações não saudáveis de isolamento. Dentre alguns outros, houve um momento de crise pessoal durante o curso, quando tive uma conversa importante sobre esse assunto. Eu estava com dificuldades para lidar com a minha vida e me sentindo muito insatisfeito com tudo, portanto tendendo a um comportamento psicótico. Isso veio à consciência com mais clareza depois do grupo de movimento da dança com olhos vendados, conduzida por um colega, sem saber nem ver quem o conduz.

Achei a prática muito leve enquanto fazia e me senti entregue, mas a Susana disse que havia me conduzido e que meu movimento mostrava uma estrutura fraca ou mesmo ausente. Depois, acertou ao falar sobre a minha vida: com falta de estrutura, de coluna e com uma musculatura inativa, fico sujeito a vagar pelas ideias, sem direção, ao sabor do vento. Isso diz muito sobre a multiplicidade de tarefas e focos que tenho e a dificuldade em avançar em tudo.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

Essas possibilidades múltiplas, uma certa indecisão, indefinição, insegurança, constituem uma defesa que me congela e não deixa sair do lugar.

Mesmo que ainda aconteçam inúmeras dificuldades, angústias e ansiedades, continuo buscando esse eixo e preciso de mais estrutura. Mas tenho procurado exercitar o foco e a constância, dar lugar tanto ao desconforto quanto ao conforto, à tristeza quanto à alegria. Organizando meu aparelho psíquico e meu corpo para a convergência de tudo o que sinto, penso e faço numa direção mais focada. Para trazer para a terra o que for possível dentro das ideias que povoam e muitas vezes ficam presas na minha cabeça. Para pisar no chão.

Isso é o mesmo que dizer ao universo onde estou, quem sou e receber uma resposta, como aconteceu no movimento de encontrar o ponto de individuação ao fazer um grounding. Nessa prática, os pés mostram se há ou não equilíbrio. Se ando nas nuvens ou afundando no solo. Se estou demasiado focado no futuro ou no passado, ou se há um apoio mais uniforme. Mostram o quanto e em que ponto é possível haver contato comigo. Se estou sujeito a tudo me atravessar ou se estou muito fechado. A partir do grounding é possível ampliar a consciência sobre todo o corpo e a relação mente-corpo. Se tudo está preso nos ombros, se estou respirando e agindo a partir das vísceras ou do tórax, pelo que é um impulso/compulsão ou pelo centro do Si. Esses recursos de autorregulação desenvolvem a atenção necessária para me representar na vida com a vontade que parte desse núcleo.

Em outras práticas, também foi importante entrar em contato com as vísceras e lugares mais antigos, como na aula de biodinâmica e no grupo de movimento com a escuta das barrigas. Acessar esse lugar mais primitivo e ancestral, essas profundezas internas, compõe a contração que faz parte do movimento pulsional. Por isso temos workshops regressivos e progressivos. O grupo tem um nascimento, pratica dinâmicas relacionadas às fases do desenvolvimento psicosexual e faz exercícios de transferência. É importante o contato profundo consigo e com os afetos relacionados ao pai, mãe e círculos em que se vive na infância. Isso facilita conhecer as representações dessas figuras e liberar a energia necessária para se representar, que pode estar carregada nas defesas conectadas a essas narrativas. O contínuo de experiências de cada workshop forma uma curva orgástica que propicia essa descarga.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

Essas lembranças e reflexões sobre minha trajetória são apenas alguns exemplos da quantidade e da dimensão do que vivi. E dialogam com os estudos mais teóricos das aulas e anotações. A escrita deste trabalho foi mais uma oportunidade de refletir sobre todas as dimensões, ou camadas, que se interconectam nesta pessoa – ou “ser” – que chegou ao Raiz em 2022. Conforme uma fala da Susana, na análise, ela entra em contato com um “ser” composto de camadas. São elas o mecanismo de defesa do caráter, o caráter, o conteúdo ou trauma e, por fim, o *Si*. Sinto que a quarta jornada foi uma aventura corajosa por essas dimensões. Aceitei, pois, andar por esses caminhos em mim: grama, terra, pedras, água, lama, para encontrar o que me trará à vida de dentro para fora.

Nesta etapa do trabalho, busquei aproveitar o máximo possível das anotações, falas e experiências em sala de aula. Além disso, os estudos correlatos em minhas leituras. Foi trabalhoso encontrar um fio condutor para esses elementos. Eu estava diante de um pensamento ora disperso, ora firmado no chão. Fiz esforço para colher algumas pedras preciosas em alguns momentos. Em outros, consegui peças maiores de mineral, cravadas nos terrenos dessa atenção flutuante. Com as informações em mãos, veio o desafio de polir e agrupar tudo para compor um quadro uniforme, ainda que heterogêneo e complexo. E isso tem tudo a ver com buscar unidades funcionais, matrizes. Isso é pensamento funcional.

Preciso trazer ainda mais algumas lembranças antes de abordar conteúdos teóricos. Uma experiência em workshop e duas analogias feitas em aula contribuíram para entender o que é esse método, fundamental em Reich e que, a meu ver, permeia toda a abordagem do Raiz.

Nossa turma foi presenteada com uma semente no final do primeiro Kairós de 2023. Eu recebi uma semente que concentra em si a essência para crescer uma árvore, caso seja plantada na terra. Nessas circunstâncias, a vida, que tem condições de pulsar a partir de seu núcleo, vai encontrar resistências. A sua força para superar gradualmente as barreiras vai moldando uma expressão que pode ser saudável ou não.

Eu entrei na sala do Raiz toda semana, entre 2023 e 2024, para participar de um grupo de movimento, além dos encontros do curso. E sempre ficava diante de um flipchart com uma árvore esboçada. Estava bem enraizada e nutrida pela terra, sustentando em seu tronco e

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

ramagens uma copa frondosa, com galhos e folhas. O olhar pelo pensamento funcional vê a copa em sua complexidade de elementos e percorre o caminho de todas as ramificações até chegar à estrutura e às características da própria semente. É possível mapear o seu desenvolvimento a partir de unidades funcionais, que são pontos de origem cuja uniformidade permite agrupar os fenômenos observados. À medida que se retorna a essas matrizes, forma-se uma compreensão mais ampla do todo, das partes e do fluxo que as atravessa.

Por exemplo, o mesmo esboço mostra alguns galhos que se desenvolveram numa direção que retrata desequilíbrio ou desarmonia na imagem. O pensamento funcional permite alcançar a origem desse desequilíbrio e, ainda, estabelecer a abordagem ideal para tratá-lo. No caso de uma árvore, é como encontrar o ponto certo para fazer uma poda. Em termos de análise, dá condições para conduzi-la de maneira a reestabelecer o fluxo da energia pulsional numa estrutura, direção e movimento saudáveis.

A segunda analogia aconteceu durante uma apresentação de leituras no segundo ano do curso. As colegas Ana Paula e Angélica fizeram uma descrição bastante didática do pensamento funcional, desenhando um processo de bipartição celular. Numa cultura de células, as “matrizes” formavam duas novas células a partir de si mesmas, sucessivamente, em expansão contínua. Mesmo que a cultura forme diversas células, existe uma unidade funcional dada pelo núcleo, que é idêntico ao das matrizes. Se há diferença, aconteceu uma mutação, cuja origem é possível identificar. De maneira que se tem a observação e o mapeamento de uma paisagem, de um contexto. E, aí, as matrizes das formas de expressão que estejam dadas em uma realidade. Isso se aplica tanto à psicoterapia quanto à biofísica, ambas partes da trajetória de Reich.

A indagação fundamental dessa abordagem é: *o que é a vida?* Essa questão levou Reich a ver o movimento pulsional da vida por meio da observação da própria natureza, conforme os relatos do professor Cláudio, tanto em aula quanto em seu estudo sobre transferência (WAGNER, 2022). Levou-o, ainda, a estudar sexologia e se aproximar e aprofundar na Psicanálise, recebendo muitas influências daí e, também, gerando debates e mesmo cisões importantes.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

A coragem e a ousadia de buscar abordagens fora de um lugar comum levaram tanto Freud quanto Reich a novas descobertas e, também, a críticas (WAGNER, 2022). A psicanálise rompeu com uma visão voltada para o tratamento de sintomas em vez de pessoas. Essa técnica e os conceitos desenvolvidos a partir dela impactaram a forma de tratar as angústias e neuroses. Trouxeram novas perspectivas sobre a sexualidade e a constituição da identidade de indivíduo e sujeito. E influenciaram de maneira determinante o curso do desenvolvimento do pensamento e das abordagens reichianas. Por isso, Wagner (2022) entende que uma suposta ruptura entre Freud e Reich – entre a psicanálise e a economia sexual – estão muito mais relacionados ao contexto histórico e político de sua época do que entre as abordagens em si. Ambas formam prismas complementares sobre as questões da sexualidade e da mente.

Reich teve contato com a psicanálise quando esse campo passava de uma hegemonia do pensamento de Freud para uma era de debates e ampliação de seu campo (WAGNER, 2022). Então há conceitos e categorias da psicanálise que são fundamentais para entender a economia sexual e seus desdobramentos.

As aulas do professor Klain foram importantes para compreender o desenvolvimento da psicanálise. Algumas de suas frases ajudaram a entender o contexto, a associação livre como método, aspectos do aparelho psíquico e o desenvolvimento psicosexual.

“Histeria é a caixa de pandora da psicanálise”. Esta anotação representa bem o contexto de surgimento da psicanálise. O tratamento de pessoas históricas, principalmente mulheres, na época de Freud, foi importante para ele desenvolver a escuta organizada da psicanálise. Tradicionalmente, a histeria era vista como uma “doença” cujos sintomas – que, eventualmente, retornavam – se tratavam com técnicas como a hipnose.

Por meio da escuta, Freud buscou algo anterior aos sintomas. Os conteúdos nos discursos de pacientes apresentavam pensamentos marcados por regras e censuras auto impostas. Acessar esses pensamentos e a censura era como presenciar um “banho de camisola”. Lembro que a querida Rute falou sobre isso e o professor desenvolveu. Pesquisei a expressão para trazer mais detalhes. Encontrei um trecho de entrevista e dois trechos de livros mencionando que, nos conventos e colégios em internatos religiosos para mulheres, o banho

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

tinha de ser de camisola. As mulheres não podiam conhecer a própria nudez (PAIVA, 2001; LEÃO, 2005; FERNANDES, 2006). Essa era a dimensão da repressão.

“Banho de camisola” ilustrou a associação livre e a correlação de forças das instâncias do aparelho psíquico. Há uma pressão que vem dos desejos – do *Id* – e outra, oriunda da repressão por valores coletivos internalizados – *Supereu*. E o *Eu* tem a árdua tarefa de equilibrá-las. A técnica da associação livre permitiu perceber a existência de pensamentos e desejos “proibidos” no que os pacientes falavam. Se há uma censura, isso significa que há um desejo, pois algo só pode ser reprimido se existir.

A associação livre se desenvolveu como um espaço para um “banho sem camisola”, para um discurso com permissão para tocar no que está escondido e sobre o que não se pode dizer. Uma possibilidade de conhecer o próprio corpo mental por meio da transferência: uma fala em que o sujeito percebe e se implica no que diz. E começa a compreender o “outro” de que fala como uma representação em seu próprio discurso e sua própria mente. Isso desvela as inquietações internas e aponta para a sua fonte inesgotável.

Com essa base prática experimental, a psicanálise compreendeu o desenvolvimento humano e, aí, o papel da sexualidade. Também cunhou as montagens do aparelho psíquico e seus conceitos fundamentais. O professor Klain teve uma fala interessante sobre o conceito de *Id*: essa instância manifesta o instinto natural de sobrevivência e, ao mesmo tempo, a sexualidade humana, ligada ao prazer e aos *afetos*. Freud (2016) tratou sobre o desenvolvimento psicosexual e contribuiu para classificá-lo, evidenciando as correlações de forças entre *Id*, *Eu* e *Supereu*, bem como a dinâmica da libido nessas instâncias.

A pulsão sexual faz parte do desenvolvimento do ser humano desde a primeira infância. Até a puberdade, as chamadas *pulsões parciais* se organizam ao redor de alvos específicos, ligados a partes do corpo que também cumprem outras funções fisiológicas. O prazer da satisfação de necessidades fisiológicas se desenvolve, anatomicamente, nas zonas erógenas e com comportamentos ou movimentos específicos, como a sucção, por exemplo. Em algum momento, o prazer se dissocia da necessidade em si e gera essa satisfação (FREUD,

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

2016). Acredito que, neste ponto, a compreensão de Freud (2016) corrobora com aquela fala do professor Klain.

O desenvolvimento psicosssexual acontece ao longo desse processo, com fases e alvos específicos. Isso vai preparando o indivíduo para, posteriormente, subordinar os alvos ao primado do genital para a realização do ato sexual, com um objeto sexual. Esses períodos, junto com a latência e a puberdade, são importantes para o desenvolvimento de afetos que Freud (2016) chama de *ternura* e para a idealização da mãe ou do pai como objetos sexuais, irrealizáveis pela barreira do incesto. Isso gera o movimento para a busca, na maturidade sexual que o autor considera saudável, de um objeto específico e possível. Em situações ditas patológicas, com traumas ou fixações nas fases pré-genitais, o comportamento sexual e mesmo geral do indivíduo pode carregar neuroses e angústias ao longo da vida adulta (FREUD, 2016).

Esse conhecimento e aparato teórico e analítico da psicanálise foram importantes para a economia sexual, a vegetoterapia caracteranalítica e a orgonomia, bem como para seus desdobramentos mais contemporâneos. Como afirmei antes, a *flecha do tempo*, trabalhada em aula e workshop, despertou minha curiosidade e ampliou minha compreensão sobre o desenvolvimento psicosssexual. Entendi que as fases da sexualidade infantil mostram em que lugar do desenvolvimento, em que trauma, uma pessoa pode estar presa e como suas defesas se organizam pela rigidez e pelo *caráter*.

A sequência das aulas passou por essas bases, no campo da psicanálise, para a análise reichiana e seus desenvolvimentos ulteriores. Neste ponto, procurei me aprofundar um pouco mais sobre Reich e o pensamento funcional. Busquei leituras sobre sua história, sua técnica, alguns de seus conceitos, (BOADELLA, 1985; DADOON, 1991; WAGNER, 2022), a teoria do orgasmo (REICH, 1975) e a relação entre psicanálise e economia sexual (WAGNER, 2022).

Reich busca respostas para sua indagação inicial – *o que é a vida?* – nas mais variadas direções. Dentre as influências teóricas, filosóficas e científicas em seu trabalho estão os campos do materialismo histórico, da biologia, da sexologia e da psicanálise. Seu contato com a teoria e a prática da psicanálise foi importante para se aprofundar na questão da libido como

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

energia da pulsão sexual ou pulsão de vida. Isso contribuiu para desenvolver a teoria do orgasmo (BOADELLA, 1985).

Em 1920, Reich participa dos Seminários de Sexologia e se encanta com o desenvolvimento da psicanálise. Entre 1924 e 1926, escreve *A Função do Orgasmo*. Reich faz descobertas na clínica, a partir do estudo da sexualidade e da pulsão de vida. Observando a vida sexual narrada pelos pacientes, aprofundou a compreensão sobre o desejo e a realização do desejo.

O orgasmo tem uma função para a vida e compreender a vida sexual é fundamental em Reich. A entrega e a fantasia no ato sexual são determinantes na realização de uma curva orgástica: enquanto houver fantasia, não há entrega, pois o pensamento está funcionando. O orgasmo, a descarga orgástica, ocorre por um deixar fluir de sensações e percepções. Quando a experiência está na “cabeça” (cérebro/mente) e não no corpo, a experiência fica cindida ou desconectada e gera insatisfação. Essa situação, dentre outras que Reich (1975) levanta ao discutir o comportamento sexual, gera uma curva orgástica diferente ou distante de uma curva ideal.

A teoria da função do orgasmo, isto é, a compreensão do investimento de libido e de carga e descarga orgástica numa curva saudável (ou não) se constituiu pelos métodos de análise que Reich desenvolveu no curso de suas descobertas. Eles consistem – e formam uma metodologia – em análise sistemática da transferência e da resistência aos conteúdos e ao processo terapêutico. A ideia é ajudar o paciente a suportar os conteúdos e a análise e ser capaz de se abrir. Isso desembocou no conceito de caráter como resistência ao prazer.

Em meados dos anos 30, desenvolveu-se a metodologia da análise do caráter: não se trata, aqui, da construção de uma tipologia de caracteres para definir como ou o que uma pessoa é. Cabe, sim, fazer o percurso de análise que citei acima, considerando os aspectos biológicos e psíquicos do caráter, e compreender como a energia orgástica – a energia do pulsar de vida – está carregada ou em estase em regiões de rigidez no corpo.

O caráter é a estratégia de sobrevivência e proteção da mente e do corpo, determinada pelos traumas e fixações ocorridos no desenvolvimento psicosexual. A análise do caráter toca

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

diretamente nesses pontos, nessa resistência, antes de chegar aos conteúdos e lugares mais profundos. Aqui é onde começa, de fato, a psicanálise, não sem antes se trabalhar a resistência.

Analisar o caráter consiste em tomar consciência dos elementos do caráter – couraças caracteriais, psíquicas e musculares, que podem ser mais rígidas ou mais flexíveis – para que eles não atuem nas nossas relações de modo a sufocá-las. O caráter neurótico é rígido no sentido de dar sempre a mesma resposta. Trabalhando-se sobre esses elementos, busca-se uma melhor autorregulação que permita reestabelecer as pulsações e deixar o orgasmo acontecer com o máximo de relaxamento possível.

Assim, enxerga-se o *Si* por entre essas camadas e sua expressão se torna possível por uma estrutura de caráter sem rigidez, mais adequada. Em Reich, isso significa dissolver ou destruir o caráter e criar uma estrutura nova, próxima ao genital (o caráter totalmente genital é um tipo ideal), que dê vazão para a expressão, em vez de contê-la num modo de sobrevivência. O tratamento envolve a resistência psíquica e muscular, o discurso e a forma do discurso, o falar, como falar, o corpo, seu formato, suas posturas, suas reações.

No aparelho psíquico, o caráter está entre o pré-consciente e o inconsciente. A análise permite acessá-lo e entender o que faz alguém esconder um conflito de origem e se manter num estado regredido ou infantilizado. Aqui, permanecem as defesas em forma de resistência. Quando se retiram as defesas, aparece o conteúdo.

Durante a análise, quanto mais uma pessoa trazer o *Supereu* para o consciente mais recursos terá: estará mais consciente das crenças que aprendeu a partir dessa instância. Quando isso está no inconsciente, a pessoa fica mais à mercê do conteúdo internalizado como imagens ou memória visual de experiências. O que estiver no pré-consciente, estará enquanto memória que não tem repressão e fica registrado de forma linguística. Por isso é importante aumentar a faixa do pré-consciente para as memórias se tornarem mais linguísticas.

Dessa forma, a terapia acessa as quatro camadas a que me referi inicialmente: mecanismo de defesa/resistência, caráter, trauma e *Si*. Contribuir para que uma pessoa busque consciência de *Si* significa relaxar as suas defesas. Um possível caminho para alcançar esse resultado passa por: a) compreender que a pessoa está se defendendo; b) entender como e contra

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

o que ela se defende. Com isso, identifica-se a rede de resistências e defesas que formam o caráter: uma forma ou jeito típico de reagir. Ou seja, um agir/reagir condicionado, independente do que a pessoa esteja experimentando no momento. Assim se analisa a pessoa como um todo: a mente, o corpo e todas as dobras do tempo que esse conjunto é capaz de fazer.

Esse conhecimento e essa técnica se deram no processo de avanço das pesquisas de Reich, que foi transformando o nome da teoria e do método. Em 1934, tem-se a vegetoterapia caracteranalítica ou vegetoterapia de análise do caráter, até 1939. Neste período, houve análises diversas em laboratório, sobre fisiologia, excitação, libido e clínica. Antes considerada um investimento psíquico de energia, a libido passa a ser compreendida em seu aspecto físico, ou seja, enquanto energia física. A análise clínica compreendia, também, as movimentações. O que no início da década de 30 era visto como um aparato psíquico – a couraça do caráter – passa a ser compreendido, em 34, como uma característica corporal. Então, a couraça passa a ser entendida como couraça muscular do caráter.

Essas compreensões também permitiram entender a influência do meio cultural, social e político na formação da mente e do comportamento humanos. Nesse sentido, o tipo de tratamento que esse método de análise pode gerar tem uma dimensão sociológica e política.

Estudar a vida sexual dos pacientes também gerou compreensões sobre a construção social de uma sexualidade dita ativa naquela época. A análise do caráter o levou à conclusão oposta. Aplicando o pensamento funcional, Reich conseguiu agrupar as neuroses que tratou sob a unidade funcional da impotência orgástica, que resultava de experiências individuais sem um fluxo saudável de libido no que seria próximo de uma curva orgástica ideal. (BOADELLA, 1985; REICH, 1975).

O sujeito é quem manifesta essas desordens psíquicas e corporais, mas há uma conexão delas com o campo da sociedade e da cultura. As vicissitudes tratadas, que contribuíram para o desenvolvimento dessa teoria e técnica, estavam numa realidade violenta e repressora da sexualidade e do orgasmo. E isso não está muito diferente hoje. Essa correlação de forças entre sujeito e grupo, que impede uma curva ideal e ao mesmo tempo aprisiona na pré-geralidade, vai se expressando em outras dimensões da vida.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

Na dinâmica individual e sua expressão pelo sujeito – que se dá nas relações e, portanto, nos grupos – é possível ficar preso em pensamentos mais “selvagens”. O lugar do trauma, um tempo passado que se atualiza, pode gerar distorções da realidade, como bolhas. Isso resulta em sonhos mal sonhados. Ou em tentativas de salvar a família com o combustível dos impulsos edípicos. Como, por exemplo: seguir a vontade/tendência da família ou assumir a responsabilidade pelos pais, suas relações e seus conflitos. Para preencher os vazios de si mesmo que surgem nessas histórias. Nessa lógica, não há consciência sobre as origens das motivações. O que de fato se quer, se deseja, é desconhecido. Isso pode levar uma pessoa a passar a vida tentando ser quem acha que os outros querem que seja.

A terapia coloca isso em perspectiva para recalcular a rota com lucidez. Ela visa criar novas vias de aprendizado: descobrir os próprios desejos, sonhar bem os próprios sonhos e construir o que se quer da vida. Dar uma forma para os desejos que seja exprimível na realidade que o sujeito tem diante de si. O adoecimento é do indivíduo, mas acontece no grupo e se trata no grupo. O grupo é a cura.

A mudança social que o pensamento reichiano pressupõe traz uma crítica nessa ordem. Porque uma cultura repressora tolhe a potência orgástica individual e forma uma sociedade sem um desenvolvimento saudável para seus integrantes, apesar de uma possível aparência de bem-estar e progresso. O contexto histórico totalitarista que Reich viveu inicialmente, a sua participação e saída tanto da sociedade psicanalítica quanto do partido comunista, mostram o poder da repressão que ele buscou questionar (WAGNER, 2022). E também a vida manifesta em sua coragem de continuar o desenvolvimento apesar da resistência e do lugar marginal que precisou ocupar.

Reich seguiu sua indagação e sua trajetória rumo ao conceito de energia orgon e o desenvolvimento da orgonomia. A partir daí, abriu-se espaço para compreender o pulsar de vida como *bioenergia*, a energia que está em todos os lugares e faz pulsar tudo o que é vivo. Quando Reich vai para o laboratório visando experimentos sobre genitalidade com o objetivo de medir a excitação, começa uma caçada e uma campanha de difamação. Reich vai para os Estados Unidos, onde desenvolve a caixa de orgon e continua sofrendo críticas e perseguições. Em

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

1957, morre na cadeia. O trabalho de Reich se desdobrou posteriormente em áreas como a análise Bioenergética, Biodinâmica e Biossíntese, cada uma dessas disciplinas com seus representantes.

Não é possível conceber o pensamento de Reich sem extrapolar o limite do indivíduo e suas angústias. Todo o desenvolvimento que ele realiza sobre o princípio da *pulsão de vida* identifica uma energia primordial que está na natureza, na mistura de impulso, instinto e afeto, nos valores coletivos e no próprio cosmos. A essência da vida se expressa na síntese de seu encontro com a resistência à vida. A transformação que Reich propõe é alinhar sujeito, mente, sociedade e cultura com suas bases materiais dadas na natureza e no corpo. Com o pensamento funcional, Reich vai da psique no corpo à crítica do totalitarismo. Vai da pulsão sexual à sua essência como energia que movimenta células. Vai de uma ameba até o cosmos.

A partir do campo biológico do corpo e do cérebro, o professor José Carlos trouxe explicações que amarram a grande quantidade de conceitos e teorias acima numa visão ampla que tem uma crítica social importante. Ele trouxe reflexões sobre a era contemporânea para entender aspectos do cérebro e fechar uma perspectiva crítica.

A era atual é de desequilíbrio: uma vida fragmentada e marcada por produção e consumo em massa. O indivíduo é constituído mais para ser um consumidor do que um sujeito, a alimentação é envenenada e se vive uma poluição eletromagnética. O sistema nervoso está constantemente em trabalho árduo, porque há sobrecarga de informação. Tudo isso alimenta um sistema econômico e cadeias de produção. O que, por sua vez, está em sinergia com um sistema (ou sistemas) social, cultural e político.

Para compreender o estresse mental no seu nível biológico, foi importante entender a anatomia e a fisiologia do sistema nervoso: o cérebro, as redes de neurônios, os nervos e gânglios. Em seu aspecto dinâmico, trocas de energia dadas pelas sinapses e neurotransmissores. Essas linhas gerais podem se aprofundar e decompor em uma frondosa riqueza de detalhes. Porém importa, aqui, olhar para esse cenário como um todo.

Quero me ater a duas divisões importantes do sistema nervoso periférico: autônomo e somático. O sistema autônomo ou parassimpático é a parte que permite reações em situações

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

de estresse. Através do parassimpático, surgem reações de lutar, fugir ou congelar, cumprindo uma função de sobrevivência. O sistema somático, por sua vez, conserva energia, gera informação e cria memórias e crenças.

“As corporações se tornaram os pais e mães da humanidade” (anotações de aula) – disse o professor José Carlos. Considerando o *modus operandi* do sistema nervoso, seus componentes e suas divisões, o ser humano é altamente preparado para proteger a própria vida por um estado de constante alerta. Ao mesmo tempo, capaz de expressar a pulsão de vida a partir do relaxamento que busca naturalmente. É no relaxamento que a pulsão completa uma curva orgástica saudável.

Outra frase marcante da aula – “criança faz qualquer coisa por segurança” – contribui para a construção dessa visão crítica. O ser humano necessita de empatia, carinho e vida em grupo. Esse ambiente favorece o desenvolvimento mais saudável do *Eu* e das estruturas e componentes dos sistemas em discussão.

O mamífero humano busca, instintivamente, prazer, segurança e acolhimento e encontra isso nas mães e pais. Porém, a sociedade contemporânea, em linhas gerais, é de produção e consumo em massa. De bens, mercadorias, serviços, informações e até mesmo relações. O consumo – e a condição de consumidor – é a forma contemporânea para essa busca natural por segurança.

Quando as corporações assumem, num nível social, papéis parentais, sujeitam as pessoas a ficar na infância da consciência. Falo do papel parental de quem produz e provê, nesse caso, tanto o trabalho quanto a mercadoria ou informação que o trabalho produz. Acredita-se nesse holograma como se crê num pai ou mãe de carne e osso. Esse ser, senhor do conforto vendido e da infância perpétua e carente, alimenta, no fundo, a tensão e o estado de alerta pelo bombardeio de informação e atividade a que o cérebro fica sujeito.

Em termos da psicanálise, violência e perigo se internalizam sutilmente, na forma de *Supereu*, como um estilo de vida aparentemente agradável que esconde, porém, uma violência brutal. Nesse cenário, muitos comportamentos podem estar ainda buscando uma segurança

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

almejada na infância. A cultura em questão aqui vende uma vida que, de fato, é morte, pois suscita um nível muito alto de afastamento da realidade.

Por exemplo, estamos, atualmente, sujeitos a uma rolagem de telas interminável, que nos vende todas as opções de entretenimento, alimentação, comunicação (subtraída do contato humano), consumo de bens materiais, informação, educação, trabalho, dentre um universo infundável de elementos, todos convertidos em mercadorias. Ao mesmo tempo, a coleta de dados pessoais transforma humanos em uma função da tela, que representa um sistema que move indústrias predatórias, como o extrativismo de metais preciosos e a exploração de terras raras e ao avanço de um cenário político com uma agenda extremista. No nível do sujeito, o custo é o desequilíbrio, como discuto em seguida.

O sistema nervoso periférico somático é de natureza neuro-hormonal. A vida na sociedade de massas sujeita as pessoas ao excesso de experiências dopaminérgicas, ao estado de constante alerta, a “ficar na cabeça” e a negar a experiência de estar na Terra. A experiência na Terra, em corpos “aterrados”, numa vida com ciclos, permite o avanço da consciência.

Para melhorar os sintomas das neuroses, é necessário chegar ao corpo e à terra. Esse tipo de experiência estimula o desenvolvimento de humanos adultos, capazes de viver melhor a genitalidade, além de gerar potenciais de mudança no nível do sujeito, do grupo e, portanto, da cultura e da sociedade. Porém, isso coloca um *status quo* em risco. Não é à toa que Reich morreu na prisão e que falar sobre sexualidade é um tabu até hoje.

O modo de funcionamento da economia, da sociedade e da cultura precisa de consumidores. Então a humanidade tem desenvolvido, apesar do, nas palavras do professor, “verniz soft da nossa cultura” (anotações de aula) e dos aparentes avanços, um sistema nervoso não sintônico com a realidade. Um sistema focado num orgasmo futuro ou numa memória passada de segurança e relaxamento. Viver torna-se como o delírio de uma *timeline* infinita. O papel do terapeuta é contribuir para que a pessoa saia desse tipo de identificação e se abra para outro tipo de expressão.

Reitero: não tem como pensar a abordagem reichiana sem pensar uma transformação social. “A energia não deve ficar a serviço de um ser com uma identidade narcísica que deu

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

certo”(anotações de aula). Essa situação sustenta a neurose e carrega a rigidez do caráter muito além do saudável e possível.

Já mencionei que a sintonia da natureza e do corpo com a mente, a sociedade e a cultura podem formar um equilíbrio favorável para o fluxo saudável de uma energia que atravessa o cosmos. A energia orgon está dentro e fora do corpo.

Fora, ela se move livremente, sem massa, e permeia tudo o que existe. Corpos têm massa e dão forma a essa energia, ainda que o movimento diminua. O corpo e a estruturação muscular do caráter são também importantes para a expressão da vida ou do *Si*, desde que seja saudável. Isso se traduz muito bem na frase dita pela Susana, durante uma das aulas do primeiro ano: “o *Si* é um lugar muito sensível em nós e precisa de uma estrutura para se manifestar”. A força avassaladora da resistência – que o panorama do professor José Carlos trouxe – desequilibra a síntese do que se expressa a partir da equação *pulsção* versus *resistência*.

A angústia impede o corpo de se mexer, mover, torcer, gemer, ampliar, abrir e fechar. Junto com a ansiedade, prende e impede a pulsção equilibrada. Por isso, o grupo de movimento é tão importante para recuperar o equilíbrio, a partir do mais simples e evidente: como estão os pés e o corpo? O movimento dissipa o mal-estar, porém o custo disso para o caráter é melhorar. Outra frase valiosa em sala de aula: “O estar mal acaba se tornando função do caráter” (anotação de aula). Não porque o sujeito queira, mas porque isso é necessário para ele se desenvolver e sobreviver nas condições coletivas discutidas acima.

O levantamento e exploração das memórias e experiências que fiz até aqui formam, para mim, uma boa base para seguir com a construção de um projeto de pesquisa. Mesmo assim, não encerram todas as experiências e conteúdos importantes que o curso trouxe.

Então, continuo, afirmando: entrei uma pessoa nesse curso e estou me tornando outra. O trabalho sobre as minhas resistências tem trazido à tona conteúdos que muitas vezes nem sei colocar em palavras. E tenho lidado com a consciência sobre formas de expressão que não me cabem mais, porém que ainda não superei completamente. Talvez seja importante a consciência de que terei de lidar com algumas delas durante a vida, enquanto permito, ao mesmo tempo, novas expressões a partir do *Si*.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

O crescimento muito satisfatório e, a meu ver, bonito, que tenho vivenciado não deixa de passar por tensões, conflitos e, por vezes, crises. Desafiar as verdades que construí com a mente e o corpo tem sido... desafiador.

Tive a oportunidade de receber atendimentos nas duas aulas do professor Fernando sobre Bioenergética. Fiz um trabalho muscular importante sobre duas camadas de emoções: a raiva e a agonia. Antes de narrar as experiências, quero traçar algumas reflexões sobre as aulas.

Segundo o professor Fernando, Lowen foi o primeiro neo-reichiano, que trabalhou mais com o corpo e desenvolveu a Bioenergética. A base da Bioenergética é o modelo psicanalítico pulsional com as questões edípicas e de sexualidade. Como atualizações, traz a teoria das relações objetais e outras teorias psicanalíticas, como a teoria do trauma. Lowen se atém e se desenvolve sobre os conceitos de caráter, bloqueio e couraça.

Aqui, pensa-se o caráter com seus aspectos externo e inibido. Em linhas gerais, a energia que vem da pulsão recebe uma repressão que forma o ego e transforma o investimento de libido em superego. Isso forma o caráter e o traço de caráter. Ou seja, molda-se um caráter para se representar e, ao mesmo tempo, inibir o que não pode ser manifesto.

Considerando a atuação terapêutica de Reich sobre esse processo, pode-se estabelecer uma linha de desenvolvimento. A psicanálise levou à análise do caráter, a economia sexual levou à vegetoterapia caracteroanalítica e a orgonomia à terapia orgon.

Lowen se desenvolve a partir da orgonomia. Com toques nas couraças, Lowen começa a incluir um trabalho mais muscular, do qual surge a Bioenergética. O trabalho terapêutico em Bioenergética consiste em atuar sobre as defesas do caráter, manifestas também no corpo e em seus bloqueios. O objetivo é liberar a energia em estase.

Reich visava “destruir” o caráter formado e constituir um caráter genital. Na bioenergética, o reflexo do orgasmo é uma pulsão do corpo, ou seja, o orgasmo passando por um corpo cujos anéis (caráter) estão mais frouxos. Em Lowen, o reflexo do orgasmo não está tanto em primeiro plano. Para ele, todas as pessoas têm formas caracteriais. A questão central

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

é como fazer a energia fluir para a pessoa viver com o máximo de saúde possível. Nesse sentido, os exercícios de bioenergética consistem em:

- Grounding (e respiração);
- Exercícios expressivos;
- Contato;
- Alongamentos;
- Toques na couraça (que podem ser poderosos e mesmo doloridos).

Esses exercícios avaliam e desenvolvem os seguintes aspectos:

- Autoconsciência: quanta consciência e expressão a pessoa tem? Isso pode ser trabalhado no stool;
- Autopossessão: quanto o paciente está de posse de si mesmo e dos próprios desejos? Ele sabe o que sente? Tem contato e percebe o que sente?
- Autoexpressão: a partir do contato consigo, o paciente faz um grau de expressão? Aqui, o trabalho que gera catarse funciona bem.

De maneira geral, trabalhar com esses aspectos de consciência e expressão permite vir à tona os conteúdos dos lugares mais primitivos ou infantis. São lugares a que geralmente se fica preso, sofrimentos antigos que se reeditam nas narrativas da vida e das relações. A energia aprisionada na rigidez muscular do caráter mantém o movimento e a expressão nesse loop. Essas defesas (defesas hipotônicas) têm uma biopatia. E isso se manifesta em doenças.

A carga numa defesa/resignação caraterial – ou descarga devido a uma estrutura fraca – tem a angústia como forma para uma essência libidinal. O trabalho da bioenergética busca trazer isso à tona justamente para que a libido flua no seu lugar natural, que é o do prazer. Isto é, da alegria proveniente de uma pulsão de vida por um corpo que dá conta de uma realidade.

O encouraçamento das defesas consiste em músculos e sistema nervoso, então as couraças também estão no cérebro. As emoções carregam a libido: o medo leva para dentro, a raiva, para fora, a excitação, para os genitais. Movimento e psicologia formam uma unidade

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

funcional. A expressividade está no músculo, no movimento e no psiquismo. Trabalha-se a musculatura para ajudar o paciente acessar a emoção.

A organização do aparelho psíquico se dá pelo caminho analítico e pelo caminho corporal ao mesmo tempo. Com a análise, chega-se às emoções pela porta de entrada do *Eu* e seus discursos. O trabalho sobre o corpo, que envolve movimento e metabolismo, visa recuperar a expressividade e a capacidade de carga e descarga adequadas.

O caminho analítico permite observar o que “está na cabeça”. O discurso mostra as resistências e também desvela a emoção, que é o alvo. Aqui está a possibilidade de carga e descarga da libido: compreender a intricação das resistências e, aqui, qual o percurso do tratamento. Se a pessoa é rígida, ajudar a perder o controle. Se é fragmentada, ajudar a conter.

Isso só é possível – ou torna-se possível de maneira mais profunda e expandida – quando se inclui o trabalho sobre o corpo. A emoção está expressa e reprimida no metabolismo energético e no movimento. Quando um movimento não pode ser expressivo, quando o corpo não tem mobilidade, a vitalidade é menor. A emoção fica mais ou menos contida. Então, o trabalho da musculatura, da estrutura que recebe e processa o que vem das vísceras, permite a carga e a descarga. E, assim, dentro de uma realidade, um corpo cuja expressão seja saudável. A análise precisa se ater e atuar em toda a expressão corporal para o tratamento.

Por exemplo, numa sessão em que um paciente progride e regride numa oscilação pendular, cada pólo tem um aspecto distinto. De um lado, pode haver um aspecto neurótico mais rígido, que se expressa externamente. De outro, a contra-face do caráter, que é o lugar mais infantil e primitivo. O percurso para tratar esse quadro é observar em que pólo está o paciente e tomar uma decisão: regredir para progredir ou progredir para fortalecer.

Em 2023, recebi um atendimento que trabalhou com uma emoção mais progredida. Eu tive a oportunidade de experimentar a raiva que eu estava sentindo, direcionada como impulsos de agressão a uma pessoa. Acessei a emoção e, por meio da raquete e do *stool*, pude gerar uma carga e uma descarga que resultaram numa vibração em meu corpo. A carga emocional que estava aprisionada no meu corpo e em *loop* no meu pensamento se dissipou nos dias que se seguiram. O problema e o desconforto que eu tenho com a pessoa em questão não

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

desapareceram. Porém, eu dei lugar e vazão para o desconforto num *setting* seguro, então, não fiquei mais preso a uma situação passada, nem com o corpo, nem com a mente.

Já em 2024, trouxe para a análise uma questão de relacionamento, que me gerou bastante angústia, indignação e raiva. Na primeira etapa da análise, tive uma visão externa sobre a minha angústia, em que o terapeuta sustentava a minha indignação. Em sua leitura, observou um contexto em que sofro um tipo de abuso ou manipulação. Não concordei completamente: minha indignação e raiva tinham fundamento, mas eu acredito que precisaríamos conversar por mais sessões para entender o que de fato é abuso e quando o papel de abusador pode ser tomado por cada pessoa numa relação, por exemplo.

Mesmo assim, a conversa permitiu ao Fernando perceber como o meu olhar sustentava e direcionava raiva. Corroborando com minha indignação, a análise permitiu que eu começasse a acessar mais intensamente essa emoção. Num *grounding* invertido com as pontas dos dedos em garra no chão, comecei a gritar e expressar a minha raiva, primeiro mecanicamente, depois deixando de fato uma energia represada fluir. Isso foi tomando a forma de um grito de tristeza, desespero e agonia, uma camada mais profunda. O Fernando chamou de um “grito de dor agonizante”. A situação narrada e o discurso têm grande importância. Porém, essa agonia, esse lugar mais regredido que o caráter “protegia”, foi o ponto de contato fundamental para essa sessão. O acesso permitiu, mais uma vez, uma descarga que tirou o tema de um *loop* na minha mente.

A boa estruturação do *Eu* passa por contatos com conteúdos e emoções, como acima, para dar conta dos sentimentos que provêm desses lugares mais infantis. Isso representa deixar a criança no lugar dela e se representar no mundo como pessoa adulta e saudável. Ser adulto é saber estar sozinho e saber estar com outra pessoa numa troca afetiva com vínculos profundos. A Bioenergética contribui para se colocar o adulto do lado de fora para se relacionar, e deixar os impulsos da criança no lugar deles.

A Biodinâmica também acessa conteúdos por meio do contato com as couraças musculares, sem necessariamente trazê-los à consciência. A percepção e a sensibilidade do

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

terapeuta vão guiá-lo para realizar toques que mobilizam o peristaltismo e seus sons perceptíveis.

Tivemos descrições detalhadas e relatos sobre massagem biodinâmica em aula. A professora Sandra citou as ferramentas possíveis de trabalho, como escutar o peristaltismo e identificar a rigidez, descreveu os tipos de toque e o que se deve observar ao longo do processo.

As ferramentas básicas se destinam à acomodação do paciente e à escuta do peristaltismo: estetoscópio (com ou sem estroboscópio) e maca. O procedimento consiste em dar uma volta ao redor do paciente, conforme necessário, ouvir os sons do peristaltismo e o possível encouraçamento. Pode-se fazer uma descrição do peristaltismo, verbal ou na forma de um desenho.

O toque depende muito da sensibilidade do terapeuta. Deve-se observar o tônus muscular, a coloração da pele, a qualidade da respiração, o relato do paciente, a sua resistência (que precisa ser entendida e respeitada), bem como o olhar. Considerando esses aspectos, o terapeuta vai formando a intenção que precede o toque.

Os movimentos de massagem, que começam pelas mãos, pés e cabeça, têm toques que variam conforme essa intenção: deslizar, amassar, friccionar, realizar *taps* com a mão em concha, dentre outros movimentos. Durante a massagem, busca-se o “barulho de riacho”, de uma descarga que flui e equilibra a energia. Quando há bloqueios, há estalos e rangidos. Além da intenção, a energia mobilizada deve ter um equilíbrio de polaridade e distribuição pelo corpo e a massagem precisa de um ritmo para atingir locais e camadas internas. Os tipos de toques são escolhidos de maneira a se produzir uma curva orgástica.

É importante ser analista além de massagista, pois o toque desencadeia emoções. Na relação de transferência – que demanda a sensibilidade descrita – a pessoa vai se traduzir e isso também precisa de observação. Um paciente pode traduzir mais o sofrimento do que o *Si*. Da palavra ao corpo, pode-se chegar a uma tradução do *Si* que acalma. Isso acontece numa dinâmica de troca orgonótica, num giro do terapeuta em si mesmo e no paciente.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

Com adaptações para o ambiente e as turmas do Raiz, colocamos a massagem biodinâmica em prática. Foi interessante sentir tanto os fluxos quanto os pontos de rigidez durante os toques. Ao mesmo tempo, senti um pouco de dificuldade para fazê-los, uma certa inibição ou insegurança sobre como estava aplicando.

Mesmo assim, pude perceber como uma parte do corpo da Laís, colega de curso, estava “pedindo” para receber um toque específico. Com auxílio da professora Sandra, entendi como fazer um movimento de ajuste e relaxamento, segurando e dando contorno aos ombros, acolhendo-os com a superfície das palmas das duas mãos, em conchas, e fazendo um movimento para trás.

A experiência dos toques que recebi da Laís também foi muito forte. Quando senti as suas mãos acolhendo minha nuca, chorei muito. Aquilo mobilizou uma angústia muito profunda e trouxe lembranças do meu pai. Lembro bem que a professora, auxiliando a Laís, perguntou-me se eu queria falar sobre o que estava sentindo e respondi que não. Mais tarde, ela levantou esse tópico em aula, como já citado: a resistência e os limites do paciente, durante a sessão, devem ser respeitados. Os resultados dessa massagem se prolongaram por muitos dias, foi uma semana em que chorei muito. Parece que chorei dores antigas, que atribuí a alguns fatos da minha vida (por exemplo, um acidente que sofri em 1997). Quanto mais eu chorava, mais espaço se criava no meu tórax.

Fechamos essa experiência marcante com um exercício de escutar a barriga, como já tínhamos feito em outro grupo de movimento. Lembro-me que naquela ocasião, falou-se sobre a ancestralidade e antiguidade dos seres que habitam nossas vísceras. E, ainda, sobre o fato de que o pensamento também faz parte das vísceras e do coração. Não consigo me lembrar do que eu desenhei quando escutei a barriga da Laís, mas lembro bem do desenho que ela fez da minha barriga. Era um cômodo antigo, tinha portas e janelas abertas que mostravam um fluxo líquido e, se não me engano, algumas plantas, num movimento que para mim soou como limpeza e renovação.

O fluxo de renovação que aquele desenho revelou representa uma abertura para um tempo fora da fixação. O *Eu* tem três dimensões e o *Si* é uma manifestação em profundidade. É

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

a quarta dimensão, a temporalidade. “Se não posso acessar a temporalidade, não posso acessar a realidade”. Essa foi uma das falas da Susana no fechamento do segundo ano de curso. Essas falas anotadas, junto com as aulas da Cristina Coltro, trouxeram um percurso de aprendizagem sobre Biossíntese.

A biossíntese atua nas camadas embriológicas, chamadas de endoderma, mesoderma e ectoderma. Tanto o pulsar de vida quanto o caráter se formam em uma pessoa desde de a sua vida intra-útero e se manifestam nesses três níveis, determinando o que pode ser chamado de campos da vida.

O sistema ectodérmico se desenvolve em cérebro, pele e órgãos dos sentidos. É como um *radar* para a sensibilidade. Ou seja, registra o que se percebe, o fluxo das percepções, permite o desenvolvimento e também erige as defesas.

O sistema mesodérmico tem células que formam ossos, músculos e o sangue. Essa camada vai dar suporte, estrutura, permitir que aconteça o movimento e que as ações se manifestem.

O sistema endodérmico é formado pelos sistemas digestivo e respiratório. Ele dá passagem para as emoções e permite a manifestação dos sentimentos.

A Biossíntese busca destrinchar o ser relacional que somos, a partir de um entendimento desses sistemas. O objetivo é acessar o *mais verdadeiro* no *Si* para se chegar à essência de quem se é. Considera, ainda, alguns aspectos do ser humano que lhe cabem: é um ser motor, energético, relacional e imaginativo. Quanto ao corpo, tem senso de conexão, de contato e de contexto.

No equilíbrio, um ser humano consegue manifestar esses aspectos e sentidos com um grau de estabilidade. O desequilíbrio desconecta esses aspectos, bem como a perda dos sentidos. Por exemplo, o movimento impulsivo não se conecta com o interior e profundo na pessoa.

A ideia do tratamento em Biossíntese é trazer movimentos mais naturais e orgânicos. Como o movimento atento e presente com a respiração E, também, a atenção à fluência do corpo, bem como o reconhecimento de sensações, energia e pontos de apoio.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

Outro aspecto importante é o sentir, o conectar-se, relacionar-se. Nesse campo, o movimento pode ou não ter direção. A pergunta básica é: “como se está dentro de si mesmo”? Seguida por “tenho claro como me relaciono”? E, por fim, a questão “tenho claro o que a presença do outro me faz?”

O senso de contexto são as imagens e linguagem utilizadas para comprar e relembrar a história pessoal. É aí que se percebe onde e como se construíram as autoimagens. Observa-se a palavra e a forma de falar e, também, a tirania manifesta no discurso, que vem da forma como uma pessoa é educada para se moldar ao meio social em que vive.

O ser humano tem uma formação, uma constituição e um metabolismo. A personalidade se compõe de camadas sutis, histórias, proximidade e não-proximidade. E tudo isso tem uma dimensão psíquica e uma dimensão biológica. Nessa composição, têm-se *insight*, criatividade e sexualidade.

Insight é uma informação que não passa pelo neo-córtex, mas aparece e surge com protagonismo. Isso está relacionado com a criatividade e a sexualidade. Uma criança que não pôde ou não teve permissão para ser criativa assim, também não pôde acessar a sensação, as vísceras, a sexualidade e o desejo. E, da mesma forma, não pode acessar o *Si* como quarta dimensão. Fica à mercê do ordenamento externo e sai da linha do tempo atual, pois está presa ao tempo do trauma, à fixação.

No *setting* terapêutico, um paciente pode precisar falar muitas vezes sobre o mesmo assunto por estar preso em outro tempo. Isso precisa de acolhimento com paciência. O *Eu* se protege na terceira dimensão. “O *Si*, quarta dimensão, tempo, quando alcançado, dá condições para uma leitura complexa e analítica do caso?” (anotação de aula).

Essa pergunta serve para o paciente e, principalmente, para o terapeuta, que entra no tempo junto com o outro. E deve analisar o tempo mostrado no que se apresenta. Outras perguntas importantes durante a observação:

Em que tempo vem a situação?

Em que realidade vem a situação?

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

O discurso e a leitura têm uma constituição estratificada e o terapeuta cuida da fala, que vem em camadas. Em que lugar e que tempo a pessoa está quando se apresenta?

Em resumo, o *Eu*, uma estrutura que defende, é um subsistema do *Si*. Ter um corpo só é possível porque existe um tempo. A análise dos mecanismos epigenéticos e da potência do *Si* permite se expressar com saúde. Recuperar a presença do *Si* é trazer mais proximidade e mais *insight*. A pessoa pode não estar no *Si*, mas o *Si* está na pessoa o tempo todo. É importante estar constantemente em diálogo com o *Si*.

O padrão de comportamento e relação tem um traço de caráter e um funcionamento. A relação pode ter uma mente de traço de caráter. O ser humano que se pensa sabe quem é nessa junção da terceira com a quarta dimensões. E assim tem mais potencialidade para manter uma curva orgástica. Sem a curva, as coisas começam e se quebram.

Às vezes, o movimento de um corpo, de um grupo ou da vida não acontece porque o caráter não deixa. O caráter é quem decide que não quer se mexer. A solução da rigidez se busca no trabalho com novos movimentos, que surpreendam o corpo, trabalhando nas suas resistências e o “relembrando” da pulsão natural, embrionária.

Sem musculatura, o pensamento se erige sobre as vísceras o tempo todo. Quando falta uma coluna e uma musculatura cujo conjunto compreenda um equilíbrio entre força, flexibilidade e sustentação para o movimento da energia, os impulsos que vêm das vísceras geram pensamentos da mesma qualidade: bastante primitivos. As manifestações do inconsciente, ao se moverem num conjunto mente-corpo capaz de processá-las desde as vísceras até o tórax e a cabeça, permite sentir mais prazer e uma expressão mais equilibrada nos sentimentos, pensamentos, palavras e atitudes.

Uma pessoa orgonótica tem base. Uma pessoa que não tem chão está desorgonótica. O grounding, a observação e o tratamento da postura e da expressão do movimento são fundamentais aqui. Nós temos pensamentos primitivos e pensamentos saudáveis. O pensador saudável é capaz de *pensar os pensamentos*, o que exige musculatura para sair das vísceras, tendo trabalhado o endoderma. O pensamento saudável não investe em algo que não vai acontecer.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

Em outras palavras, é pensar com a consciência sobre o que é fantasia e o que é realidade, tornando possível suportar a frustração. Esse deve ser o direcionamento do trabalho, porque a incapacidade de suportar a frustração leva a escapar ou fugir das situações da vida. Foge-se do simples e do óbvio, dados do real, em direção à fantasia, que está ligada à fixação e ao trauma.

O inconsciente é rápido e tem precisão para fazer o que quer ou precisa sem sabermos. Ele age depressa, antes que percebamos, por isso a importância de pensar os pensamentos. O inconsciente é de extrema competência. Por exemplo, o controle inconsciente trava e desarticula. Além da análise que o grounding permite, aqui, o que Boadella (1996) chama de *facing* e *sounding* são elementos importantes para compreender a articulação entre a musculatura, o olhar e a voz.

A metáfora é bastante importante como ferramenta de compreensão do discurso e do comportamento. Trabalhando-se com a linguagem do relato, é possível entender a camada a partir da qual a pessoa está se manifestando. E, assim, fazer os convites para atravessar problemas e situações.

As falas e as dinâmicas são carregadas de um significado profundo, de uma simbologia. Os símbolos permitem modelar o que se fala e faz na sessão. Por exemplo, pode haver toques relacionados aos elementos:

- Terra: firmeza e contorno;
- Água: vai dentro dos fluxos, suave e leve, na direção que flui;
- Ar: sutil, acompanha a respiração;
- Fogo: passa calor; aquece.

Além disso, a respiração pode se conectar também aos elementos:

- Terra: inspira e expira pelo nariz;
- Água: inspiração pelo nariz, expiração pela boca;
- Ar: inspiração pela boca, expiração pela boca;
- Fogo: inspiração pela boca, expiração pelo nariz.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

Todas essas técnicas e formas de leitura formam uma abordagem sobre os campos da vida, visando permitir que aconteçam as transformações necessárias. A pessoa passa a se suavizar, a olhar as pessoas de outra maneira. O terapeuta, por sua vez, desenvolve uma sensibilidade maior com os movimentos do que com o discurso. E, assim, pode-se montar um contexto a partir da demanda trazida.

A paisagem permite entrar na cena e na fantasia da pessoa. O desenrolar da cena ocorre como uma espiral. Alguns elementos são importantes para criar a paisagem e se desenvolver a cena:

- Pode haver um objeto ou estímulo para começar, como, por exemplo, um desenho, seguido de uma pergunta sobre o que se sente ao olhar;
- Levantar uma hipótese sobre a cena, escutar o paciente e perguntar o que ele sente no corpo. E, então, perguntar ou concluir o que se relaciona ao pai ou à mãe;
- A cena pode apresentar uma polaridade que deve ser observada. Segue-se uma evocação da memória da pessoa: “quando você se sentiu assim?”;
- Pode surgir um sentimento, uma dor ou um incômodo. O que surgir é observado, experimentado e recebe apoio. O objetivo é chegar num ponto que coincida com a queixa inicial e permita trazer uma pergunta.

Termino este garimpo com a lembrança de uma tarde tranquila, deitado à rede, observando o meu pé. Percebi que ele tem mais curva, que a tarde estava adorável e que aquele momento, em solitude, abastecia-me para lidar com as relações e a grande quantidade de atribuições e preocupações cotidianas que eu enfrentava no momento. Essa percepção, com certeza, resultou do trabalho contínuo que tenho feito sobre mim para viver melhor e com espaço para tudo o que surgir.

Lembrei-me, ali, de todo o tempo que o cajado ficou comigo e de como foi significativa a caminhada pelas águas, até chegar à lama. A força da descarga que se desencadeou lá. Foi uma grande integração de tempos da vida poder levar aquele cajado para viajar, de fazer um pouco de arte sobre ele, de entregá-lo.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

E sinto profunda e fortemente em mim, a transformação da jornada do herói. A cada momento que me lembro do núcleo, da estrutura elementar que ele revelou sobre as narrativas da minha vida, sou capaz de fazer viver as mudanças. Pequenos detalhes a cada momento, posturas, formas de receber o que vem “de fora”, “do outro”, o que e como falar, a calma, ser cada vez mais um agente que desarticula a peste emocional. O que é um grande desafio, precisa vir à consciência a todo momento, pois o caminho contrário já está internalizado e pronto para se reproduzir.

Nessa consciência e buscando me conectar à transformação que faz fluir a energia da vida, relato, a seguir, os impactos do Raiz em meu trabalho e início, a partir daí, minha proposta de pesquisa.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

3. RAIZ E PROFISSÃO

Tenho uma profissão que me traz mais dinheiro, mas que eu não sinto que me complete: a função de recepcionista na Câmara Municipal de São Carlos. Estava num grau de insatisfação muito grande com esse emprego e sua falta de sentido para mim, até pelo menos a metade do curso. Um dia, muito insatisfeito com vários problemas que estavam acontecendo na minha vida, muito magoado, fiquei mais recolhido, à mesa durante o intervalo antes da aula. A Susana percebeu e depois de uns toques eu comecei a falar para sobre minha insatisfação. Eu realmente não estava aguentando. Recebi um forte incentivo para entrar para um grupo de movimento semanal, fiz isso e, com o tempo, as coisas começaram a mudar.

Acredito que já estava mudando desde antes, pela forma diferente que eu me percebia tratando os munícipes, principalmente com o olhar. Mas tinha muitas coisas insuportáveis. Eu fui entendendo gradativamente o motivo de não gostar e de fazer julgamentos sobre o que acontecia no espaço de trabalho. Normalmente, no que conflitava em relação ao que eu tinha internalizado como “regra”. Além disso, eu queria mais, sem ver as oportunidades de crescimento e mesmo os privilégios disponíveis. E, a partir disso, eu ficava com raiva das pessoas ao redor e não conseguia me sentir pertencente.

Não seria isso uma necessidade de aceitação e de pertencer, que me atravessa e sinto em outras áreas da vida? Ou, quem sabe, uma busca desesperada por ser importante e ser amado, que pouco tem a ver com aquele ambiente e aquele serviço? Cheguei a esses questionamentos ao longo de mudanças internas que ainda estão em curso. Perguntas como essas foram e são importantes para eu relaxar na posição que tenho aqui, no cargo, tempo que preciso ficar aqui, modulando a maneira e a intensidade de me relacionar com os mundos externo e interno.

No cenário externo nada mudou, mas ali tenho sido capaz de perceber e me expressar com outra postura. Entendendo-me como ser humano, entendendo meu papel na Câmara e aprendendo a tratar todas essas pessoas como o servidor público que sou.

Passei a relaxar os meus julgamentos e raivas porque relaxei, na minha mente, as noções do que “é certo” e mesmo do que “é regra”. Fiquei mais flexível e ao mesmo tempo passei a desfrutar melhor dos meus privilégios nesse espaço de trabalho. Um cenário de isolamento e

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

desconfiança se tornou um lugar de parceria e segurança. Eu comecei a sentir satisfação, aceitação e pertencimento no meu local de trabalho, ainda que tenha seus limites. Minha fonte de angústia se tornou um potencial para uma mudança maior. Certamente, relaxei dos totalitarismos em mim.

A Câmara Municipal é apenas um dos meus trabalhos. Eu também sou tradutor, revisor e editor para textos técnicos e científicos. Ao longo do curso, tenho desenvolvido capacidades para lidar melhor com equipes e com a grande pressão pela qual tenho de passar com uma empresa, a maior cliente atual dos meus serviços.

É uma consultoria que trabalha com textos escritos por muitas pessoas e tem prazos curtos. Isso gera um grande estresse e, muitas vezes, eu entro em padrões de desatenção e de vontade de desistir. Mesmo ainda não tendo conseguido superar completamente esses comportamentos, consigo suportar melhor a carga da tensão e, na descarga, integrar as dificuldades e erros para ajustar com a equipe e seguir progredindo na forma de trabalhar com eles. A relação com essa cliente proporcionou um desenvolvimento técnico e uma forma melhor para meu trabalho com texto. Enquanto eu fazia o curso no Raiz, transformei o meu freelance num empreendimento registrado, o que abriu um campo com mais oportunidades de trabalho e, portanto, mais ganhos.

Por fim, quero mencionar o meu trabalho no Instituto Espiritual Xamânico Flor de Lótus. Atualmente, ocupo o cargo de vice-presidente dessa casa e lá sou corresponsável por uma equipe e por algumas atividades que acontecem regularmente. Basicamente, preciso estar disponível para fazer orientações musicais, preleções e, ainda, ancorar o campo das nossas atividades quando o Willian, dirigente da equipe, precisa se ausentar por algum motivo. Além disso, sou responsável pela condução de uma atividade quinzenal que tem um *setting* específico, é orientada por uma *setlist* musical e aberta por uma preleção ou um diálogo inicial. Muitas vezes, as *setlists* contam com material em áudio que produzo a partir dos meus estudos relacionados aos temas e conhecimentos que abordamos na instituição.

Quando eu comecei o curso no Raiz, estava num estado de tensão muito grande com o dirigente e com a condução do instituto. Principalmente pela angústia da mistura entre pessoal

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

e profissional que essa relação aparentemente me causava. Isso me deixava muito desconfortável na posição que eu ocupo e na parceria com o Willian, além da conexão muito mais importante, que é uma amizade profunda e extensa. Naquele momento, isso não importava. A peste emocional e a rigidez de um “dever ser”, que eu mal consigo comunicar em palavras, me mergulhavam numa mistura de respeito com rancor, de prontidão com medo, de interação com isolamento. Nessa confusão, muitas vezes agi de forma a gerar conflitos, em virtude da imensa dificuldade para comunicar minhas angústias. Foi ao longo do curso no Raiz, em paralelo com nosso progresso enquanto instituição, que pude ir baixando e relaxando as defesas, encontrando conforto em minha posição e angariando forças para, de fato, guiar a instituição lado a lado com meus três parceiros da diretoria.

Eu consegui sair de uma total desconfiança e tendência à ruptura para um movimento de união e expansão de um trabalho bastante sério e importante para nós e para nosso público. Entrei no curso buscando, tacitamente, uma cisão. Estou saindo com a consciência de que estou ao lado dos meus maiores amigos, tendo a honra de realizar todo o trabalho que me é dado desempenhar ali. Somente isso já é um caso de sucesso da metodologia, perspectiva, teoria e prática do Raiz com um impacto individual e coletivo. Mais adiante, também falarei sobre o grupo terapêutico que ajuda a contar a história desse tratamento que recebi e, em alguma medida, pude estender.

Os recursos que adquiri no Raiz contribuíram para todas as atividades que eu exerço no Instituto. Consegui consolidar um processo que já vivia há muito tempo. Antigamente, minha dedicação ao Instituto era muito intensa e muito calcada numa necessidade de ser aceito e de me fazer importante naquele lugar. Isso encobria uma mágoa por um conflito e toda uma forma de relação que esse conflito gerou. Também encobria um medo muito grande de ser ajudado pelo grupo e de ficar sozinho. Essa necessidade de ser amado, essa noção de amor, que preciso trabalhar ainda muito.

Mesmo com as crises e dificuldades, nos últimos dois anos, eu vim modificando minha relação com o Willian, a equipe e a instituição. Encontrei um domínio com bons limites para a minha atuação ali, focado especificamente nas atividades quinzenais, no suporte a questões

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

mais específicas da diretoria e da equipe, bem como na presença que me é possível dentro desse grupo. Além do grupo de homens, que é o mais recente dos trabalhos e das formas de relação e pertencimento.

O foco do grupo hoje é colher as emoções e as histórias que os integrantes estão passando, ancorando as falas seja com um tema, seja a partir de alguma demanda que esteja pressionando algum dos participantes. Tenho certeza de que as vivências em grupo de movimento e os aprendizados práticos sobre escuta que tivemos até aqui já contribuíram para seu desenrolar.

Esse grupo merece ter a sua história contada e merece ser objeto de pensamento analítico e de um projeto para que se desenvolva com mais direção e aprofundamento. Penso que uma descrição da breve história sobre as experiências desse grupo, por meio do levantamento de minhas próprias memórias e de um caderno de campo sobre sua fase mais recente, vai trazer compreensões sobre seus contornos, discursos, movimento e pulsão.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/>
Acesso em: _/_/

4. CAPÍTULO DO GRUPO

Início: um grupo, para ser grupo, precisa estar inteiro.

Se nos encontramos aqui,

foi porque o Universo tem um plano comum para todos nós.

Se nos encontramos aqui,

foi porque estamos sintonizados uns com os outros.

Se nos encontramos aqui,

foi porque queríamos cuidar de nossas raízes

para crescer, florescer e frutificar.

Obrigado por compartilhar de momentos tão significativos conosco.

Então, no encerramento desse ciclo de aprendizagem,

desejamos que sua terra seja fértil,

que suas raízes se aprofundem cada vez mais,

que você floresça, dê frutos saborosos

e espalhe sementes vigorosas ao seu redor e que,

juntos, cultivemos uma floresta de muito amor,

compreensão, acolhimento, saúde e felicidade.

Boa jornada.

Abrços.

Mensagem escrita pela **Rute**, *in memoriam*, em novembro de 2022, para homenagear a turma do terceiro ano que se formava naquele ano. *Nossa eterna amizade.*

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

Quando eu penso na turma do terceiro ano de 2024 eu penso na palavra: **AMOR**

Você acredita em amor à primeira vista? Eu não. Mas já acreditei. Hoje penso que o amor à primeira vista não passa de uma ilusão. À primeira vista, a gente ama histórias que a gente inventa sobre o outro e quase nunca elas são reais. Eu não amava essas pessoas quando as encontrei. Quando nos conhecemos, o que percebi mesmo foi o quanto éramos diferentes. Em idade, em formação, em profissão, em trajetória, em gostos... Pouca coisa parecia nos unir. Tivemos a oportunidade de imaginar histórias sobre cada um de nós e depois tivemos a oportunidade de “desimaginá-las”. Funcionamos por um tempo como um aglomerado de pessoas e não um grupo. Talvez como um aglomerado de células que se multiplicam de forma aparentemente caótica num embrião, antes de virar feto. A Susana às vezes fala sobre a existência de uma inteligência da vida. Algo que, de alguma forma, guia e organiza tudo. Então, aos poucos fomos nos conhecendo. Fomos nos abrindo, nos entregando, nos mostrando vulneráveis. Fomos virando grupo. Fomos construindo esse amor. Essa cola que nos une. Fui me emocionando com cada história contada ou revelada. Fui me sentindo parte. Fui me reconhecendo tantas e tantas vezes. Havia e há um pouquinho da minha história em cada um. Fui me apaixonando. Fui entendendo que, quando você tem a oportunidade de conhecer verdadeiramente alguém e a sua história, é impossível não se apaixonar. E isso me faz pensar que, então, eu posso amar cada pessoa que cruza o meu caminho.

Todas essas pessoas carregam dor, superação, medo, ansiedade, raiva... E também alegria, leveza, vontade de viver, de partilhar e estar junto. Penso que fizemos e ainda estamos fazendo uma linda jornada. Sinto um prazer e um orgulho imenso de compartilhar esse pedacinho da vida com essas pessoas que se tornaram tão queridas. Reich fala sobre habitar o tórax. Sobre se abrir para o sentir. Sobre flexibilizar as corações. Sobre deixar a vida pulsar no seu ritmo. Eu, que sinto tanto e tanta dificuldade tenho em deixar fluir... Que perguntei como abrir as comportas das emoções represadas sem destruir tudo... Que sonho em estabelecer relações mais pautadas pelo amor do que pelo medo... Olha só! Cheguei até aqui com vocês. Amando e amando tanto. E amando mais, verdadeiramente, a cada dia. Acolhendo e sendo

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

acolhida. É muito boa a sensação de um coração que cresce e que ainda tem tanto espaço. Não teria outra palavra para falar da gente senão AMOR.

Por Lígia

*

RESSIGNIFICAR

Ressignificar o Amor, aprender com o grupo que o Amor tem que ser para o outro, todos os dias, todos os momentos, e não um amor narcísico, de tentar estar em um grupo para satisfazer os próprios desejos. Aprendi a escutar esse grupo, coisa complicada, ficar em silêncio, ouvir o silêncio de dentro da alma, abrindo vazios, expulsando as ideias, à espera do pensamento essencial. Na espera do pensamento, ouvimos a música que nos faz chorar de tão linda, ficar perto de quem sabe tirar a melhor música de você. Amizade é isso, grupo é isso.

Por Liz

*

APRENDENDO COM CADA ‘UM’ de ‘NÓS’

O que me marcou muito nesse grupo é como a história do outro toca na minha história e, nas nossas histórias, quantas vivências em grupo de movimento, em toques, em aprendendo nos atendimentos, em conversas no café...quantos encontros profundos...

Augusto nos toca quando conta, com sua história, como um Homem precisa de um olhar de compreensão na sua fala e nos seus gestos.

Ana Paula, quando nos brinda com “o brincar de viver”, nos traz a sabedoria do diga, “Sim” à sua imaginação, a arte de sorrir cada vez que o mundo diz “Não”.

Janaina, já disse a que veio... seu caderno de anotações, percepções, observações, transforma em fala, escrita com precisão e poesia os mais profundos sentimentos do que vivemos e, às vezes, não conseguimos dizer.

Kelen, com seu olhar atento, muitas vezes complementando a teoria, trazendo sua percepção, sensação e nos ajudando na compreensão dos temas

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

Laís, com suas “pausas”, nos mostra que é necessário não brigar com a necessidade do descanso, fundamental para o “despertar” de um novo ciclo cheio de energia e sonhos.

Lígia, com sua poesia e arte, nos convida a ver que está para além do óbvio, nosso dia a dia, tem muito, amor, romance, suspense, drama e tantas coisas mais, em que podemos escolher entre atuar ou protagonizar nossa própria história.

Liz, nos mostra que podemos ser mais amorosos e compreensivos (com a gente mesmo) conosco e assim podemos também ser melhores para o outro e nos tornarmos mais leves para nossa “dança ciranda” da vida.

Mônica, quanto a sua quietude nos faz refletir sobre a coragem de acessar nossas memórias mais profundas e, a partir desse mergulho, acessar a cura para nossas dores.

Roberta, sua curiosidade, indignação, alegria, estabamento (risos...) nos traz empatia, ressonância de como é gostoso ser quem a gente realmente é e ter um grupo que nos acolhe.

Rute... nossa, minha companheira de quarto, de vivências, de corpos, de toques fortes, de acolhimentos e ensinamentos, de que não precisamos ter vergonha de nos mostrar como somos, da coragem de viver tudo que pode ser vivido e, mesmo não estando mais fisicamente presente entre nós, se faz presente no exemplo de sua entrega a cada encontro.

Por Angélica

*

ALEGRIA

A alegria que sinto quando estou com a minha turma é indescritível. Cada risada compartilhada, cada piada interna, cada tombo, cada momento de companheirismo reforça o laço que nos une. Estar com a minha turma é muito mais do que estar com amigos; é estar em família, uma família que escolhi e que me escolheu. Juntos, enfrentamos desafios, celebramos as vitórias e, o mais importante, nos curamos juntos. Essa união nos dá força e traz uma sensação de pertencimento. Não importa quão difícil a jornada tenha sido, sei que, ao me reunir com vocês, tudo fica mais leve. É essa conexão profunda, essa troca sincera de experiências e

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/>
Acesso em: _/_/

sentimentos, que colore a vida de uma forma tão especial, tornando-a mais feliz, mais plena, mais nossa.

Por Roberta

*

MOSAICO

A gente, a vida, o grupo, - para mim é um pouco assim - a palavra: mosaico.

Feito de caco e muito lindo.

Por Janaína Cabelo.

*

CORAGEM

Estar neste curso e fazer parte deste grupo representa, para mim, coragem de decidir conhecer o novo, pois se tem certeza de que o velho não cabe mais. De encarar, como nunca antes, as armaduras de aço e as muralhas que construímos com nossas narrativas, histórias e trajetórias de vida que se interconectam.

A vida e sua inteligência as entrelaçou e uniu num campo que potencializa essa mesma... coragem! De derrubar os muros e fazer as armaduras em pedaços para, então, fazer uma composição linda e flexível o bastante para ousarmos.

Ousarmos nos colocar nas sombras e vulnerabilidades mais profundas expressas nos corpos, nas vozes, nos silêncios. Ousamos derramar as lágrimas e entregar as peles e as vísceras uns aos outros, deixar sair a emoção represada. Desenhar desenhos de criança, ralar, reclamar, esbravejar até que sai o grito de dor, o choro de agonia, que podem, então, conviver com olhares bem direcionados, danças que não pudemos dançar, palavras sinceras sobre temas profundos das nossas vidas todas.

Dar-se conta dos seres humanos que somos e dos multiversos que habitamos num mundo só. E, aí, sermos carne, osso, mente, emoção... de alma no corpo... de nos permitirmos

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

viver e nos representar a partir do núcleo que atravessa todas as roupagens de que precisamos a cada dia. Com prazer, leveza, fluidez e, ao mesmo tempo, contorno e pés firmes no chão. Cientes do desafio: o lugar da saúde nas relações e nos encontros. Coragem para caminhar renovadas e renovado. Atravessar a rigidez, fortalecer nossas estruturas e o espaço para a vida pulsar no tórax.

Por Augusto.

*

DESNU(dar-se)

Tirar a roupa e se exibir exige coragem, ainda mais para um grupo de onze pessoas. Tem que sair do casulo, retirar camadas que nos escondem tão bem.

Cada “peça” que cai expõe nossas verdades, os segredos, a vergonha, nossos pensamentos rudimentares, fraquezas que estavam escondidas de nós mesmos.

E foi assim que aconteceu!

Depois de desnudos ficamos na pele e no pelo, acessamos nossas forças, os dentes de gato, o perdão, a compreensão de nosso funcionamento.

No início uma era a Paula das Joias, a outra a Odete Diretora de Escola e teve a Patrícia Madame (justo eu) e com o tempo e, em grupo, nos tornamos todos Os Raizeiros!

Por Kelen.

*

COMPARTILHAR SENTIMENTOS

Sobre o grupo: compartilhar sentimentos é um aspecto fundamental para fortalecer conexões e promover compreensão mútua. Quando você expressa o que está sentindo, isso pode ajudar a aliviar o peso emocional e permitir que os outros vejam uma parte mais íntima de você.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

Além disso, ao ouvir os sentimentos dos outros, você demonstra empatia e apoio, o que pode fortalecer relacionamentos e promover um ambiente mais solidário e compreensivo.

É a capacidade de entender e compartilhar os sentimentos e emoções do outro, estabelecendo uma comunicação emocional autêntica e significativa.

Por Mônica.

*

DESCOBERTA

Quando a Tati me falou sobre o Raiz, numa conversa informal, dizendo “acho que você gostaria de fazer o curso do raiz”, eu me interessei na hora, mas de uma forma curiosa e superficial, de um jeito profissional, pensando... “nossa, vai agregar para o trabalho, etc”...

Na primeira semana do Raiz, eu estava participando de uma corrida e a Susana ou Cadu, não me lembro, enviaram uma mensagem me dizendo como seria importante a primeira semana, mas, como era uma prova de corrida em grupo, não poderia deixar de ir. Mas pensei... “acha... depois eu pego o caderno de algum colega (Jana..mas não sabia na época) e pronto!”

Daí, vindo no próximo encontro, começou a descoberta. Como sinto não ter vindo nesse primeiro encontro, no qual todos foram descobertos/imaginados/fantasiados... Conseguimos reproduzir no segundo encontro, mas não foi como no primeiro.

Mas desde a minha primeira acolhida neste grupo/irmão em que, mesmo não nos vendo ou falando diariamente, sabemos: precisou? É só ligar, daremos um jeito! Passamos por tudo: pandemia, luto, casamento, gravidez... a vida se renovando e se despedindo...

Descoberta de quem somos, de quem éramos, de como um grupo pode ser terapêutico e rede de apoio, de intimidade suficiente para dizer (revelar) o que não tínhamos coragem de dizer a nós mesmos em frente a um espelho.

Descoberta ... descobrindo... desnudando... revelando...

Por Ana Paula

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

ENCONTRO

A vida é feita de encontros... os ao acaso, os planejados, os primeiros, os de despedida.

Não é à toa que a gente se encontrou aqui. Alguma coisa em nós nos chamou, e assim tinha que ser.

Nosso grupo começou a ser costurado antes mesmo de nos conhecermos, com o encontro de cada um de nós com a Su. E assim foi montado nosso grupo, ou pelo menos aquele aglomerado de células, de pessoas, de histórias.

Foi o tempo que nos transformou em um grupo. Foi o tempo que nos deu coragem para compartilhar nossas histórias, para expor nossas alegrias e tristezas, para que pudéssemos, então, ressignificá-las.

E foi o tempo também que nos fez quebrar. Que nos obrigou a virar “caco”, e aí precisar do grupo para se juntar. E foi a vida, no seu tempo, que nos fez descobrir que mesmo quebrados, que mesmo que pareça que nos falta uma parte, conseguimos seguir.

Podemos nos desencontrar um dia. Podemos cada um seguir seu caminho. Mas as marcas desse grupo estão eternamente carimbadas em nossos corações. Nosso grupo, mais que nenhum outro, sabe que mesmo na falta se faz presente. Que os encontros são de alma, são da vida e pra vida.

De todas as palavras do grupo, só me faltou falar de ‘desnudar-se’. Mas sinto que essa já está carimbada em cada um de nós. Pois se tem uma coisa que nos foi ensinado é ficarmos nus. Colocar a vida (pra não dizer bunda) pra fora e aproveitá-la enquanto estamos aqui. Pois se tem algo que não volta, é o tempo.

E que bom que nos encontramos aqui.

Por Laís

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

SEGUNDA PARTE: PESQUISA E TRABALHO DE CAMPO

5. CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA CORPORAL PARA UM GRUPO TERAPÊUTICO DE HOMENS

A trajetória pessoal narrada nos capítulos anteriores ilustra um homem que iniciou um curso em busca de conhecimentos e de uma possível mudança profissional. O desenrolar das atividades e aprendizados mostrou a potência subjacente a essa vontade mais prática, lógica e imediata. Também, a quantidade de dores e experiências traumáticas que formam as resistências a essa força e compõem uma tendência que está de prontidão para atuar e repetir os mesmos cenários.

Em grande medida, tais defesas, muito bem organizadas, tanto para minha própria sobrevivência quanto contra a expressão de meus melhores potenciais, fazem parte da minha identidade de *homem*. Penso que esta também compõe o curso pouco linear da minha vida, muitas de minhas dores e comportamentos destrutivos que venho tratando há pelo menos seis anos. Dentre muitas possibilidades contemporâneas, tal identidade se insere na construção sociocultural do gênero masculino. Assim, atravessa homens na sociedade em geral e, por conseguinte, nos círculos familiares, profissionais e sociais nos quais estou inserido. Nesse sentido, compreender essa construção e seus impactos faz parte do tema das *masculinidades*.

Primeiro, trarei linhas gerais dos temas gênero e masculinidades, do ponto de vista sociológico, baseado em Grossi (2001). Depois, discutirei o tema com enfoque mais aproximado em uma experiência específica relacionada à psicoterapia corporal que Lacerda (2020) pesquisou. Por fim, apresentarei o grupo de homens do Instituto Flor de Lótus como objeto de pesquisa.

5.1 Masculinidades na sociedade e no sujeito

Masculinidades se referem à construção da identidade de homens, considerando o panorama das relações de gênero. Grossi (2001) transcreveu e organizou as falas de um seminário sobre masculinidades, que discutiu perspectivas do estruturalismo e do pensamento dito pós-moderno sobre a construção desse conceito. Em linhas gerais, o estruturalismo estabelece a dicotomia básica entre masculino e feminino como núcleo gerador da

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

multiplicidade de gêneros hoje existentes. Ainda que simbólica, essa diferenciação também tem uma plataforma biológica de expressão, que é o corpo masculino e o corpo feminino. O pensamento “pós-moderno” entende que a contingência biológica é atualmente superável, pois a tecnologia permite modificar o corpo de acordo com a preferência da pessoa por um determinado gênero. De maneira que não existe, pura e simplesmente, uma dicotomia, mas múltiplas formas de se compor, numa pessoa, uma identidade de gênero, que perpassa características do masculino e do feminino.

Gênero, relações de gênero e masculinidades são, portanto, temas amplos, atravessados por paradigmas. *Ser homem* inclui uma gama variada de possibilidades além da identificação do homem cis heterossexual. O simbólico acontece entrelaçado com os aspectos sociológicos, psicológicos e biológicos no sujeito. “O corpo é, portanto, o suporte no qual são produzidas as diferenças simbólicas de gênero”. (GROSSI, 2001, p.7)

A partir dessa introdução, a autora trabalha diversas marcas e características tradicionais da construção do masculino em contraposição aos mesmos elementos no feminino. Também traz novas formas contemporâneas de expressão dos gêneros, novas realidades, com seus desafios, transformações e possíveis crises. O seminário levantou muitos exemplos e referências a autores, como Clastres (1990) e Welzer-Lang (2001). O primeiro, falando sobre a construção da masculinidade marcada por muito sofrimento. E o segundo apontando para a pornografia, que ensina a sexualidade predadora dos homens que consomem mulheres.

Apresentam-se, ainda, outros recortes interessantes para o tema, como a questão da honra e do poder. Pensando no Brasil, tradicionalmente, o homem honrado e reconhecido pelos pares tem o poder econômico de sustentar. Ele controla a virtude feminina pelo respeito que impõe e pela capacidade de “lavar a própria honra com sangue”. Neste ponto, cita relatos sobre homens que assassinaram suas esposas devido a traições e que tiveram penas criminais reduzidas, garantidas por lei. A mulher, por sua vez, concentra o seu poder no ambiente privado e familiar (GROSSI, 2001.)

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

Esse quadro mostra um nível evidentemente altíssimo de violência a que homens estão sujeitos a aprender na sua formação e reproduzir nas suas relações. É uma das formas do que Reich chama de peste emocional.

O seminário trouxe, também, recortes que abordam o trabalho e o lugar de provedor, versus o desemprego, a industrialização, novas tecnologias e a participação crescente e mais competente de mulheres nesses mercados. E, aí, a suposta humilhação sofrida por um homem cuja parceira o sustenta, por exemplo. Além disso, discussões sobre os cargos assumidos por homens na enfermagem, novos modelos de paternidade e tipos por vezes antagônicos de emoções e comportamentos que homens manifestam nesses cenários de mudanças nas relações de gênero e na expressão do masculino.

Dentre as várias influências e manifestações diferentes do masculino discutidas, quero destacar ainda alguns pontos relevantes. Primeiro, a dicotomia entre o amor romântico e o amor confluyente como possível nova forma de se relacionar.

A autora cita Vincent-Buffaut (1988) para falar sobre a inibição das lágrimas imposta aos homens no Romantismo, no teatro do século XIX. Nessa época, as lágrimas deixaram de ser bem vistas nos homens e passaram a ser estimuladas apenas nas mulheres. Essa influência no teatro foi a que gerou a inspiração das novelas e filmes da televisão à época da publicação (2001) e que, acredito, segue até hoje.

Esse tipo de amor romântico vai caracterizando toda uma forma de ser homem e de considerar a mulher, como no trecho abaixo:

[...] para os homens, o amor romântico é como aquele exemplo que eu dava ontem do Luiz Tarley de Aragão, sobre aquela dicotomia do homem brasileiro, onde cada mulher que ele deseja sexualmente depois se torna uma “mãezinha”, e, portanto, ela se torna proibida emocionalmente para ele, porque a mãe é sagrada. Nada impede a um homem casado de ter uma amante, duas ou três. Aqui este é modelo, cabe à mulher segurar o tranco emocional, afetivo, pelos filhos, pelo marido, que cede, que consente, etc. – enquanto o homem, dentro do modelo romântico, é de alguma forma incapaz emocionalmente, ele é um atrapalhado, ele não consegue expressar sua emoção (GROSSI, 2001, p.26).

Assim, o resultado da construção do amor romântico

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

[...] é justamente a violência doméstica, porque o homem atrapalha o modelo emocional dessa mulher que é sagrada; não conseguindo expressar o seu conflito, a sua raiva, expressa numa linguagem que é a linguagem da força, do bater na mulher. Este é um modelo de amor muito forte, o mesmo modelo que vai impedir os homens de expressar suas emoções (GROSSI, 2001, p. 26).

A realidade influenciada pelo modelo romântico carrega a negação da sensibilidade masculina expressa na frase *homem não chora*.

Em contraposição, a autora traz novos modelos, citando a ideia de Giddens (1993) sobre o “amor confluyente”, que envolve o compromisso mútuo para o encontro sexual dos corpos, assim como para a troca emocional e mesmo espiritual de uma relação. Esse novo modelo, em linhas gerais, traz a expressão emocional como obrigatória.

É interessante porque, aqui, ela fala do “homem sensível” como expressão de uma dita nova masculinidade possível e comenta um estudo antropológico de Buffon (1992) sobre jovens que moram sozinhos. São homens que apreciam a música, o cinema, gostam de cozinhar e expressam o que sentem. Porém esses homens mostram a feminilidade tornando-a um ato masculino. O homem é aquele que faz um jantar sofisticado com um vinho bom. Talvez, em meio à conversa, ele flerta com a pesquisadora. Já o arroz com feijão é uma mulher quem faz, no dia-a-dia. Possivelmente alguém faz para ele – a mãe, uma doméstica ou uma diarista – e a comida fica congelada. De maneira que a busca do poder, da dominação masculina e da subordinação feminina assume esse *verniz soft* de um homem supostamente descolado de uma heteronormatividade eivada de machismo e patrifocalidade.

Porém, a peste emocional é muito sagaz: a violência e a repressão se infiltram em possíveis novas formas de comportamento e vão sedimentando o caráter e os totalitarismos no nível do sujeito. O homem descolado, popularmente chamado de “macho desconstruído”, “esquerdo-macho”, “macho gourmet”, dentre outras denominações, é tão violento quanto o homem tradicional que trabalha e tem uma amante enquanto a mulher é dona de casa, o popular “heterotop” ou “macho alfa”.

Então, pode-se concluir que sim, existem novas formas de masculinidade surgindo, que buscam a sensibilidade, o expressar das emoções e um comprometimento relacional que vai

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

para além do proferir e do encontro sexual. Só isso implica olhar para uma violência aguda que se ensina e manifesta nas vidas e histórias de muitos homens que, com certeza, sofrem muito e fazem sofrer ainda mais. Mesmo assim, essas novas expressões podem continuar eivadas da mesma violência, como a formação de uma resistência: a masculinidade violenta pode resistir nesse processo de dominação e subordinação muito sutil, como no exemplo acima.

Esse é um resumo brevíssimo de um recorte sobre o tema das masculinidades no campo sociológico. O capítulo dois já discutiu a conexão entre a sociedade, o corpo e o aparelho psíquico e trouxe linhas gerais sobre como padrões sociais impactam tanto na expressão do *Si* como na organização das defesas. Nessa direção, senti necessidade de procurar publicações que tratam de masculinidade e psicoterapia corporal, como forma de estreitar mais o foco sobre o tema, trazendo um recorte da psicoterapia.

Encontrei uma dissertação de mestrado (LACERDA, 2020.) que estuda o caso de um grupo de homens que trata sobre masculinidades e experimenta esse tema através da terapia *Core Energetics*, que também é um ramo de psicoterapia corporal. Fiz uma nova pesquisa nas anotações de aula e encontrei uma menção a essa técnica, sem mais detalhes. A descrição das sessões mostra similaridade com a dinâmica das experiências que tivemos em sala de aula:

O desenvolvimento das sessões vai sendo adequado às necessidades do grupo de acordo com o momento que estão vivendo, mas compõem-se, basicamente, de quatro etapas: 1) aquecimento com danças, 2) grounding, 3) vivências e 4) partilha. (LACERDA, 2020, p. 29).

Além disso, as discussões apresentadas mencionam Reich, economia sexual, vegetoterapia e orgonomia como bases para o desenvolvimento da técnica que o grupo usa. Dessa forma, achei pertinente trazer esse trabalho como um exemplo de abordagem que abre caminho para tratar do objeto desta pesquisa. A seguir, outros detalhes da dissertação mostram pontos em comum com o grupo de homens do Instituto Flor de Lótus.

Após levantar um perfil socioeconômico dos participantes, Lacerda (2020) traz trechos de entrevistas com os facilitadores e participantes do grupo. Primeiramente, tratava-se de um grupo de homens com o objetivo de experimentar *Core Energetics* como terapia. Em seguida, as masculinidades foram surgindo como um tema importante, que tocava todos os participantes.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

Mais do que a forma como aconteciam as atividades, importam, agora, os temas referentes aos relatos. Esses incluem opiniões sobre os homens que frequentam o grupo, ditos sensíveis e que vivenciam o conflito de não querer manifestar a agressividade masculina violenta e, ao mesmo tempo, não se reprimirem. Além disso, retratam a história de como as masculinidades foram surgindo espontaneamente como tema, mostrando a abertura de um espaço de escuta e partilha para homens. Inclusive, para falar sobre assuntos que não conseguem discutir com ninguém ou em nenhum outro lugar.

Esse espaço proporcionou a discussão de temas que se aproximam da abordagem sociológica apresentada, porém vivenciadas no nível do sujeito. Tais como: agressividade, raiva e violência e a dificuldade de homens em lidar com isso. Também a fragilização do masculino e a dificuldade de se entregar para sentimentos (LACERDA, 2020).

A sua metodologia fez o grupo – chamado Grupo Casa dos Homens – falar por si por meio de entrevistas que mostram um pouco da sua história, os temas trabalhados e a sua relação com a experiência corporal em *Core Energetics*. Esse movimento serve como um *insight* importante para desenvolver a metodologia desta pesquisa.

5.2 O Grupo de Homens do Instituto Espiritual Xamânico Flor de Lótus

Em outubro de 2023, criei um grupo com os homens que fazem parte da equipe de trabalho do Instituto Flor de Lótus. Essa iniciativa nasceu como um pedido de ajuda, pois eu estava passando por um momento bastante delicado nas minhas atividades e relações ali. Existiam angústias e faltava segurança para lidar com quase todas as pessoas do grupo, conforme as memórias em detalhe nos capítulos um e três.

Para compreender melhor o grupo de homens como uma iniciativa para resolver essa questão, cabe uma breve descrição sobre as dinâmicas de trabalho do instituto.

O Flor de Lótus é um instituto que promove vivências de caráter espiritual/religioso na cidade de São Carlos, desde 2014. Além de focar esforços na realização de suas atividades com esse escopo, a instituição se localiza numa chácara e conta com o auxílio de uma equipe para a manutenção e funcionamento. Nesse contexto, a equipe consiste em amigos mais ou menos próximos e alguns casais. De maneira que o Instituto mistura espiritualidade, amizades, trabalho

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

braçal, trabalho artístico, organização de eventos, trabalho terapêutico, trabalho administrativo, amizades, amores e também inimizades e angústias.

Com esse nível de fusão, é evidente que aconteçam muitas projeções entre os membros da diretoria e a equipe, fato comprovado pela própria experiência da diretoria ao longo dos últimos dez anos. Há atritos e acontece, às vezes, de um ou mais integrantes da equipe passar por períodos emocionais mais difíceis. E, claro, isso impacta na forma e na capacidade da diretoria e da equipe trabalharem em sinergia.

A maioria das suas atividades separa as pessoas no espaço entre os gêneros masculino e feminino. Além disso, há algumas tarefas feitas majoritariamente por homens e outras, majoritariamente por mulheres. Quando precisamos ter atenção e cuidado para com as pessoas participantes, homens cuidam de homens e mulheres cuidam de mulheres.

Por isso, resolvi começar a trabalhar esse desconforto, primeiramente, em mim mesmo e também com os amigos e colegas de trabalho mais próximos: os homens do grupo. Eu precisava recuperar a confiança internamente e me reconstruir enquanto liderança e ponto de apoio para a equipe. Isso ainda está em processo e o grupo de homens tem contribuído nos ajustes necessários.

As angústias e dificuldades que eu estava vivendo decorreram também da minha enorme dificuldade em identificar, expressar, pensar e falar sobre os meus sentimentos. Com base nas minhas experiências de vida e do grupo, acredito que essa dificuldade seja bastante comum para homens. Então, eu acertei em resolver abordá-la a partir do contato com outros homens. A um só tempo, abri espaço para tratar um problema que afetava atividades da instituição, questões/angústias pessoais relacionadas à confiança, bem como tangenciei um tema importante sobre masculinidades, que atravessa todos os rapazes ali.

O grupo faz encontros quinzenais às terças-feiras, com duração de duas horas, em que os integrantes trazem suas questões para serem acolhidas e discutidas em coletivo. Essa dinâmica foi tomando formas diferentes ao longo dos meses, como apresentado adiante. Já foram abordados temas como agressividade e violência nas relações, questões emocionais diversas que surgem nos relacionamentos dos participantes; questões, como sexualidade, corpo,

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

masturbação e pornografia, suicídio, lidar com a velhice, trabalho, emprego, desemprego, relação com os pais, dentre outros.

À medida que as questões mais urgentes foram sendo resolvidas, o grupo vem formando um campo de expressão e acolhimento das emoções de homens para homens. Temos chegado a desenvolvimentos muito significativos: cada homem que está ou que passou por lá já conseguiu manifestar algum conteúdo difícil de expressar, independente da forma. Alguns o conseguiram diretamente, falando sobre o que sentiam, ou mesmo deixando-se sentir num espaço seguro. Outros, comentando sobre a história de um colega, propondo soluções ou mesmo fazendo críticas sobre a condução e a performance do grupo.

5.3 Justificativa e objetivos

O primeiro impacto visível do grupo de homens do Instituto Flor de Lótus foi sobre mim mesmo. Considerando seu objetivo inicial – resgatar uma relação saudável minha com o grupo para trabalharmos juntos – tenho sentido os resultados positivos. Desde 2021 até a metade de 2023, vivi um período agudo com sentimentos de desgosto e um certo isolamento em relação à equipe. Com ajuda desse grupo de apoio, fui capaz de tratar as dores mais profundas e, neste momento, estou em fase de recuperação das minhas relações. Como vivenciamos em Kairós, um levantar-se lento, ciente da queda. Tenho certeza de que minhas conexões estão se fortalecendo e tendem a melhorar ainda mais com ajuda do grupo.

Além disso, o grupo já trabalhou muitas demandas diferentes que seus homens trouxeram. Participei de todos os seus encontros, no papel de coordenador, mesmo quando a demanda das conversas era uma questão minha. O grupo tem ajudado os homens da equipe a ventilar suas questões e reforçar os seus laços de companheirismo. Portanto, é relevante desenvolver esta pesquisa: construir uma narrativa sobre o grupo dá conta de entender como os conhecimentos da psicologia corporal impactaram na sua própria dinâmica e na vida de seus integrantes.

A pesquisa teve, como objetivos, trazer à tona seus contornos, conteúdos, potencialidades e resistências. Organizar sua história, conhecer a vida intrínseca a ele, bem como aplicar as teorias e conceitos estudados para observar as atividades realizadas e dinâmicas

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

internas. Por fim, trazer experiências para discussão em sala de aula e utilizar os feedbacks recebidos para solucionar as possíveis questões.

Isso permitiu não só ter um panorama do desenvolvimento do coletivo, como também facilitou o seu progresso. Dessa forma, pôde provocar mudanças de impacto para toda a equipe do instituto.

Os homens que o compõem fazem parte de uma equipe que recebe e cuida do público nas atividades periódicas que o instituto oferece. Portanto, a pesquisa também pôde proporcionar aos integrantes mais estrutura, mais equilíbrio e mais bem estar, contribuindo para atender melhor a outras pessoas nesses eventos.

De maneira mais abrangente, as discussões em pauta tocam os assuntos trazidos na introdução deste capítulo. Assim, um grupo mais eficiente contribui para que homens reflitam sobre a violência que suas masculinidades estão sujeitas a engendrar. E, assim, abrir espaço para que eles observem a si mesmos, tratem de seus padrões de comportamento e busquem mudanças.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

6. METODOLOGIA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O registro histórico e os movimentos internos do grupo até o presente foram obtidos pelas minhas próprias memórias. Este material, juntamente com o registro dos encontros mais recentes do grupo em caderno de campo, formam o seu perfil.

Isso foi submetido à análise fundamentada no pensamento funcional e no conceito de unidade funcional, como foi descrito no capítulo dois. Dei ênfase à ideia esboçada no exemplo do desenho de uma árvore: um fenômeno surge, como uma semente brotando, então se ramifica e forma um todo. Cada ramo surge a partir de uma unidade funcional e é parte integrante da estrutura que permite um organismo (neste caso, um grupo terapêutico) se manifestar com um contorno específico.

Além disso, o conhecimento sobre como o *Eu* saudável supera a barreira do narcisismo primário e permite ao sujeito viver uma curva orgástica (REICH, 1975) permeou minha percepção sobre o grupo. Analisei se as dinâmicas internas e os casos estudados geraram um contínuo tensão-carga-descarga que tenha permitido ao grupo, seus integrantes e suas situações progredirem.

Essa análise se conecta com a discussão sobre transferência na clínica reichiana, como em Wagner (2022). Esse autor expande uma definição básica de transferência – um desejo inconsciente que se projeta num objeto atual, como a relação com o terapeuta – trazendo seus aspectos formal e econômico. Do ponto de vista formal, o que se transfere são representações inconscientes, que devem ser sujeitas à análise e interpretação. Por outro lado, essas representações são também físicas/biológicas, manifestas em tensões somáticas. A clínica aliada à abordagem corporal da vegetoterapia pode permitir que essas representações ganhem força suficiente para ultrapassar a barreira da repressão. Isso é possível porque o paciente passa a sentir o que, na análise verbal, apenas relata. Wagner (2022) traz uma coletânea de exemplos que ajudam a entender esse processo e são semelhantes às dinâmicas descritas no campo. Seu estudo serve de apoio às conclusões que levanto sobre o objeto.

A teoria e técnica da análise do caráter (REICH, 2004) servem como apoio para compreender a formação da resistência que o grupo apresenta. O que é estabelecido como meta

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

da análise e a relação de possíveis equívocos de análise servem para avaliar o estado do grupo em suas fases de desenvolvimento até a atualidade, mensurando os acertos, até onde se chegou e também os equívocos. Toda a discussão sobre o trabalho terapêutico e tipologia de caráter, tanto em Reich (2004) quanto em Lowen (1977), dão base para descrever os traços de caráter que o grupo apresenta.

Essa visão se expande com as abordagens neoreichianas. A Biossíntese, com base em Boadella (1996), permite entender a organização do indivíduo em camadas que vão desde o *Si*, passam pelos traumas e chegam na organização do caráter. As intervenções baseadas na percepção de como o sujeito se identifica com seu caráter estruturado são de grande importância também para avaliar as resistências, bem como para aplicar estratégias de se tocar nos mecanismos de defesa, caráter e traumas, dados pelo grupo. O foco da Bioenergética, com base em Lowen (1977, 2020), na relação entre o desenvolvimento da psique e as posturas e rigidez corporais ou, por outro lado, a desagregação, complementam a minha perspectiva. Além de utilizar seus referenciais para observar os movimentos de cada indivíduo no decorrer dos encontros, aplico-os, mais especificamente, na observação de um caso específico que surgiu na história dos encontros.

A liga dessas interpretações vem com a contribuição de Castilho (1995): existe uma tendência do grupo à homeostase. O funcionamento de um grupo depende dos acordos firmados em seu surgimento e na sua história e também de como eles foram firmados. É necessário um determinado *setting* terapêutico para os encontros funcionarem. Existem diversos movimentos internos a um grupo terapêutico que apontam para relações transferenciais e para resistências como, por exemplo, críticas ao coordenador, as posições dos integrantes na roda, entrada e saída de membros, movimentos de se levantar para ir ao banheiro ou tomar água, etc. Tudo isso compõe uma série de detalhes que aguçam o olhar sobre o funcionamento do grupo de homens. Esses elementos são de grande importância para avaliar equívocos e acertos na narrativa levantada como material de campo.

As reflexões sobre o grupo formaram conclusões que avaliam sua história e seu percurso até o presente, bem como sobre minha atuação como coordenador. Levantam-se casos

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

individuais que possam ter ocorrido em cada uma delas, ou mesmo atravessando-as. Pretendo, ainda, refletir sobre os possíveis destinos do grupo.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

7. REGISTROS DE CAMPO

Este capítulo traz uma extensa narrativa sobre o grupo de homens do Instituto Flor de Lótus. Conto detalhes de como e por que ele surgiu e, ainda, de seu processo de desenvolvimento e do trabalho com questões coletivas e individuais, que surgiram ao longo de um período de um ano e quatro meses.

Nos últimos dois meses desse período, contei com notas levantadas de um caderno de campo sobre os encontros. Os demais registros vieram da minha própria memória.

O grupo é aberto, mas existe um acordo – antes tácito e agora verbal – para se fazer uma entrevista inicial e mesmo uma conversa com os integrantes do grupo para aceitarmos novos membros. Durante sua história, o grupo passou por algumas situações de conflito relacionadas à entrada e saída de participantes, como relatado adiante. Também não existe um tempo em dias/meses/anos prefixado de duração para os encontros, constituindo-se o coletivo como um espaço terapêutico para membros da equipe e para os amigos ou colegas que comecem a participar.

Em 2023 eu, enquanto amigo e membro do instituto nas duas instâncias que citei aqui, passei por uma crise intensa na relação com ambas. Isso resultou em conflitos devido a atividades externas e relações pessoais com membros da equipe. Os conflitos acabaram chegando às nossas relações e dinâmicas internas, me gerando muita angústia. Isso aconteceu entre mim e algumas pessoas da instituição: Leandro¹, Fábio e Neusa. Além delas, estiveram envolvidas ainda o Inácio, a Eliane e a Adélia. Porém o núcleo do conflito está ao redor do Fábio, Leandro e Neusa e gerou muitos sentimentos difíceis e afastamento entre nós. Isso se transferiu para as conversas de bastidores da instituição e gerou um efeito manada de uma parte considerável da equipe que passou a me criticar sem me procurar diretamente para solucionarmos eventuais problemas.

Isso gerou em mim uma percepção de perseguição que comprometeu bastante a minha atuação, conexões na equipe e capacidade de trabalhar conjuntamente de uma forma relaxada e

¹ Todos os nomes citados a partir deste capítulo em diante são fictícios, para preservar a identidade dos integrantes do grupo.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

prazerosa. Antes de continuar, friso que essas relações têm melhorado, apesar de não estarem ainda totalmente saudáveis.

Já mencionei que minhas reações e defesas estão conectadas com a minha auto imagem de homem. E com o que eu considero como sendo ideal e persigo (ou persegui) para me construir enquanto homem, amigo, companheiro e colega de trabalho. A quantidade de dificuldades que tenho vivido em todos esses papéis gerou um sofrimento numa proporção tal que eu tive que dar um passo atrás dessas identidades e reconsiderar meus valores e atitudes.

Tive muita dificuldade de interação face a face e de trabalho em conjunto depois dos conflitos que citei. Defensivamente, passei a evitar essas pessoas. Não conseguia ter conversas mais próximas e, se havia alguma orientação para dar durante os trabalhos, eu requeria a outras pessoas ou me direcionava a esses desafetos com bastante frieza e falta de contato.

Foi nesse contexto de crise aguda de relações que eu decidi abrir o grupo. Essa inflamação afetou quase todas as áreas mais importantes da minha vida. E foi na angústia de um isolamento em intensificação que eu resolvi juntar os homens da equipe para me ajudar a resolver a situação e restabelecer minha confiança para cooperar.

O próprio processo das outras pessoas com quem conflitei foi mostrando que a angústia, a crise, os problemas e os julgamentos não eram exclusividade minha. À medida que o foco da equipe saiu dos meus problemas, outros problemas semelhantes foram surgindo em outros setores e com outras pessoas. Em algum nível, eu sabia que a minha crise estava conectada com algo mais profundo do que a minha formação, posição e atitudes, pura e simplesmente. Se há desejos e angústias profundas manifestados num conflito que convergiu sobre mim, se outros conflitos surgem e convergem em outras pessoas, outras direções, há uma equação disfuncional entre vida e resistência na equipe. Eu acredito, assim como quando criei o grupo, na capacidade de tratamento em grupo.

Considerando o processo pelo qual passei ao longo de 2023, sobretudo no segundo semestre, entendi que a melhor forma de se tratar esse problema era um pedido de ajuda. Fiz isso e chamei o grupo para resolver essa demanda, com apoio do dirigente. Uma capacidade para perceber conflitos – inclusive os meus – como uma camada mais superficial de um movimento emocional mais profundo era uma percepção crescente em mim. Além disso, o

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

pensamento sobre o percurso no Raiz, as transformações em processo e a vontade que começava a surgir sobre pesquisar grupos terapêuticos.

Eu estava inundado por raiva e ressentimento e, ao mesmo tempo, precisava me relacionar com aquelas pessoas. Não podia simplesmente virar as costas, como já fiz em outras situações semelhantes.

O grupo começou apenas com integrantes na equipe, se abriu para alguns amigos e conhecidos e, neste momento, está circunscrito apenas à equipe novamente.

O movimento, nos primeiros encontros, pode se resumir nas seguintes palavras-chave: entrega, defesa e abertura. Eu manifestei as minhas angústias e inquietações conforme esse contínuo. Primeiro, mais aberto, entregue, depois, com receio de me abrir para meus pares e, por fim, num movimento de abertura paulatina e genuína. Nesse processo, exploramos a minha falta de visão, cuidado e empatia nas relações. E sobre como isso estava afetando a minha capacidade de ter laços de confiança ali.

Lembro que, no primeiro encontro, pude fazer uma boa entrega de minha carga emocional represada. Fui bem acolhido e, tacitamente, o grupo, que contava com a participação de sete dos então quinze homens que compunham a equipe, se comprometeu a resolver essa demanda. E, desde então, outros membros começaram a trazer conteúdos sobre suas próprias vidas. Também foi no início que a resistência se manifestou e algumas pessoas começaram a insistir para que conseguíssemos acessar as emoções. Porém, isso ainda não tinha um método e não havia acordos claros, porém tácitos.

O segundo encontro começou com uma resistência de minha parte em ter abertura sobre temas de conflitos de relacionamento. As falas iniciais levaram as discussões para um campo bastante racional e abstrato. Dessa forma, não foi possível um acesso a um campo psicoemocional e o grupo se assemelhou a uma roda de conversa de amigos. Entendi esse movimento como uma manifestação clara de um mecanismo de defesa dos membros assíduos do grupo.

O terceiro encontro começou com o José e o Leandro tomando a palavra logo de início. Eles estavam descontentes sobre o encontro anterior. Minha resistência foi lida como um retrocesso. Conversamos sobre a necessidade de abertura para falar o que se está sentindo. Aos

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

poucos, buscamos essa conexão ao longo do encontro. Em alguns momentos, isso foi possível de apreender. Em outros, saíamos do sentimento para a busca de uma interpretação racional do conteúdo que se colocava em roda. Ou para uma tentativa de se expor sentimentos sem trazer contextos e sem implicarmos a nós mesmos nos relatos das situações. Isso era muito confuso, pois as situações e emoções eram apenas tangenciadas por um discurso difuso.

Por exemplo, se um dos integrantes falasse sobre seu sentimento de tristeza, abria espaço para alguém falar sobre, digamos, a visão budista sobre as ilusões da mente que geram sofrimentos. E isso tirava totalmente o foco do sofrimento pontual daquela pessoa, que tinha uma história específica para contar no grupo. Ou, ainda, um integrante poderia estar passando raiva em casa por algo simples, alguma decisão de organização doméstica, mas falava de abstrações e teorias sobre a raiva e como lidar com a raiva, algo distante do que realmente importava levar ao grupo.

Ao final desses três encontros, o estado mais vulnerável que a minha demanda tinha me gerado já recebera uma boa absorção. A convivência com o Fábio estava bastante difícil para mim. Nossas conversas, fora do grupo, eram secas e distantes. Uma raiva muito forte se manifestava como um muro de desprezo que ficava entre nós. No grupo, ao contrário, parecia existir um lugar seguro para dialogarmos sem tanta distância e absolutamente sem raiva.

Eu tinha certo controle sobre a palavra dos participantes, balizando as questões surgidas com minhas próprias formas de vê-las e vivê-las. Nos momentos de muita racionalidade, eu buscava usar minha palavra ou minhas próprias questões para trazer sentimentos. O esforço parecia vão, porque os outros se desconectavam rapidamente do sentir e voltavam para o racional. Eu já estava fazendo uma leitura da racionalidade como forma de resistência, conforme as dinâmicas que mencionei acima. E ao mesmo tempo do surgimento de uma tensão no sentido contrário. Essa racionalidade provocava um certo tédio nos colegas que entendiam a importância de falar de sentimentos e de ser mais específico sobre sentimentos. Isso, junto com as falas, eventualmente cortadas e não respeitadas em seu tempo e espaço, começou a gerar raiva. Isso foi ganhando forma até se expressar no grupo num tipo de crítica que simplesmente replica a própria racionalidade que é seu alvo.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

Após essas primeiras reuniões, o fluxo de participantes começou a oscilar. Em alguns encontros, havia entre oito e doze participantes. Tivemos um dia em que chegamos a quinze pessoas. Esse período durou desde o final de novembro de 2023 até maio de 2024. Alguns acontecimentos merecem destaque.

Em princípio – o que foi firmado num acordo tácito – o grupo estava fechado para a entrada de outros participantes que não fossem da equipe do instituto. Além disso, tínhamos a presença de mais dois amigos próximos que já foram da equipe e foram aceitos. Houve um momento em que um dos colegas do grupo – Marcos, um homem de meia idade, comerciante da cidade e terapeuta, com bastante disposição para assumir uma posição de destaque ou controle com seu conhecimento e retórica – pediu para levar um amigo para o grupo.

Diante dessa possibilidade, levei a proposta para avaliarmos juntos. A postura da maioria das pessoas foi um silêncio mais indiferente do que desconfortável. O José disse que estava aberto e não tinha problema algum. O Leandro disse não só que não era um problema, mas também que, num grupo para homens se colocarem vulneráveis, os integrantes têm de ter coragem para fazê-lo diante de qualquer pessoa. O Leandro passou a maior parte do seu tempo de participação no grupo fazendo críticas às formas de conduzi-lo e organizá-lo. Ou criticando a dificuldade de outros integrantes em sair de um plano abstrato racional para o sentimento. Ele era um porta-voz da resistência do grupo, na forma da crítica (racional) à tendência à racionalidade.

No encontro seguinte, estávamos tratando de questões importantes sobre relacionamentos afetivos que pelo menos dois dos participantes haviam levantado naquela reunião. Além das racionalizações usuais e as críticas subseqüentes, tínhamos conseguido um nível de contato com emoções. Isso surgiu porque Frederico – um dos mais racionais e abstratos de todos – estava vivenciando uma tensão de relacionamento que gerava uma carga tal que o grupo se tornou um espaço seguro para descarga. Ele estava prestes a se separar, pensando nessa possibilidade, mas sem admitir. Isso já vinha se construindo desde antes dos encontros começarem e aquele espaço serviu para ele começar a elaborar essa ideia. De início, tentava com sua racionalidade negar esse desejo e reprimi-lo com a ideia de que deveria manter a

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

relação estável. E trazia um discurso amparado em leituras e narrativas que fazem parte do meio em que vivemos.

Nesse cenário, chegando com cerca de cinquenta minutos de atraso, chegou o Marcos e seu amigo, que vinha pela primeira vez. Em pouco tempo, eles começaram a entrar nos assuntos e isso quebrou momentaneamente o fluxo da conversa e da energia do grupo. Também levou aquele encontro para uma direção diferente. Os assuntos e a abertura que tinha começado tiveram um fechamento mais rápido e mais comedido. A conversa tomou o rumo de ideias mais abstratas sobre masculinidades e a situações relacionadas à vida pessoal desse novo integrante, bem como a questões de sua relação com a equipe de trabalho dele. Esse encontro ensinou uma lição importante sobre como integrar novos membros.

Ironicamente, essa participação consentida de um colega novo, junto com o atraso, geraram um grande desconforto. Justamente no Leandro, que afirmara ser necessária abertura e vulnerabilidade para os homens num grupo como esse. Em mensagens privadas pela internet e no encontro subsequente, o Leandro mencionou o desconforto e propôs repensarmos as novas participações. Passamos um bom tempo de um encontro definindo esses direcionamentos, para só então começarmos a falar de nossos processos. Nós decidimos conversar com todo o grupo sobre novas participações antes de liberá-las. Depois disso, o grupo continuou no seu mesmo ritmo de oposição entre racionalidade e sentimento.

Essa tensão continuou se manifestando constantemente durante o período no grupo. O Leandro fazia reclamações constantes sobre as falas racionais e sobre o incômodo que ele sentia ao escutar as falas intermináveis do Frederico e do Danilo. Este último participante é bastante racional e entra no meio das falas dos outros, normalmente com uma solução para o problema levantado. Soluções racionais, baseadas na experiência de vida e recursos dele, em histórias de amigos, vídeos, livros, *podcasts* e todo o tipo de fonte imaginável. Isso realmente tem o potencial de transformar o grupo numa roda de conversa entre amigos.

Mas a tensão que isso gerou no Leandro, no José e no Frederico, resultou em mais do que reclamações particulares para mim. O próprio grupo, nos diálogos dos encontros, foi mostrando que as falas e formas de falar podiam ser mais adequadas. Outras pessoas disseram para termos paciência com esse comportamento, que mudá-lo é um processo, assim como ser

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

menos racional. Minha parte foi buscar, incansavelmente, apontar para o sentimento que o discurso guardava durante os encontros. Ou intervir nos diálogos buscando essa direção, por vezes trazendo alguma questão minha como exemplo e buscando mobilizar o grupo no mesmo sentido. Nesse palco, junto com os desgastes, histórias muito bonitas vieram à tona.

Antes de abordar essas histórias, que considero momentos de sucesso nessa fase do grupo, quero trazer ainda algumas resistências que se manifestaram. Dois participantes – Paulo e André – que não são da equipe mas são amigos próximos, entraram como convidados para o grupo, após o consentimento de todos. São amigos de longa data. Mesmo assim, pela intercorrência anterior, tiveram sua participação submetida à aprovação do grupo e entraram um mês depois. Fiz questão de proceder assim porque tínhamos esse combinado para pessoas fora da equipe. Enfim, os encontros do grupo seguiram muito bem com a participação desses amigos.

Um deles, o André, é muito carismático. Ele conseguiu acessar emoções e atravessar uma transição importante na vida dele, em que ele passou os últimos meses no Brasil antes de ir para as Filipinas se casar e trabalhar lá. Ele participou de tudo, discussões racionais, temas mais informais e mesmo situações em que foi às lágrimas.

O outro, Paulo, tem muitas amizades próximas com a equipe. Paulo buscou trazer seus sentimentos mais frequentemente, balizando com a defesa expressa num pensamento mais racional e voltado para o concreto, com sugestões para o andamento do grupo várias vezes. Ele propunha que se fizessem rodadas falando dos sentimentos e processos no início dos encontros que participava. Também dava opiniões sobre como as falas deveriam ser feitas ou não. Além disso, depois dos encontros, ele costumava vir falar comigo sobre a performance do grupo e de cada pessoa. Eu achei isso particularmente curioso e fiquei numa postura de observador, sustentando as conversas com ele. *A priori* eu entendo que ele tem para si uma perspectiva de grupo e de gestão de grupo em que todos participam da construção de sua métrica e dinâmicas. Mas, profundamente, esse comportamento refletia a forma como a dinâmica do grupo tocava e frustrava sua fantasia sobre uma autoridade e um modo de organização.

Ora, a participação de todos na construção do grupo é muito bem-vinda, mas ao longo do desenvolvimento desses encontros eu fui percebendo a minha importância como

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

coordenador. Havia muitas forças em correlação ali. Eu sabia que essa perspectiva autocentrada dele era uma delas. Uma resistência ao processo terapêutico sob a forma de uma crítica, opinião sobre ou necessidade de controle sobre o grupo. Isso funcionava muito bem para esconder ou estagnar boa parte da carga da angústia dele. E refletia parte da rebeldia subjacente ao grupo todo.

Em outra ocasião, como se trata de um grupo primeiramente destinado aos homens **da equipe de trabalho** do instituto, tomei uma decisão impactante. Eu admiti um membro novo no grupo, porque era um homem que tinha entrado na equipe do instituto. Julguei natural adicioná-lo ao grupo, já sabendo de sua vontade e disposição em participar.

Nós temos um grupo de mensagens via aplicativo para fazer a comunicação. Quando eu admiti o Benedito, Paulo expressou imediatamente o seu desconforto e descontentamento. Disse que eu demorei um mês para permitir a entrada dele e do André e admiti o Benedito sem consultar ninguém. Embora isso tenha causado desconforto também no José, eu entendi que fiz o certo, pois não posso impedir um membro homem da equipe de trabalho do instituto de fazer parte de um grupo destinado aos homens na instituição. Passado esse desconforto inicial, o Benedito conseguiu se integrar e interagir nas três reuniões de que participou, até que saiu tanto do grupo quanto da equipe. Isso aconteceu porque eu expliquei o meu ponto ao Paulo, mesmo ele não concordando. E expliquei também para o José, que me entendia e também entendia o Paulo. E, a partir daí, eu decidi trazer sempre para o grupo toda uma decisão sobre a entrada de qualquer pessoa. Enfim, o Benedito teve outras experiências e contato com outras filosofias que o distanciaram da equipe e do universo do xamanismo urbano. Foi curta sua estadia como membro da equipe.

Agora, procedo aos casos em que obtivemos mais sucesso durante esse período. E, também, para o relato de um encontro que mostrou um embate interessante.

7.1 Ricardo - demissão e angústias com o pai

Ricardo sempre teve uma relação difícil com o pai. E também trajetórias difíceis em seus empregos quando tinha que lidar com superiores e com sua responsabilidade sobre os erros que porventura cometia. Por isso, ele teve experiências em diferentes empregos. Tenho conhecimento disso, porque já convivo com ele há cerca de dez anos, com uma lacuna breve de

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

dois anos. Ele sempre teve essa postura. Além dos encontros, nós vínhamos conversando há algum tempo sobre as intensidades no trabalho e também na vida pessoal.

Na ocasião desse encontro, ele tinha pedido demissão de um cargo num cartório, após ter passado, conforme relatou, um momento de humilhação numa reunião de trabalho. A primeira parte de sua descarga foi contar a história e transmitir a angústia que o ocorrido gerou. Além disso, relatou alguns pormenores sobre a dureza e a exploração nas relações de trabalho, naquele local.

Finda essa primeira camada, surgiu o discurso sobre a insegurança a respeito do que viria a seguir, como ele faria para conseguir outro emprego. E também sobre como ele iria se organizar financeiramente durante essa transição. Ele estava bastante preocupado. Na sequência, retornou algumas vezes à angústia da demissão, para, então, lembrar de uma história difícil em um emprego, que ele perdeu por conta da não conferência de um malote. E pela irresponsabilidade de seu superior, filho do dono da empresa. Somou-se a isso a reprimenda que recebeu do pai em casa.

Essa memória, junto com as intervenções minhas e de outros colegas, o levou a outras relacionadas à sua família de origem, com condições de vida difíceis e uma relação tensa com um pai ora duro, ora irresponsável. A sua angústia oscilava entre um senso de responsabilidade pelo pai e uma revolta com a dureza com que ele se relacionava.

Esse diálogo permitiu um trabalho de descarga e de organização de conteúdos que estabilizou bastante a agitação do momento. Ele saiu ainda com alguma preocupação em relação à insegurança, porém muito mais leve e com ideias sobre possibilidades de trabalho. Passou um período de cerca de um mês até conseguir uma oportunidade de trabalho na área administrativa de uma universidade privada. Curiosamente, esse trabalho exerce um nível bem menor de pressão sobre ele, com mais flexibilidade em relação a horários e gestão de suas atividades.

7.2 Danilo - racional e solucionador de problemas

Danilo relutou bastante antes de conseguir começar a participar. Ele não participou da primeira fase do grupo e admitiu a sua relutância, alegando saber que seria difícil. Quando ele começou, já havia mais equilíbrio no grupo. Havia falas racionais, pouco conectadas a sentimentos, mas conseguíamos acessar algumas emoções e os problemas ou fatos relacionados

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

a elas. Ele afirmava que sentia dificuldade em falar de sentimentos, porque percebia camadas de “casca” sobre o seu sentir. E isso impactava no seu comportamento e falas no grupo.

Toda vez que alguém falava sobre algum sentimento, ele conseguia entrar na fala do outro com suas soluções, ideias, teorias e filosofias. Assim, uma questão pessoal tendia a levar a conversa para uma dimensão estratosférica e abstrata. Ele é bem articulado e atravessa bem as falas dos outros. Suas intervenções seguiram nessa lógica por mais dois encontros, até que os porta-vozes da rebeldia começaram a reclamar e tentar intervir.

Aos poucos, o grupo foi silenciando as suas intervenções muito frequentes. Ele tentou se justificar durante um tempo, mas depois começou a se controlar um pouco antes de falar a qualquer custo. Junto com o Frederico, formava-se um coro em direção às abstrações, muito longe dos sentimentos. As suas intervenções persistem até hoje. Esse impulso ainda é parte dele, mas consegue aguardar o momento mais apropriado para fazer suas colocações e algumas delas já estão associadas a acontecimentos da vida dele. É interessante perceber que sua verborragia se intensifica mais em alguns momentos em que a ansiedade está maior em casa.

No começo, sua fala estava muito mais misturada com as ideias teóricas. Mas o grupo foi incentivando o Danilo na direção da abertura para o sentimento. Numa noite, enquanto conversávamos sobre raiva, frustrações em relacionamento e comportamentos, ele se abriu. Naquele encontro eu e mais homens do coletivo falamos sobre comportamentos que sabemos ser violentos e mesmo assim manifestamos, como que impotentes ao impulso de reagir. Um exemplo disso é levantar ou alterar o tom de voz numa conversa, apontar o dedo. Ou uma opinião mais invasiva. Ou a imposição de uma rotina, priorizando o que é mais importante para a renda da família – a agenda do “provedor” – em detrimento da agenda da esposa. Há muitas questões do dia-a-dia em que a violência de gênero se manifesta.

Durante o relato, o Danilo finalmente conseguiu sair das explicações abstratas e soluções. E, então, ele narrou uma situação em que ficou tão insatisfeito com a esposa que, no fundo, sentia vontade de agredi-la. Foi uma fala marcante para mim, que tocou os outros participantes e tocou muito o próprio Danilo. Falar sobre isso foi uma vitória muito grande para ele, que continua desenvolvendo o seu contato mais interno com as emoções.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

7.3 Frederico – das abstrações para a expressão

Frederico é um dos que têm apresentado maior progresso ao longo do desenvolvimento do grupo. Ele participa assiduamente dos encontros, com uma ou duas ausências no máximo. Foi dele a primeira fala no grupo em sua primeira fase, depois do momento em que me abri sobre minhas angústias

Desde o início, ele conta histórias ou tem falas enigmáticas para representar os seus sentimentos. Eu tinha essa forma de comunicação também, então acredito que a inteligência da vida e seus campos nos aproximaram, para podermos aprimorar isso.

Ainda na primeira fase, quando havia uma quantidade maior de participantes, ele recebeu bastantes críticas do Leandro. Algumas mais construtivas do que outras. Conversas falando do descolamento de suas falas com uma situação concreta: uma fala sem os pés no chão. Eu também busquei incentivá-lo a falar sobre uma base mais sólida, sempre trazendo exemplos da minha vida. Se alguém trazia alguma angústia, Frederico levava a conversa para o lugar do “dever ser”, dos conceitos e das hipóteses. Se houvesse uma fala sobre o processo e a métrica do grupo, ele se descolava dos fatos e ia para um lugar muito impalpável. Se ele precisava falar de uma situação dele, usava palavras esquivas, sem incluir a si mesmo e sem contar a história, falando do sentimento de uma forma tão abstrata que apenas tocava as situações. Ou, então, contava uma história que conhecia para falar de si ou da situação de alguém, indiretamente, metaforicamente, alegoricamente.

Com o tempo, também começou a receber críticas do José, do Ricardo e de outros participantes. Depois, teve um período em que isso começou a se introjetar nele. Ele teve um comportamento mais retraído e comedido durante um mês. Disse que queria ficar mais quieto e se observar. Achava que estava falando demais. Essa postura dele parecia demonstrar um sentimento de culpa.

Ocorre que era de nosso conhecimento que ele vivia conflitos com sua então esposa. Ele estava passando por discussões e dificuldades, era possível sentir a ansiedade no seu corpo e na sua respiração. Como os participantes também são amigos, em conversas mais íntimas, ele conseguira trazer mais detalhes, sobretudo conversando com o José.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

Na roda, como de costume, as queixas tomavam forma de ideias difusas e histórias alegóricas. Mas, à medida que as críticas no grupo o mobilizaram e que as tensões em casa aumentavam, as emoções pareciam vazar por entre suas palavras. Até que um dia ele conseguiu admitir que estava pensando em romper o seu relacionamento. Mas, na época, ele buscava suas justificativas para sustentar a relação. No grupo, algumas falas opinavam sobre seu rompimento. Leandro dizia que isso estava nítido, mas esta era uma opinião, um julgamento. Minhas falas buscavam entender e guiar a sua própria elaboração dessa tensão entre o romper e o ficar.

Durante aproximadamente um mês após esse encontro, ele buscou resoluções para os seus conflitos e tratamento de casal. Houve melhoras visíveis durante mais dois meses. Porém, uma nova crescente de tensões surgiu e iniciou a separação, quando passaram a morar em casas diferentes e com o divórcio em processo.

Ele continua participando dos encontros. Não menciona muito seu relacionamento rompido e a separação. Mas tem falado sobre suas tentativas de ser mais livre na vida e de encontrar novas pessoas. De se entender menino nessas buscas e sentir insuficiência nisso. Também tem trazido muito sobre a relação com o pai e de alguma forma mostra estar um pouco preso a ela. Como que cobrando ou esperando que o pai entenda ou mesmo queira seguir o mesmo caminho que o filho. Sua fala ainda apresenta um lugar abstrato, às vezes sem conexão com fatos específicos. Mas mesmo estes já aparecem em seu discurso. Quando não, pelo menos sua fala está mais ancorada em um tema conectado a sua vida: a relação com o pai.

Quando fala, apresenta um pensamento mais organizado e é possível dialogar melhor, chegar a conclusões sobre a própria vida. Ele já consegue descrever melhor as situações que vive e lhe causam alguma angústia, ansiedade ou qualquer sentimento que julgue relevante trabalhar no grupo. Às vezes ele ainda precisa explicar melhor o que quer dizer, sob mais de uma perspectiva, mas já conseguimos uma interação melhor, tanto no grupo quanto na equipe.

7.4 Vinícius - o “conflito final”, as férias e a nova organização

No último encontro, que teve alta adesão de participantes, decidi começar o grupo em pé e com uma fala sobre sentimentos. Alguns participantes apresentaram desconforto logo de

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

início e, quando perguntei sobre o início na roda, disseram sentir incômodo ou não estar conectados nem com vontade de trabalhar dessa forma. Um dos participantes, o Vinícius, disse sentir muito incômodo com essa e outras atividades na instituição, em eventos que envolvem o corpo. Esse rapaz é da equipe e da diretoria, tem bastante influência sobre o dirigente. Ele participou de três encontros ao longo de oito meses de grupo. Sempre trazia questionamentos à forma de conduzir o grupo e à suposta falta de um método ou uma base de estudos para termos como referência.

No dia desse conflito, estava bem tenso, olhos semicerrados e fala cortante ou agressiva. Ele tentou entrar nos assuntos, depois ficou silente e, então, começou a criticar a forma e a métrica. A seu ver, a conversa – que naquele dia de fato consistiu em indivíduos agrupados fazendo associação livre sem muita organização, com falas muito racionais e apontamento de soluções – “parecia uma torre de babel”. Ele dizia que precisávamos de um estudo, um método e um calendário pré-fixado. E que uma fala importante do José tinha se perdido em meio às falas do encontro.

José tinha falado sobre a dificuldade de lidar com a velhice, relatando sobre a sua relação com a mãe e crises agudas de ansiedade. E, na opinião do Vinícius, isso resultava de uma conversa desorganizada. Eu expliquei que essa dinâmica tinha uma aparência de desorganização, mas se organizava ao longo dos encontros e alcançava o objetivo de acessar sentimentos. Fui apoiado com argumentos do próprio José, que apontou avanços alcançados, como o caso do Danilo. Em meio a esses argumentos, o Frederico fez uma fala que o Vinícius interpretou como “o que eu estou dizendo e pensando não tem valor algum”. Após essa fala, o José também falou sobre uma reclamação que o Leandro tinha feito sobre a postura do José durante uma atividade do instituto.

Após esse encontro, Vinícius e Leandro saíram do grupo. Soube que o Vinícius estava passando pelo fim de um período de burnout relacionado ao seu trabalho e que o Leandro estava passando por um período de descontentamento com a instituição, com críticas às construções musicais, por exemplo, dentre outras.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

Ainda tivemos mais dois encontros antes de passarmos por um mês de recesso. Nesse período, em conversas no grupo de mensagens, surgiu interesse de todos por um livro que fala sobre simbolismos ou arquétipos relacionados ao homem e ao masculino. O livro *Rei, Guerreiro, Mago, Amante*, de Robert Moore (1993), pode ser considerado uma obra que mistura misticismo com influências do pensamento de Jung para falar sobre o que é ser homem. Muito embora essa linha de pensamento não esteja no centro do foco dos estudos realizados em curso, percebi que o interesse pelo livro seria uma ferramenta útil para trazer mais organização para os encontros. Além disso, naquele momento, os estudos sobre dinâmica de grupo em Castilho (1995) me ajudaram a compreender e lidar melhor com os comportamentos coletivos e, ainda, recebi orientações valiosas nas aulas do Raiz. O livro que surgiu, os estudos e as orientações formam um todo que melhorou minha percepção e atuação no grupo.

Considerando meu interesse e o de outros rapazes pelo livro que surgiu, resolvi fazer um movimento que marcou melhor minha posição de coordenação do grupo. Isso já estava se fortalecendo há algum tempo, mas a reorganização que aconteceu nesse momento, em torno de uma leitura, me ajudou a centralizar uma força que circulava pelo grupo. Uma resistência buscava me atravessar, numa pressão contrária à minha condução e tentativas de se assumir o controle e estabelecer regras ou dinâmicas. Essa resistência era a rebeldia e, por um lado, foi bastante importante. Nos dois momentos em que falei do grupo de homens nos encontros do Raiz, recebi orientações pontuais que contribuíram muito para o seu reordenamento.

A primeira delas foi a de adotar uma postura que permitisse eu coordenar o grupo sem impor aos integrantes a ideia de que eu era um coordenador. Pelas minhas falas em sala de aula, a Susana identificou a rebeldia como marca do grupo e sugeriu essa estratégia. À medida que fui adotando tal postura, pude, aos poucos, relaxar na posição de coordenador. E o próprio grupo relaxou com a minha posição. As minhas falas passaram a trazer cada vez mais pontualmente e menos extensamente os meus conteúdos pessoais. Minha condução passou a começar com rodadas de palavras, legendas ou frases sobre o que cada integrante estava sentindo no dia do encontro. Nos dias que o Paulo foi, aproveitei seu impulso de controle para fazer as rodadas. Depois, em outros dias, estive decidido a começar de outras formas.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

Quando comecei com o livro – uma proposta de estudo e algumas questões pontuais para se refletir sobre os próprios sentimentos no período entre os encontros – Paulo não apareceu mais.

Então, chegamos à terceira fase do grupo, que é a atual. Quando comuniquei que utilizaríamos a leitura de Moore (1993) como âncora e guia das reflexões, escolhi ser o mais direto possível. Não fiz uma enquete nem perguntei o que o coletivo achava. Era comum, em outras ocasiões, eu fazer perguntas, propor ideias e receber um silêncio indiferente. Ou ser muito criticado por uma falta de clareza no que estou propondo. Observando o desenvolvimento do grupo e do meu papel nele, escrevi uma mensagem bem clara para o grupo. Notei a adesão dos rapazes à leitura do livro e resolvi fazer uma leitura fichada do conteúdo, pensando em questões para o texto e para refletirmos nos encontros. Fiquei um tanto preocupado em criar uma tendência mais intensa ainda em direção ao racional. Procurei deixar claro que essas leituras têm de servir como incentivo para refletirmos sobre nosso próprio sentir, nos seguintes movimentos:

- estar atento para os sentimentos, sensações e emoções que viessem à tona durante as semanas;
- trazer o registro ao estudar ou fazer uma reflexão no grupo baseando-se no conteúdo do livro.

A mensagem elogiava o grupo por todos os passos dados até aquele momento. Depois disso, falei que estávamos em condição de dar mais um e que utilizaríamos o livro como referência. Mencionei a importância de estudá-lo como um guia para a reflexão sobre os próprios pensamentos e também os sentimentos. E não para uma simples discussão teórica do que existe ali. Também me comprometi a fichar a leitura e fazer resumos críticos sobre cada parte do livro que servir como base ou âncora para a discussão do dia.

Depois, coloquei um resumo da primeira parte da introdução do livro na forma que mencionei. Com isso, trouxe tópicos de reflexão e, assim, seguimos para o que foram os oito últimos encontros, ao longo de dois meses. A discussão de pano de fundo foi a leitura da

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

introdução e dos capítulos um, dois e três do livro do Moore (1993), que, em geral, fala sobre os motivos pelos quais os homens se representam por uma masculinidade imatura.

Os dois primeiros encontros começaram com rodadas falando sobre os sentimentos e algumas conversas sobre o que surgiu no dia e nas semanas dos rapazes. Entramos em questões da leitura: a relação com o pai e o que Moore (1993) chama de ritos de passagem para a vida adulta. As discussões foram interessantes, porém nós não conseguimos tocar nos sentimentos ao longo da discussão. Ainda busquei alguns exemplos meus para tentar levar o grupo para um lugar mais próximo do sentimento. Mas senti que, embora num contexto de mais organização, a resistência mental ainda estava – e está – bem organizada.

O terceiro e quarto encontros aconteceram depois de uma breve análise que a Susana fez sobre a dinâmica do grupo que eu descrevi para ela. Decidi seguir uma orientação sobre os homens fazerem um pouco da dinâmica em duplas ou trios para então acontecer uma partilha no grande grupo.

No terceiro, comecei fazendo uma rodada de palavras sobre sentimento. Depois, uma rodada respondendo à seguinte pergunta: “Para que você veio aqui?”. Depois dessas rodadas – estávamos em três – falei um pouco sobre o conteúdo do livro, sobre a relação da ausência/isolamento ou irresponsabilidade do pai e a relação do patriarcado com uma masculinidade imatura e não saudável.

Então, propus uma dinâmica de transferência em que uma pessoa representava o pai e a outra falava com o pai, seja buscando uma emoção mais leve ou uma mais densa. Com palavras como “pai, eu lamento por...” ou “pai, tenho raiva de...” , ou ainda, “pai, sou grato por...” ou “pai, eu sinto... sobre ...”. A ideia era começar o exercício de maneira mais mecânica para, então, chegar nos sentimentos.

Danilo expressou muitas falas de gratidão, bastantes sorrisos e os olhos marejados. Foi uma vitória poder percebê-lo chegando próximo às lágrimas, porque é muito raro ele sair do racional. Foi importante ele falar sobre o que sentia pelo pai num exercício guiado, falar dele e sentir o que veio junto com a fala.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

Frederico, por sua vez, veio com palavras de gratidão, mas a sua fala carregava ambivalência. Havia gratidão, mas também um inconformismo numa expectativa de ser aceito pelo pai e ao mesmo tempo de que o pai pudesse mudar a perspectiva que tem sobre o que o filho faz. Então essa gratidão veio finalizada pela seguinte fala “você segue o seu caminho e eu sigo o meu, obrigado pelo seu exemplo”. Mas seu semblante carregava tristeza no olhar e um certo ódio na mandíbula.

Depois, sentados em roda, dividimos um pouco mais das nossas histórias com nossos pais, coisa que já tínhamos discutido bastante no encontro anterior. E Danilo reconheceu a importância de sentir a gratidão dele na pele e não apenas nas palavras. Também foi importante o Frederico reconhecer que sente raiva do pai. Foi necessário conversar muito até ele mesmo admitir esse sentimento, mencionando a palavra “raiva” quando narrou o que sentiu no exercício. Finalizamos o grupo com as conversas já indo para o campo mais racional ou pragmático das defesas.

Seguimos a mesma métrica no quarto encontro, falando sobre a nossa relação com a mãe. Para o José, que não tinha ido ao encontro anterior, a dinâmica foi sobre o pai.

Os exercícios trouxeram sentimentos que, na superfície, podem ser lidos como de gratidão e muito afeto, honra e reverência. Porém, a própria experiência com o grupo e os estudos de análise de caráter mostram que a transferência positiva é apenas uma camada de uma transferência negativa latente.

No quinto encontro, trabalhamos primeiramente em pé. Fizemos uma dinâmica que resgatei da minha experiência pessoal nos grupos de movimento semanais de que participei, assim como de encontros do curso. Primeiro, falamos o que estávamos sentindo, uma palavra para cada pessoa da roda Depois, juntos, todos do círculo deram um passo para frente e cada pessoa falou novamente uma palavra para descrever o que sentia. Com esse movimento de um passo, os sentimentos mudaram.

Esse encontro trouxe conteúdos importantes à tona. A ideia inicial era trabalhar sobre a criatividade e começar isso criando um ritmo musical para o grupo. Estávamos em três e cada um pegou um instrumento e tocou, buscando um ritmo em comum. Nós conseguimos, mas foi

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

nítido que o exercício não deu conta de tocar o emocional e ficou bastante na superfície. O exercício gerou um pouco de tensão e um pouco de carga, sem descarga. Quando paramos, houve relatos de sentimentos de inadequação e angústia por medo do descompasso ou desconexão. E, ao mesmo tempo, calma e um pouco de ansiedade em mim.

No segundo momento, a conversa transitou entre a busca da descrição de um desconforto, conversas sobre um tema pessoal importante na vida do Marcos e conversas sobre a eficácia do grupo naquele dia, com o pano de fundo de uma sensação desconfortável que correu por todos.

Busquei dar nome e voz para esse desconforto ao longo dos assuntos que conversávamos. Essa tentativa permeou as conversas do começo ao fim. O caso do Marcos é uma conversa que ele vem repetindo ao longo dos encontros. Ele tem se dado conta que criou um personagem para atuar na vida, a figura de um homem de sucesso e com conteúdo. E ele tem passado por experiências, a seu ver, emocionalmente intensas que o permitiram perceber essa atuação e buscar dar um passo para trás da imagem que criou, olhando para si mesmo como que de fora. Mesmo com uma descrição rica e longa, é evidente, no relato, o distanciamento do que ele sente.

O sentimento estava parado nas suas hesitações e na sua mandíbula. Também estava preso na sua necessidade de uma permissão para falar, dada pelo seu olhar, que busca o meu olhar. Ele só consegue começar a falar se eu olho para ele e dou algum tipo de consentimento. Aí sua tensão – espalhada pelo core – se solta um pouco, permitindo um fluxo que logo se represa na garganta e gera nova pressão no diafragma. Nessa dinâmica, o seu falar manifesta uma pressão interna, se solta por um momento muito breve, expressando uma emoção, para logo em seguida ficar sob pressão novamente. O contato da fala com o corpo se perde e ele “vai para a cabeça”, ou seja, sai do sentimento e vai completamente para o pensamento. Então, a expressão de suas palavras fica insípida.

No mesmo encontro, o Frederico conseguiu um pouco mais de contato ao falar sobre sua inadequação e soltar um pouco de energia ao fazer sons baixos e guturais enquanto tocávamos os instrumentos. Sua fala convergiu com o sentimento apenas quando mencionou a

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

inadequação. Depois, ainda com o desconforto latente no diafragma, conversamos sobre o grupo e banalidades sobre a vida. Encerramos o encontro e eu fiquei com uma sensação de que não houve uma descarga necessária. Ao longo do dia seguinte, fiquei totalmente disperso a maior parte do tempo. Acredito que, por não termos passado apropriadamente por uma curva nesse encontro, o conteúdo ficou preso em mim e eu, na contratransferência, precisei de um dia para dissipar essa energia.

A percepção desse encontro indicou um grande desconforto subindo desde a planta dos pés e gerando uma densa carga de energia, que parecia incomunicável e preenchia o tórax com muita pressão no diafragma e um gargalo na garganta. E criava uma sensação pesada de repressão, com força de baixo para cima e de cima para baixo. Um certo enjoo, com a garganta segurando o que queria subir.

No final de semana seguinte a esse encontro aconteceu uma aula no Raiz. Sincronicamente, outros movimentos do primeiro período de aula foram semelhantes à dinâmica que aconteceu no grupo. A demonstração de atendimento trouxe um conteúdo que podia ser sentido, mas não teve uma abordagem totalmente adequada para gerar uma descarga e abrir espaço para a pessoa. Durante o intervalo, conversei com a Susana brevemente sobre o grupo e ela mencionou que houve uma capacidade, uma sensibilidade corporal para o que emergiu, porém não foi tomada uma medida para dar vazão para isso. Ela sugeriu, então, algum movimento para soltar o diafragma.

Apliquei a sugestão no quinto encontro. Houve uma adesão maior de pessoas, com a participação de dois amigos que estavam de passagem pelo instituto. Eles são bastante conhecidos e, ao menos na superfície, sua presença não pareceu interferir no que cada colega trouxe. Fiz uma introdução do tema que foi estudado ao longo da semana e os ganchos com possíveis relações e narrativas de vida que seriam o caminho para o nosso contato com os sentimentos. As minhas falas se centraram nos temas de comportamentos impulsivos e da relação com a mãe, com o feminino, com mulheres.

Fizemos uma apresentação dos colegas visitantes e, depois disso, as falas trouxeram um pouco sobre o assunto introduzido e se misturaram com os relatos sobre os sentimentos que

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

cada participante estava passando naquela semana. Nas falas do Marcos, consegui sentir o mesmo desconforto torácico do encontro anterior. Já nas outras falas, isso parecia mais dissipado. Quando perguntei sobre o sentimento para o Frederico, ele conseguiu falar que sentia algo no estômago, sem eu precisar pedir para ele falar do corpo.

Isso foi bastante peculiar, dada a tendência do grupo para o pensamento lógico. Inclusive, os outros participantes foram para esse lugar e eu pedi para que eles identificassem no corpo o que estava acontecendo. Tive relatos de desconforto no tórax e garganta (Marcos), Lombar (José) e ombros (Caio).

Como nós tocamos nos assuntos de relação com mãe, feminino e nutrição, fizemos uma meditação com um arquétipo relacionado ao tema. Adaptei uma meditação do coração feita em sala de aula com o professor José Carlos para o contexto do espaço, do grupo e do tema do dia. Antes de começar, sentados, primeiro exploramos o sentir dos pés no chão e fizemos alguns movimentos para soltar as mandíbulas, a boca, a língua e as bochechas. Fizemos também algumas respirações mobilizando o diafragma, deslizando os dedos desde o centro do peito até a lateral do corpo, pelas costelas flutuantes, abrindo espaço para o diafragma e para a respiração durante o meditar. Considerando a resistência dos participantes, os movimentos que fizemos representaram organização e alinhamento de estruturas. Soltamos os ombros o máximo possível e buscamos alinhar a coluna. Para dar o tom da temática da reunião, conectei a concentração no coração com uma visualização da Grande Mãe do Universo. Os participantes saíram bastante relaxados e satisfeitos do encontro.

Assim termina a narrativa que abarca minhas memórias e o caderno de campo. Fica evidente que o grupo de homens do Instituto Flor de Lótus tem integrantes bastante racionais, alguns deles com alta abstração no pensamento. Essa resistência tem se articulado constantemente e percebo que o grupo tem a função de encontrar os caminhos para afrouxá-la. Mesmo que tenhamos passado por conflitos e uma espécie de reforço dessa configuração caracterial típica, conseguimos, com bastante paciência, dois resultados positivos que podem ser introduzidos de imediato.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

Primeiro, saímos do lugar da emergência e do caos para, aos poucos, desenvolvermos uma estrutura que permitiu gradualmente o contato com o sentir e a capacidade de se sustentar diante dos relatos, emoções e pensamentos. Diante, ainda, da própria resistência, dos pensamentos difusos, dos inúmeros questionamentos sobre o que fazer nos encontros e como fazê-lo. Além disso, conseguimos sair do terreno impalpável de nossas cabeças e trabalhar, ainda que pouco, nos olhares, testas franzidas, mandíbulas presas, vozes embargadas na garganta, desconfortos torácicos e abdominais, até sentirmos os pés nus em contato com o chão de terra. Abrimos caminho para essa consciência da conexão da mente e das emoções com o corpo, caminho por onde ainda existe uma vasta extensão a trilhar, com bastante paciência.

Cabe ainda mencionar como foi o fecho de 2024 para o grupo. Inspirado pelas passagens que recebemos ao longo dos Kairós e, também, pela discussão em Moore (1993) sobre a necessidade de ritos de passagem para homens, propus um último encontro. E realizamos a nossa primeira passagem, que marca o término do primeiro ciclo de estudos sobre a imaturidade dos homens no nosso livro de referência. Foi uma experiência marcante para os homens que participaram e um evento síncrono com uma série de mudanças que estão acontecendo na equipe do Flor de Lótus e na vida de todos os seus integrantes.

O próximo passo é fazer uma análise do material levantado nessas memórias, aprofundando e/ou expandindo as conclusões preliminares que já tracei aqui.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

8. ANÁLISE DO MATERIAL DE PESQUISA

Depois dos últimos encontros de 2024, o grupo entrou em recesso, acompanhando o calendário do Instituto. O Flor de Lótus iniciou o ano de 2025 com um ritmo intenso e atividades contínuas desde o dia 05 até o dia 18 de janeiro. Por conta disso, eu previa iniciar o grupo apenas em fevereiro.

Caio é um membro bastante silencioso do grupo. Ele fala muito pouco e prefere escutar mais. É um companheiro de grupo que diz aprender bastante com o que é dito lá e que integra muitos processos sobre a própria vida com sua participação. Ele foi o primeiro a me perguntar, logo no dia 05 de janeiro, quando nossos encontros retornariam.

No dia 18, antes de iniciarmos a atividade do instituto que aconteceu às 18h, tive oportunidade de conversar um pouco com o Marcos. Foi quando ele me perguntou se eu intencionava retornar com os encontros e me disse que estava precisando. Diante dessas perguntas, resolvi retomar os encontros no dia 21 de janeiro. Quando eu coloquei o aviso no grupo de mensagens, imediatamente o Danilo informou que também estava precisando do encontro.

Essa primeira reunião de 2025 foi uma conversa para falarmos do fim do ano e integrarmos o ano de 2024 enquanto coletivo. Estiveram presentes o Danilo, Marcos, Frederico e eu. Todos os relatos do encontro continham fatos da vida dos rapazes, assim como os sentimentos atrelados a esses fatos, sem um grande distanciamento racional. Entendo que esse é um indício de como o grupo nos educou para a conexão das nossas ideias com o chão em que estamos pisando, com a realidade em que estamos vivendo.

Dentre os relatos, merecem destaque as palavras do Danilo, que narrou um fato difícil ocorrido entre novembro de 2024 e janeiro de 2025. Ele foi confrontado com a possibilidade de repetir o padrão de um impulso que o levaria a uma traição em busca de satisfação sexual. Mais do que os detalhes dessa história, cabe aqui dizer que ele conseguiu contornar a situação, entendendo que a possibilidade de sexo casual despertou nele um sentimento do qual ele afirmou não se lembrar mais de que podia sentir. E, ainda, sendo sincero com a esposa sobre a situação que estava passando, atravessou a crise e foi capaz de olhar para a própria esposa e

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

para a filha com outros olhos e com o mesmo sentimento que havia esquecido. Conscientemente, ele abandonou a sua fantasia para viver, com a mesma vida e o prazer que já estão nele, a realidade que escolheu para si. Ele concluiu a fala, olhos marejados, afirmando que, se foi capaz de sentir o que sentiu, de se lembrar que podia sentir, isso tem relação direta com o trabalho que tivemos no grupo de homens, retirando o que ele já havia anteriormente chamado de “cascas”.

Ainda que já fora do escopo de tempo estabelecido para a análise do objeto de estudo da pesquisa, este apêndice da narrativa dá conta de ilustrar a importância e o impacto que o grupo teve na vida de uma parte da equipe Flor de Lótus. E também ilustra o desenvolvimento do grupo numa fase cujo núcleo é a confiança.

Nesta seção, apresento uma análise do material de campo levantado no capítulo sete, identificando as fases de seu desenvolvimento e quais são suas unidades funcionais. Isso abrirá espaço para compreender e avaliar as direções do desenvolvimento do grupo. Assim, será possível compreender a vida e a resistência expressos nesse coletivo, para traçar conclusões e vislumbrar seus horizontes.

Considerando seus dezesseis meses de duração até o momento, a história do grupo pode ser dividida em três fases, cada uma com uma unidade funcional diferente. A análise vai verificar o que essas fases representam. Não há, necessariamente, um marco ou data específica em que termina uma fase e começa outra. Por um lado, pode-se afirmar que, enquanto se terminam e integram os processos desenvolvidos a partir de uma determinada unidade, existem novos em andamento, a partir de outro núcleo. Por outro lado, pode-se entender, como na ilustração de uma árvore, que cada núcleo é um nó do qual brota um entroncamento que contribui para o equilíbrio e a existência do grupo como ele é. Nesse sentido, não há necessariamente um começo e um fim lineares, mas uma história que dá contorno e sustentação para um todo.

Numa visão panorâmica, o grupo mostra a história da construção de um coletivo e de um coordenador. As narrativas pessoais e respectivos conteúdos que a atravessam, os movimentos de coesão e de conflito em direção à homeostase, evidenciam o processo de

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

construção de uma base, uma coluna e uma mobilidade. Cada movimento contribuiu para construir o corpo do grupo e uma posição de coordenação.

A primeira fase é marcada, em seu início, pelo contexto de bastante conflito. Os meus próprios problemas pessoais, inflamação nas relações, as minhas dificuldades com masculinidade e com assumir posições de autoridade que me cabem, minha tendência ao isolamento diante disso, formaram a liga para o pedido de ajuda. Aí, a angústia é a unidade funcional. Tentei resolver minha própria angústia projetando-a em áreas diferentes da minha vida: trabalho, relacionamento, amizades, e atividades do instituto, estando aqui todas elas muito misturadas, como já mencionei. Isso, claramente, me gerou um conflito generalizado e uma situação de dor que serviu para aglutinar os homens do grupo ao meu redor. Da angústia, vamos ao conflito e à dor, que mobilizam o coletivo para auxílio e proteção.

O pedido de ajuda representa um desejo pela vida que conseguiu atravessar as resistências expressas nos conflitos e fazer um chamado pela ordenação de um grupo para permitir que essa mesma vida possa se manifestar num coletivo maior. E foi neste momento que se firmou o primeiro acordo tácito do grupo: os homens da equipe Flor de Lótus se uniram para ajudar com as minhas demandas, pois o que eu estava vivendo atingia minhas relações e ameaçava minha segurança na vida pessoal e, ainda, no próprio instituto. Como isso não foi dito, também não estive totalmente consciente.

Existem problemas, dificuldades e questões que eu preciso trabalhar e cuidar até hoje na minha vida e na relação com o instituto, a diretoria e a equipe. Sempre existirão. Mas o estado de angústia, a insegurança, a instabilidade e a falta de prazer em trabalhar nessas instâncias se acalmou em questão de um mês e meio, o que corresponde a três encontros. Pensando na dinâmica de uma curva orgástica, as tensões que se acumularam ao longo de um ano na minha relação com membros da equipe chegaram a um ápice bastante perigoso. Eu estava sujeito a cindir minhas relações com a instituição e, provavelmente, a entrar numa tendência de isolamento, posto que minhas defesas estavam bem organizadas e eu já me distanciava de algumas pessoas. Porém, a vontade de fazer parte daquele grupo, viver e contribuir com aquela realidade persistiu e encontrou caminho para uma descarga.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

A partir desse momento, o meu caos inicial se organizou em mim por meio do grupo, mas, no coletivo, isso abriu espaço para que outras pessoas começassem a expor suas próprias angústias e desorganização interna. Então começam os relatos de outros participantes, como o Frederico e o José e, ao mesmo tempo, as insatisfações e tentativas de controle por meio do Leandro. Então, é possível observar os movimentos do grupo em busca de seu equilíbrio. O acordo tácito que eu citei permanece sob outras formas, na medida em que minha tensão inicial foi sanada, porém continuei (e, quando necessário, continuo) trazendo elementos da minha própria vida para a discussão.

Porém, a identidade do grupo masculino começou a emergir: um lugar seguro para homens entrarem em contato com os sentimentos a partir da expressão verbal e da escuta. Começam a aumentar os relatos pessoais de outros colegas e o fluxo de participantes aumenta. As formas não lineares de se admitir membros, a chegada de participantes com atraso, o embate de falas racionais versus falas buscando o sentimento, as críticas à racionalidade e as formas de entrar na conversa, as sensações de não conseguir falar, de não ser ouvido, de ser cortado foram criando uma nova tensão no grupo: uma percepção de caos. Isso trouxe porta-vozes das necessidades e resistências que foram surgindo ainda ao longo da primeira fase.

Pode-se identificar a segunda fase surgindo aqui: minha segurança na equipe estava garantida e se abriu espaço para novas pessoas virem e para mais participantes se expressarem. Esse fluxo irregular de pessoas e informações, a ausência de uma métrica para os encontros e para a admissão de membros, a dificuldade em sequer tangenciar os sentimentos gerou tensões e reclamações ao longo desse percurso.

Leandro, José, Rafael e eu éramos porta-vozes da necessidade de se falar de fatos tangíveis e sentimentos pessoais. Repetidas vezes nós intervíamos, fazíamos falas sobre nossas intimidades, ou questionávamos os colegas: “do que exatamente você está falando?”; “você tem como falar sobre isso na sua vida, na prática?”.

Leandro, Paulo, Vinícius e Rafael foram os porta-vozes, ao longo de toda a primeira e segunda fases, da necessidade de organização. Recebi críticas em relação a como admitir ou não pessoas novas, várias ideias surgiram, seja no grupo presencial, seja em mensagens privadas

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

online, para que as falas pudessem ser organizadas. Alguns integrantes falavam demais, não sobrava espaço para outros, o fluxo da discussão se perdia ou era interrompido, seja por mudança de assunto, atrasos ou presenças novas e, inconscientemente, ameaçadoras.

Nesse período, eu adotei uma postura de observador e procurei suportar as tensões dos porta-vozes nas direções que citei. Ainda havia algo mais profundo para compreender e eu precisava garantir que tanto o grupo quanto suas tensões continuassem a existir. Por isso eu trazia muitos conteúdos meus e falava muito dos meus sentimentos, buscando colocar exemplos de fala. Eu interagia com os porta-vozes dessa necessidade para buscar apoio e aos poucos tocar a resistência dos colegas que eram muito racionais e abstratos e não falavam de sua realidade, sobretudo Frederico e Danilo e, mais no final da segunda fase e na terceira fase, também o Marcos. Em conversas mais individuais, escutava as críticas, principalmente do Leandro, e conversava com ele em mensagens privadas online sobre alternativas. Com o Paulo, tínhamos algumas conversas online e muitas vezes avaliávamos o grupo em uma breve conversa logo depois dos encontros em que ele participou. Em um momento específico, no possível marco da terceira fase, o Paulo manifestou seu descontentamento com métricas e comportamentos por meio de uma raiva profunda, que ele finalmente conseguiu acessar.

Sem perceber, ele estava chegando exatamente no lugar a que o grupo se propõe: o sentimento. E a própria dinâmica caótica do momento contribuiu para que ele chegasse nesse ponto. Leandro e Vinícius, por sua vez, pontuaram nos encontros presenciais sobre como poderíamos organizar as falas e sobre a falta de um ordenamento, de uma âncora ou norte para nossas discussões.

Eu busquei aproveitar o que era possível para intervir na métrica dos encontros e falas, sustentei a necessidade de um limite para os mais abstratos e de escutar antes de intervir ou entrar na fala do outro. Foi uma verdadeira disputa de território, cuja mediação eu começava a captar como necessária. E, nesse movimento, pude identificar tendências e levar o que era possível para discutir em sala de aula no Raiz. Daí surgiram os insights que permitiram compreender o que há de mais profundo nesse jogo de forças.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

Todas essas questões de organização e sobre o quê e como falar nos encontros trazem, num plano mais consciente, a questão do controle e da necessidade do sentir. Porém, num plano mais profundo e inconsciente, eu podia perceber e sentir um desejo, nos porta-vozes, por tomar o lugar de coordenador do grupo, justamente por acharem que eu não daria conta dessa posição. Ao mesmo tempo, eu me sustentava facilitando o grupo e marcando os encontros, recebendo todos esses fluxos e buscando sínteses. E isso ecoava o que eu chamo de unidade funcional da segunda fase do grupo: rebeldia.

Essa tentativa de controle e falta de confiança carrega impulsos bastante primitivos de seus porta-vozes, projetados em mim. E se desenvolve numa raiva, ora explícita, ora comedida, presa no abdome e no tórax, que poderia se expressar na frase “por que você não faz do jeito que eu quero/penso?” Ou seja, em como esses indivíduos fantasiam o grupo ideal e como a prática, como “o que é possível” se distancia disso, causa espanto, gera medo, algum tipo de revolta. Fato é que, se eu simplesmente fizesse o que este setor do grupo me pressionava a fazer, impor um controle tal que não permitiria os indivíduos mais racionais do grupo tocarem em seus sentimentos. Incurrir nesse tipo de controle a essa altura ameaçaria a existência do grupo e a possibilidade de um acompanhamento terapêutico justamente para os indivíduos que mais precisavam e eram mais assíduos. Nesse ponto, já era possível identificar essa racionalidade abstrata descolada dos sentimentos como inerentes ao grupo. O próprio sentimento dos críticos da organicidade revelava isso nas suas falas, nada mais que racionais, avaliando o andamento do grupo.

Há ainda uma evidência dos movimentos inconscientes do grupo que apontam para o caos e a rebeldia. Na primeira fase, quando havia muita angústia e, posteriormente, uma identidade de grupo em gestação, fizemos os encontros em quatro espaços diferentes da chácara onde eles acontecem. E na segunda, embora fixados num espaço, ainda não era adequado o suficiente, pois uma árvore impedia o círculo de cadeiras de se fechar. Além disso, o círculo não contava com uma representação do seu Si.

Conforme o estudo de Castilho (1995) e experiências em grupo de movimento, o próprio posicionamento dos indivíduos no espaço de um grupo terapêutico revela intenções

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br> Acesso em: _/_/

inconscientes. A pessoa que fica de frente para o coordenador pode representar o confronto ou desafio. Grande parte dos encontros em que o Leandro participou, ele estava sentado de frente para mim, seja imediatamente à minha frente, seja na diagonal. Quando houve o conflito mais agudo, que praticamente marcou o fim da segunda fase, Vinícius estava posicionado à minha frente.

Eu contribuí bastante para o recrudescimento da resistência racional na forma das críticas devido à minha interpretação e as decisões que tomei a partir dela. Reich discute sobre os erros típicos de interpretação, afirmando, primeiramente que a meta da análise é “atingir a fonte de energia dos sintomas e do caráter neurótico para pôr em ação o processo de cura” (2004, p.34) e, ainda, que “não há cura real sem a análise das experiências primárias” (p.38).

Num dos relatos, Reich (2004) conta a história de um paciente que o procurou depois da análise não ter funcionado com outro analista. Ele menciona que havia uma quantidade tal de material inconsciente à tona, já com interpretações, que o paciente não conseguia acreditar mais nelas e sustentava uma postura de “zombaria”. A análise de Reich, então, ricocheteava nessa resistência a mais que se formou por conta de uma análise anterior equivocada.

De maneira que existem causas possíveis para as situações caóticas na análise. A interpretação prematura dos sintomas entrega o controle da terapia para o paciente e deixa o terapeuta andando em círculos. A interpretação assistemática dos sentidos os analisa na ordem e fluxo em que aparecem, sem estratificar o conteúdo ou considerar a estrutura da neurose. A interpretação prematura busca entender o significado antes de entender a resistência, que persiste e se emaranha na relação com o terapeuta, atrapalhando a transferência. Isso tudo estrutura uma interpretação inconsistente que deixa as resistências transferenciais latentes, intocadas e escondidas (REICH, 2004, p.38).

Durante esse grande período de um semestre e duas fases, pude identificar o pensamento racional como resistência ao processo terapêutico. Como vimos, tal racionalidade se expressou no alto nível de abstração das conversas, tanto quanto na elevada necessidade de controle.

A partir dessa interpretação, tentei, primeiro, fazer falas a partir de minhas próprias angústias para incentivar uma aproximação com o sentimento. Demorou bastante para isso ter

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

certa eficácia, com ajuda das falas constantes de outros homens do grupo com a mesma intenção.

Por outro lado, busquei introduzir diretamente, em um dos encontros da segunda fase, um pouco mais de contato com o corpo, colocando os homens do grupo em *grounding* e perguntando sobre o que estavam sentindo.² Isso porque eu entendia que estávamos muito descolados dos reais sentimentos que estavam por trás dos discursos e das críticas. E acreditava piamente que, se os homens estavam naquele grupo, estavam de fato muito dispostos a sentir, embora isso fosse difícil.

Ledo engano. Isso provocou uma sensação de desconforto em pelo menos quatro pessoas naquele encontro e criou uma polarização dentro do grupo. De um lado, ficaram os que viam benefícios e avanços no desenvolvimento do grupo, encabeçados por José, Frederico e Danilo. De outro, os que enxergavam falta de controle, falta de método e mesmo uma confusão completa das informações que vinham à tona (“torre de babel”). Ocorre que a rebeldia estava em plena operação como unidade funcional, no nível profundo: dois lados da mesma resistência se rebelando um contra o outro.

Num nível intermediário, porém fundamental, esse conflito disputava ou clamava por uma posição no grupo: um coordenador consistente, que assumisse por completo essa responsabilidade. Aqui, eu fui capaz de entender o momento, a tempo de assumir a posição, garantir a sobrevivência do grupo e arcar com as consequências dos erros de interpretação. Os primeiros: perdemos o Leandro e o Vinícius depois desse encontro. Posteriormente, tivemos a saída gradual de Fábio e, bem depois, do Paulo. Outros participantes continuam no grupo de mensagens online, mas se distanciaram e não aparecem mais, desde esse encontro.

O provável curso ideal da interpretação seria buscar as causas da resistência mais latente, que se manifestou na angústia e no caos e na racionalidade abstrata e, posteriormente, na rebeldia, nas críticas e na racionalidade controladora. Existem sentimentos mais profundos

² Ao comentar a minha apresentação deste trabalho para a conclusão do curso, Susana ressaltou que, conforme orientações dela e da equipe, não se faz *grounding* na situação em que tanto eu mesmo quanto o grupo estávamos na ocasião. As consequências, como o próprio campo mostra logo em seguida, podem ser danosas.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

mobilizando todos esses elementos. Ou seja, por que é tão difícil para esses homens falar o que eles sentem? Por que eles praticamente narram uma epopeia para alegorizar um sentimento quando poderiam simplesmente dizer que estavam tristes depois de discutir com as parceiras? Por que era mais fácil falar que o grupo estava ruim, não estava avançando e precisava de toda uma lista de regras e procedimentos para entrar, sair, falar, escutar, do que perceber que estar no grupo mobilizava uma raiva? A racionalidade me fitava com olhos cerrados de raiva, mas com lágrimas de angústia. Nem os pensadores nem os críticos queriam se deixar sentir.

Meus erros de interpretação reforçaram a resistência e resultaram numa debandada do setor do grupo que era crítico à sua métrica, o setor referente à última pergunta acima. Existem causas primárias em cada um dos indivíduos que os leva para esse comportamento coletivo. Faltou diálogo, técnica e paciência para atuar nas suas resistências para deixar emergir ou acessar tais causas. Foi um momento em que temi pela continuidade do grupo. Felizmente, ainda pudemos nos encontrar mais duas vezes e marcar um próximo encontro para agosto de 2024. Nessa época, eu já estava em contato com a leitura que interessou ao grupo e tive as ideias que ajustaram sua rota.

As leituras de Castilho (1995) e as orientações em sala de aula foram fundamentais para eu começar a perceber mais nitidamente esses movimentos do grupo. Ainda no período de conflitos e saída de integrantes, eu já estava consciente de que precisava assumir por completo a postura de coordenador. Procurei fazer isso enquanto intermediava as manifestações da rebeldia. Mesmo com os problemas que se apresentaram, essa consciência permitiu ao grupo sobreviver e, a mim, estabelecer a um só tempo uma âncora e um norte para os encontros.

Quando assumi por completo a coordenação, também já tinha acumulado mais estudos para entender o que fiz em aulas e Kairós. E para analisar com mais cuidado, o conteúdo e a forma do que emergiu. Toda a agitação da racionalidade (que ainda é marca registrada) pôde, enfim, ser percebida no meu próprio corpo e no corpo de cada integrante. E a partir dessas impressões, pude utilizar as ferramentas de psicologia corporal disponíveis e possíveis para mobilizar o sentimento daqueles homens.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

A terceira fase integra muitas das críticas recebidas pelos porta-vozes que saíram do grupo na segunda fase. É triste eles não estarem presentes, uma vez que muito do que anteviam em fantasia agora se manifesta num contexto prático, com seus ajustes. Mas, felizmente, temos um grupo funcionando e aberto para recebê-los quando quiserem ou precisarem. Eu assumi uma posição, arco com as responsabilidades e consequências desse lugar e me mantenho conectado a todos os estudos e orientações necessários para mobilizar o grupo. A unidade funcional nesta fase é a confiança.

Ter escolhido uma leitura que agrada os participantes foi uma ferramenta muito útil. Os temas tratados no livro são importantes, porque falam de questões de masculinidades que atravessamos, numa forma que atrai o público do qual fazemos parte. Isso importa mais do que o tipo de influência ou abordagem que o livro tem. A leitura serviu para manter atenção dos participantes no grupo de mensagens online e para ter um pensamento como base para iniciar e movimentar os encontros. Uma leitura com discussões converge muito com a tendência e a resistência do grupo.

Nesse contexto, funcionou para, por exemplo, discutir a relação entre um pai ausente e a imaturidade de um homem e, com isso, abrir espaço para fazer exercícios de *facing*. Enquanto acontecia a terceira fase do grupo, eu estava buscando leituras sobre Biossíntese para compreender melhor as memórias que narrei no capítulo dois. Percebo que compreender essa abordagem terapêutica é essencial para entender melhor uma grande parte das nossas atividades em sala de aula e Kairós. E, como busquei nessas mesmas experiências as bases para observar e atuar no grupo, também foi essencial e fez parte de como percebi e senti todos os movimentos dos encontros e participantes.

Conforme Boadella (1996), a Biossíntese tem uma raiz profunda na psicoterapia Reichiana e se desenvolve com a perspectiva que leva em conta tanto o estado “natural” do pulsar de vida e do desejo, quanto as formas de estruturação da resistência em camadas e couraças. Ele também afirma que

Biossíntese é um sistema aberto, e não fechado. Desta maneira, não é um conjunto fixo ou definitivo de terapias ou métodos, mas sim uma rede de conceitos e práticas, sempre em desenvolvimento, traçada a partir de várias

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

fontes, e integrada em um nível superior. Como um sistema ecológico que prospera dentro da diversidade, e que, ao mesmo tempo, é unificado pela coerência e cooperação entre seus componentes (prática e princípios). (BOADELLA, 1996, p.2)

Dessa forma, entendo que minhas intervenções e propostas de dinâmicas, em todo o período da terceira fase, com ênfase nos últimos encontros, fazem parte desse sistema aberto e diverso que reproduzi enquanto aprendia e integrava em curso.

Facing e sounding foram exercícios de contato visual e verbalização que permitiram o afrouxamento das defesas do Danilo, Marcos, Frederico e José. Foram os primeiros exercícios que mostraram um contato maior com sentimentos sem forçar uma prática e/ou causar o desconforto que alguém pode sentir quando faz o que não quer. Os papos-cabeça, muito lógicos ou abstratos formam a resistência. Logo, nesse cenário, a forma mais sutil de tocá-la é justamente um exercício que explora mais o olhar e a palavra do que o movimento do corpo. E abriu caminho para outras práticas que apontam para um possível aprofundamento, conforme a disposição dos colegas e no ritmo adequado.

Ao falar sobre a perda da unidade resultante do choque entre desejo humano e processo civilizatório, Boadella menciona os seus efeitos: “tirar a ação do pensamento e do sentimento, a emoção do movimento e da percepção, a compreensão do movimento e do sentimento” (1996, p.4). Em seguida, fala do lugar das disfunções no corpo, relacionando-as com fases do desenvolvimento infantil:

Existem lugares no corpo, onde estas disfunções estão localizadas: entre a cabeça e a espinha, na nuca; entre a cabeça e o tronco, na garganta; e entre a espinha e os órgãos internos do tronco, no diafragma.

Estas três áreas correspondem a três importantes fases do ciclo maturacional do desenvolvimento infantil:

A pressão do nascimento é fortemente experimentada na nuca, estendendo-se até a testa. Pode quebrar a conexão da cabeça com o corpo.

Problemas orais e de desmame exercem pressão na garganta e misturam o respirar com o sugar.

Repressão anal e genital, ambas funcionam através da contração do diafragma, ponte natural entre respiração e movimento (BOADELLA, 1996. p.4)

Considerando as abordagens neo-reichianas, tanto a Bioenergética quanto a Biodinâmica e a Biossíntese apresentam, enquanto desenvolvimento da base dada por Reich e

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

pela vegetoterapia, um olhar atento para a expressão das disfunções no corpo. Todas elas foram importantes para que eu construísse o meu pensamento analítico ao interpretar, no capítulo sete, como o Marcos modula seu olhar e sua fala nos encontros. Além disso, me permitem compreender o meu próprio sentir do campo, com os desconfortos citados na região do diafragma, abdome e garganta, bem como o olhar dos participantes durante seus relatos.

Os conhecimentos de bioenergética tiveram papel importante no desenvolvimento do Frederico, que chegava uma hora antes dos encontros para fazermos alguns exercícios corporais. Nesses momentos, pudemos praticar bastante grounding e a sequência inicial dos exercícios de Bioenergética em Lowen (2020). Isso permitiu identificar claramente a raiva intensa subjacente à sua prontidão para ajudar e para, de alguma forma, completar a sensação de vazio que ele relatou em muitos encontros. As práticas coletivas de *facing* e *sounding* complementaram essa leitura: na superfície, existe um sentimento de gratidão pelo pai expresso em palavras pouco emocionadas, mas o olhar, que tenta ser direto mas é oblíquo segura e amarra com a mandíbula presa um sentimento profundo que parece ódio. Curiosamente, quando fizemos grounding e quando fizemos um exercício de criatividade com música, o som que ele emitia era gutural e feito com uma mandíbula protuberante e travada, mostrando os dentes.

No mesmo sentido, Danilo teve um olhar inicialmente oblíquo e palavras mais vazias. Porém, num ritmo suave e lento, suas expressões de gratidão foram tomando a forma de conteúdos emocionais mais profundos, seus olhos se encheram de lágrimas e seu olhar se tornou mais direto.

No caso do José, seu olhar direto carregava uma defensividade que se desmanchou em lágrimas enquanto falava e atingia compreensões sobre a relação com o seu pai.

Além disso, a visão e as sugestões pontuais que recebi nas aulas do Raiz tiveram um papel importante na minha compreensão da contratransferência e na escolha de melhores soluções. Com as orientações fiquei mais atento às minhas próprias sensações, passei a observar as sensações nos participantes e a ter momentos em que eles pudessem falar sobre elas ao longo dos encontros. Então eu pude fazer os exercícios relacionados ao diafragma e a respiração no

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

penúltimo encontro. Também em dois dos quatro últimos encontros, apliquei a ideia de fazermos conversas em duplas ou trios antes de dividirmos as informações que trocávamos no grande círculo, com todos os participantes. Isso ajudou bastante a quebrar o silêncio desconfortável e trazer material para trabalharmos com conversas e alguns exercícios pontuais posteriormente.

Toda a análise que se desenvolveu e resultados apresentados até aqui dão conta de entender a importância do Raiz e das abordagens reichianas e neo-reichianas, pelo impacto que tiveram na minha posição de terapeuta e coordenador do grupo. E, a partir daí, o impacto que se gerou no grupo: em primeiro lugar, ele sobreviveu. Talvez isso não fosse possível se eu não tivesse desenvolvido estrutura suficiente para suportar as pressões dos setores do grupo e absorver as suas demandas mais profundas.

Fiz uma leitura, primeiramente, sobre como as defesas do grupo estavam estruturadas num campo verbal e bastante racional. Tive sensibilidade suficiente para compreender que isso tinha um impacto nas minhas falas, atitudes e no meu próprio corpo. Com essa percepção, fui ajustando o meu posicionamento verbal e tentando trazer esse processo de transferência para o corpo. Ainda que inicialmente sem sucesso, quando entendi melhor a resistência pelo pensamento e a aversão ao trabalho corporal, fui encontrando estratégias para tocá-la, sobretudo a partir dos olhos. Em resumo, pude compreender a transferência de um impulso mais profundo de agressão fortemente recalcado pelas tendências racionais, seja na crítica direta, seja nas manifestações escamoteadas de apoio que recebi daqueles que persistiram no grupo, mas que, no prisma de sua resistência, não queriam sair do lugar.

Esse aprendizado de grande envergadura sobre uma leitura analítica, aliada às intervenções, permitiu que eu me estabelecesse melhor como referência para o grupo, em vez de uma ameaça. Quando relaxei na coordenação do grupo, seus membros se tornaram cada vez mais confiantes no próprio processo. Todos têm desenvolvido mais a sua expressão e são mais capazes de sentir. O grupo terapêutico para homens tem contribuído com o processo de transformação que eles já vêm passando por meio de muitas outras práticas, vivências e elementos de suas vidas.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

Uma percepção positiva sobre o Frederico é a sua fala mais calcada nas suas experiências e uma abertura para descobrir novas formas de se expressar na vida. Ele tem tocado bastante violão e cantado, está mais solto nas relações e tem a face mais relaxada e sorridente. A própria afirmação do Danilo, relatada no início deste capítulo, mostra o quanto a estruturação do caráter dele foi respeitada e tocada com paciência até que conteúdos traumáticos pudessem emergir e, mais profundamente, um sentir espontâneo que pôde perceber ao observar a própria família e escolher se manter no relacionamento. Marcos afirma que o grupo é um ponto de apoio bem importante para ele, ficou muito feliz por termos realizado um encontro em sua casa e, ainda, afirma que sente que acredita estar de fato se abrindo para uma relação afetiva com uma mulher pela primeira vez na vida. Isso aos 50 anos, tendo passado por dois casamentos e sendo pai de uma filha.

Enfim, a análise do material levantado mostra um crescendo. Um grupo surgido para resolver um pedido de ajuda individual se tornou um espaço terapêutico onde pudemos trocar nossas experiências. Tivemos a coragem de deixar as resistências se manifestarem e atravessarmos caminho com uma série de conflitos. Está claro que o problema da saída de alguns membros tem a ver com a ausência de acordos claros e de uma organização inicial que defina melhor os contornos do grupo, como discute Castilho (1995). A identidade e as dinâmicas internas do grupo foram emergindo ao longo de um processo em que setores conflitantes foram desenhando a necessidade de uma posição de coordenação, neste ou em qualquer grupo terapêutico. Foi possível aproveitar essa correlação de forças para me fortalecer enquanto coordenador e de fato assumir essa postura, num momento em que minha compreensão sobre as abordagens que estudei e vivenciei estava mais maturada. De maneira que todos os conflitos e as pessoas que saíram fizeram contribuições para a constituição do grupo de homens do Instituto Flor de Lótus como é hoje. Ele fornece um espaço seguro de expressão para os homens que dele participam e ainda consiste num espaço aberto para a participação daqueles que saíram. O grupo é um lugar de segurança e confiança para os homens da equipe e os colegas externos que eventualmente forem admitidos.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

Sua história nos deu o todo de sua estrutura: um grupo que se junta para apoiar emergências individuais, que atua sobre a resistência da prisão racional, lógica e abstrata, abrindo espaço para o contato com os sentimentos. Um coletivo que permite sair da cabeça e encontrar o que se sente em todo o corpo, até a planta dos pés, com calma e bastante paciência.

A seguir, tratarei de conclusões mais detalhadas sobre o grupo, considerando o tema proposto das masculinidades, o alcance das atividades, as limitações e os possíveis horizontes.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

9. CONCLUSÃO

Como relatei no início do trabalho, entrei no curso com um objetivo de aprendizado técnico e profissional que se apresentava como necessidade numa camada bastante superficial. O percurso no Raiz deixou mais claro para mim a dimensão das crises em que eu estava nas áreas mais básicas da minha vida: minha relação comigo mesmo, meu relacionamento afetivo, meu trabalho e minha atuação no Instituto Flor de Lótus. Quando entrei no curso, eu estava à beira de uma cisão com o Instituto e não tinha intenção alguma de fazer uma pesquisa com uma parte de nossa equipe de trabalho.

Ocorre que, aos poucos, fui descobrindo o quanto permaneci na vida colocando um menino à frente do adulto e me relacionando a partir de suas feridas e defesas. Entendi aos poucos como eu mesmo estive preso nas minhas fantasias e pensamentos, com uma ocupação mental incessante sem conseguir realizar as minhas potencialidades no meu próprio contexto. Às vezes, mesmo o básico de cuidado do dia a dia me escapava por causa da grande ocupação da minha mente saturada, da minha ansiedade e do meu desespero. Descobri que era o desespero de um “menino atropelado” e, ainda, marcado por outras histórias pessoais de angústia e falta. O “grito por socorro” que a Susana identificou ainda na entrevista foi bem visitado ao longo desses três anos e se transformou no pedido de ajuda que fiz à equipe do Instituto Flor de Lótus.

À medida que avançavam os estudos, eu percebi que podia viver com mais prazer o meu cotidiano e ter mais atenção e cuidado para com os meus sentimentos e meu próprio corpo. Essa consciência se desenvolveu também à custa de muitos conflitos internos que resvalaram em todas as minhas relações, sobretudo as mais próximas.

O mesmo aconteceu com o trabalho: eu aprendi a assumir a minha posição dentro da Câmara, a minha posição de tradutor e revisor autônomo e, agora, a minha posição de terapeuta e coordenador de um grupo terapêutico. Isso é consciência sobre as minhas responsabilidades e tem uma relação estreita com assumir uma postura de homem maduro perante a vida. Tem tudo a ver com masculinidades. Não digo que isso seja fácil e que tudo esteja perfeito, mas vivo com mais lucidez.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

Quero ressaltar, ainda, que, no Instituto, fiz também o movimento de ocupar melhor o meu lugar de vice-diretor, considerando a minha realidade, meus contornos, meus limites. Percebi, com o desenrolar do curso e do grupo terapêutico, que, principalmente, a diretoria e também a equipe têm as pessoas que me são mais caras na vida. Elas são os meus maiores amigos e, algumas delas, tidas como verdadeiros irmãos de sangue. Percebi o quanto eu amo essa família e o quanto meu conhecimento e minha atuação prática podem contribuir para trazer equilíbrio aos amigos que eu conseguir alcançar. Com certeza estou – estamos – avançando na tarefa de construir uma masculinidade mais saudável ali dentro. Por isso, afirmo com certeza que o grupo terapêutico é um caso de sucesso na história das atividades que o instituto já desenvolveu.

Além dessas considerações, há ainda conclusões sobre alguns aspectos levantados no material de pesquisa e na sua análise. Primeiro, vou amarrar alguns fatos que o grupo mostrou com o tema das masculinidades, para, posteriormente, avaliar os avanços e traçar alguns horizontes possíveis.

Reich (2001) escreve um manifesto falando sobre o “Zé Ninguém”, a pessoa ou cidadão comum que vive em seu tempo. O “Zé Ninguém” é capaz de expressar no mundo o verdadeiro pulsar da vida, uma vida com prazer e equilibrada, mas também carrega toda a rigidez que os seus tempos impõem. Cabe lembrar que *Escute, Zé Ninguém* foi escrito por Reich (2001) quando sofria mais uma perseguição e difamações por estudar a energia orgon, depois dos conflitos que teve com a sociedade psicanalítica e com o partido comunista, além da perseguição pelo nazismo.

Foram essas vivências que permitiram a Reich fazer análises com pessoas diferentes e também descobrir e pesquisar a energia orgon. Assim ele pôde perceber o potencial de cura que a vida, energia universal que pulsa em todo o ser vivo e, portanto, todo ser humano, tem. Porém a resistência é muito bem organizada, estruturando nas couraças do ser humano os ditames do modo de produção capitalista, dos sistemas políticos totalitários nazifascistas, do socialismo e da própria democracia. Ele entende que tudo isso constitui a chamada “peste emocional”, que é o render-se do sujeito a essa violência civilizatória para reproduzir um modo de vida sem

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

prazer que beneficia a poucos (ou a ninguém) e faz cair por terra todo o potencial naturalmente inerente às pessoas. Enquanto o “Zé Ninguém” se mantém nesse estado, prevalece um modo de vida fundado na disfunção orgástica.

Boadela (1996) faz uma leitura sobre a peste emocional e a angústia:

A cisão neurótica tende a se reproduzir: uma estrutura de caráter amplamente inscrita na pessoa torna-se uma estrutura social. A energia reprimida do indivíduo torna-se o combustível para a tirania política e o contraterrorismo. A criança agredida cresce e se torna um pai que bate em seu filho. Quando as tendências neuróticas do caráter são socialmente racionalizadas, elas criam o que Reich chamava “peste emocional”, uma forma de comportamento disfuncional, bem defendido socialmente, que pode expressar-se em inúmeras manifestações antívida, desde a indústria nuclear até um regime escolar repressor, ou na tecnocracia desumanizada de um nascimento mecanizado, onde a necessidade do obstetra precede o ritmo da mãe e do filho.

A neurose é perpetuada por estas forças da sociedade, que são expressões coletivas da perda de contato com funções saudáveis da vida. (BOADELLA, 1996. p.11)

As referências trazidas sobre masculinidades mostram exatamente esse tipo de reprodução. Vivemos no Brasil, em grande medida, a realidade do “homem não chora”. Sob esses trajes de força, resiliência e coragem, há meninos feridos, homens que não sabem lidar com suas emoções e geram bastante desequilíbrio nas suas famílias. E isso é socialmente aceito, ensinado e reproduzido.

Segundo dados do Datasenado (SENADO FEDERAL, 2024), 62% das mulheres consideram o Brasil um país muito machista, enquanto 68% afirmam que alguma amiga, familiar ou conhecida já sofreram violência doméstica. Ainda, segundo dados do Mapa Nacional da Violência de Gênero (SENADO FEDERAL, 2024), 584 casos de feminicídio foram registrados nas delegacias do país, até março de 2024, porém 61% das mulheres que sofreram violência em 2023 não procuraram uma delegacia. Em 2022, conforme o Sistema de Notificação de Agravos de Notificação (Sinan), 202.608 mulheres sofreram algum tipo de violência.

Na outra ponta, conforme o boletim epidemiológico do Ministério da Saúde (2024), dos 15.507 suicídios cometidos no Brasil, 77,8% foram do sexo masculino. Segundo a Pesquisa

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

Nacional de Saúde 2019 (RAMOS, 2024), 69,4% dos homens passaram por consulta psicológica, enquanto para as mulheres o número foi de 82,3%. Ramos (2024) traz o relato do psicólogo Ildebrando Moraes de Souza sobre a dificuldade dos homens em falar sobre seus problemas e procurar tratamento psicológico ou mesmo tratamento médico preventivo. Eles buscam aplacar a sua angústia com o abuso de álcool e outras drogas.

Esses números e relatos são uma breve ilustração de como uma masculinidade tóxica e ferida constitui um aspecto da peste emocional no Brasil. Com certeza essa realidade macro tem uma capilaridade nos comportamentos de cada homem brasileiro, inclusive aqueles que fazem parte do grupo terapêutico estudado. De maneira que a existência de um grupo como esse constitui num foco para desconstruir essa peste e dar a oportunidade a esses homens de estarem abertos a falar de si, das próprias angústias, antes que as pressões os façam cometer abusos contra si mesmos ou contra outras pessoas, sobretudo mulheres, suas filhas, amigas, familiares, companheiras.

Resta, por fim, refletir sobre algumas limitações e horizontes para esse grupo. Gaiarsa (1984), discute em detalhes o aparelho motor e a consciência sobre os movimentos, com diversos exemplos. Após explicar como uma pessoa iniciante aprende a costurar numa máquina de pedal olhando para os erros e tentando corrigir, ele afirma:

Ver e tentar corrigir erros com atrasos é próprio do principiante. O segundo erro do principiante é o descuido – a inconsciência – em relação à postura de trabalho, ao jeito como o corpo e suas partes se arrumam a fim de bem desempenhar a tarefa (p.44)

E, por fim, conclui: “A postura de trabalho é o último passo da profissionalização” (p.45). Muito embora esteja falando de ofícios manuais, todo o processo de constituição da minha coordenação do grupo é o desenvolvimento de uma postura. Muitos dos movimentos que ocorreram nas fases iniciais do grupo são frutos das posturas, decisões e gestos de um terapeuta iniciante. Se considerarmos as condições ideais para a ocorrência de um grupo, considerando o *setting* e os acordos, como em Castilho (1995), podemos perceber uma série de erros. Não houve acordos claros sobre o grupo desde o início. Até agora eles são tácitos. Depois de mudarmos de lugares algumas vezes, foi apenas na terceira fase do grupo que tivemos um

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

círculo de cadeiras fechado, com um centro bem marcado com um núcleo simbolizado. E foi depois de seis meses que conseguimos sair de uma grande massa de relatos verbais para começar a trazer consciência corporal sobre os sentimentos. E, assim, mudar a qualidade dos relatos, dentro de uma métrica de encontro mais planejada e bem elaborada. Esse ponto pode ser considerado uma vitória, pois de fato há mudanças. Agora, vamos verificar as direções e limites do grupo, conforme o meu aprofundamento da análise da transferência e com o suporte dos conceitos das tipologias de caráter.

Minha leitura analítica da transferência se aprofunda, junto com os estudos de Reich (2004) e Lowen (1977), na identificação de traços predominantes de caráter do grupo. Cabe mencionar que ambos autores fazem discussões sobre a técnica analítica e levantam tipologias de caráter a partir de casos clínicos. Deve-se levar isso em consideração, porquanto o pensamento e a técnica analíticos lançam uma perspectiva sobre o campo prático dos casos clínicos, permitindo uma dedução que pode ter como referência os tipos de caráter. Trabalha-se com um conjunto mente-corpo que apresenta uma configuração de pré-genitalidade e/ou genitalidade, ausência de estrutura e/ou estruturas rígidas. A clínica busca trabalhar sobre essas bases e estruturas de maneira a permitir o fluxo do prazer de se viver uma realidade na vida. Portanto a tipologia deve ser um apoio e não uma forma estanque para classificar o comportamento de quem é analisado.

Dito isso, posso proceder aos traços do grupo. Analisando sua história, o primeiro ponto importante é a oposição entre alta racionalidade e crítica racional versus sentimento de tristeza, angústia e, principalmente, raiva subjacentes à transferência. Essas características enquadram o grupo no que Reich (2004) chama de caráter compulsivo e Lowen (1977) entende como um conjunto de estruturas de caráter rígidas, com base genital, que pendulam entre o fálico-narcisista e o compulsivo.

Vejamos a descrição do caráter compulsivo na perspectiva de Reich (2004). Ele discute a topografia de comportamentos, começando com o que chama de “um sentido de ordem pedante” (p.201) inerente ao compulsivo:

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

Tanto nas coisas grandes como nas pequenas, ele vive de acordo com um padrão irrevogável e preconcebido. Uma mudança na ordem prescrita causa, pelo menos, uma sensação desagradável. Em casos que já podem ser considerados neuróticos, uma mudança provoca angústia. Se esse traço constitui uma melhora na capacidade de trabalho de um indivíduo, ao estar combinado com o perfeccionismo, por outro lado, ele acarreta também uma limitação extrema da capacidade de trabalho, pois, ao mesmo tempo, não permite nenhuma espontaneidade na reação desse indivíduo. Vantajoso para um funcionário público, tal traço provará ser prejudicial ao trabalho produtivo e à prática de novas idéias (REICH, 2004. p. 202).

Ora, é possível observar essa falta de flexibilidade justamente na resistência mais forte do grupo. Seus integrantes fazem parte de uma equipe que participa de atividades majoritariamente meditativas. Consistem, basicamente, em sentar-se de olhos fechados e ficar em silêncio durante longos períodos de tempo, acessando emoções e pensamentos de maneira contida e introspectiva. Outras atividades que mobilizam mais o corpo, muitas vezes, causam bastante desconforto, como declaradamente no caso do Vinícius, que teve uma breve passagem no grupo. O fracasso que tive ao tentar introduzir uma abordagem corporal em um dos encontros, inclusive com a perda de integrantes, se deve a essa resistência em mudar de uma dinâmica puramente verbal (ou nem isso) para uma abordagem que toca e mobiliza as emoções no corpo, junto com as falas e os pensamentos.

A descrição dos encontros mostra como os sentimentos que elenquei acima foram superficialmente tocados a partir de diálogo e escuta nas fases iniciais. Prevaleceu o embate entre vãs filosofias e todo o tipo de crítica à métrica dos trabalhos, sem se perceber o movimento de maior envergadura que acontecia: acessar os sentimentos. Isso nos leva para o segundo elemento que merece destaque – o “pensamento minucioso e repetitivo” (REICH, 2004 p. 202):

Há uma acentuada incapacidade de prestar atenção ao que é racionalmente importante acerca de um objeto e de desprezar seus aspectos superficiais. A atenção distribui-se de maneira uniforme; a questões de importância secundária concede-se o mesmo tratamento dado às que estão no centro de interesses profissionais. Quanto mais patológico e rígido é esse traço, mais a atenção se concentra nas coisas de importância secundária, negligenciando assuntos racionalmente mais importantes. Isso resulta de um processo bem conhecido: o deslocamento de investimentos inconscientes, a substituição de idéias inconscientes, que se tornaram importantes, por assuntos secundários e irrelevantes. Isso faz parte do processo mais amplo de recalque progressivo dirigido contra idéias recalçadas. Em geral, essas idéias, devaneios infantis

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

com coisas proibidas, não podem penetrar a questão verdadeira. Esses pensamentos e devaneios movem-se também ao longo de caminhos prescritos, de acordo com esquemas definidos e historicamente determinados, e dificultam consideravelmente a flexibilidade do pensamento. Em alguns casos, uma capacidade acima da média de pensar de maneira lógica e abstrata compensa essa rigidez. As capacidades críticas – dentro da estrutura da lógica – são mais bem desenvolvidas que as criativas (p. 202).

Esse traço é marcante no início do grupo. É óbvio que é crucial ter organização, organicidade e coordenação em um grupo. Também, para o caso do objeto desta pesquisa, uma âncora de leitura e certa previsibilidade para o processo terapêutico. Porém todos esses aspectos formam uma estrutura de suporte para o que é central: alcançarmos os sentimentos mais profundos. Enquanto a atenção estava focada nessa miríade de detalhes (Vinícius, Leandro, Paulo), ou então dispersa em reflexões profundas (Frederico) e conversas atravessadas e soluções (Danilo), as emoções continuavam reprimidas, em estase, como discuto mais adiante.

Aqui, prevalecia, junto com a aversão à diferença e a tentativa de controle – que, inclusive, podem ser considerados aspectos de uma masculinidade tóxica – a *indecisão* sobre aderir ao grupo ou não, a *dúvida* quanto sua eficácia e a *desconfiança* acerca do coordenador e da coordenação do grupo (REICH, 2004.). Tudo isso forma uma intrincada armadura mental e muscular para o “bloqueio dos afetos” (p. 204).

No caráter compulsivo, isso se deve à fixação ou erotismo anal e sádico-anal, ao qual se retrocede a partir da repressão da genitalidade. Isso está diretamente relacionado à fase do desenvolvimento psicosssexual que envolve a educação dos esfíncteres. Quando isso acontece cedo demais, pode levar ao desenvolvimento de um autocontrole acentuado, sadismo e angústia de castração (REICH, 2004). No corpo, isso se manifesta como uma mobilização, principalmente, do assoalho pélvico, pelve e músculos do ombro e da face para conter o impulso agressivo ou sádico, uma forma de defesa contra a angústia mencionada.

Conforme Lowen (1977), o grau de rigidez que desloca para um erotismo uretral ou anal vai determinar um ego estruturado no caráter fálico-narcisista ou compulsivo. Considerando que uma estrutura, agora, de caráter rígido (histérico, fálico-narcisista ou compulsivo) mobiliza toda a musculatura além das regiões citadas, Lowen (1977), com diversos casos clínicos,

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

descreve a organização muscular desse espectro, o que elucida muito as observações do grupo em seus encontros mais recentes.

A riqueza de detalhes dos casos clínicos e as conclusões sobre a organização das defesas fálico-narcisistas e compulsivas ao redor da regressão do prazer genital para o prazer uretral e anal é impressionante, pois exprime uma gama de comportamentos que tocam justamente no tema das masculinidades. Comentamos, na introdução da pesquisa, que uma das formas típicas da masculinidade brasileira, com toda uma fundamentação sociocultural dada pelo romantismo, é a do homem que tem sucesso na vida profissional e, dentro de casa, é desastrado com os sentimentos. Ou seja, que tem uma potência geral aparente, mas que é consideravelmente limitada se olhada de perto. A própria potência do homem de sucesso na esfera pública se configura como a defesa contra a realização de seu potencial na esfera privada, que acaba se tornando uma forma de impotência ou, ainda, uma potência para o prazer, afeto e amor que é direcionada para o controle e a violência. Justamente, o bloqueio afetivo do caráter compulsivo.

Ao longo da discussão sobre esses tipos de caráter, Lowen (1977) mostra que há um erotismo uretral ou anal, dependendo da intensidade da rigidez que reprime o deslocamento da energia para o alvo genital, como uma defesa. Nesse sentido, a ambição do homem fálico-narcisista se expressa numa agressividade voltada para a realização. Porém, ao mesmo tempo, representa uma atitude de se agarrar à realização, por medo de fracasso ou perda. Ou, conforme os casos clínicos, se agarrar ao sucesso para satisfazer as expectativas de pai e mãe. A partir desse núcleo, uma ambição que pode levar ao sucesso também pode tornar a pessoa insaciável. As realizações não serão nunca suficientes porque não se alcança uma descarga ideal da tensão provocada pelos impulsos de agressão. O enrijecimento muscular cria gargalos na pelve e na cabeça, gerando um fluxo de energia mais contínuo do que pulsátil, ou seja, mais parecido com o fluxo da urina do que com o fluxo do sangue e do líquido seminal no corpo. Se é mais rígida ainda, a musculatura desloca a rigidez para a região anal e para o topo da cabeça, gerando comportamentos compulsivos e obsessões. Tudo isso é resultado de uma musculatura que, rígida, não dá conta de descarregar as tensões e estabelecer um movimento pulsátil para a musculatura e para as emoções e pensamentos. Assim, o homem fálico-narcisista vai de uma

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

conquista a outra, de uma parceira a outra, sustentando a ideia de uma potência orgástica que, na realidade, é uma potência erétil que precisa de muitas relações repetidas em busca de uma descarga (LOWEN, 1977).

Do ponto de vista muscular, ainda segundo os casos clínicos, a musculatura se organiza como uma armadura cilíndrica para o ego, com pontos de tensão na pelve, na musculatura dos pescoço, garganta, ombros e costas. Há também tensão na musculatura da face e numa mandíbula que pode estar protuberante (LOWEN, 1977).

De maneira geral, a descrição dessa organização de caráter se aproxima bastante do que é possível observar nos participantes mais assíduos da fase atual do grupo. Existe uma carga intensa de agressividade expressa em sentimentos de angústia, tristeza, ansiedade e muita raiva que fica presa na armadura cilíndrica e no rosto rígido como elmo desses homens.

Como se tratam de encontros que foram muito mais verbais do que com abordagens corporais, foi bastante difícil identificar ou trabalhar sobre possíveis tensões na pelve, com exceção do caso específico do Frederico.

Em geral, foi possível observar os gargalos na garganta, na fala embargada por uma pressão que vai da garganta em direção ao meio do core e o diafragma em algumas falas. A cabeça faz o seu papel lógico de processar a informação que os impulsos e sentimentos trazem, porém não dá conta de descarregar através da fala, que fica muito neutralizada, como que insípida.

Aqui fica nítido que será necessário um trabalho de bastante paciência para afrouxar a resistência ao trabalho com o corpo e facilitar essas descargas. Desde as práticas de *facing*, isso tem se tornado cada vez mais aceitável dentro do grupo e acredito que, na medida certa, teremos progressos a partir da inserção paulatinamente ampliada de intervenções no corpo, buscando a descarga necessária.

Já afirmei acima que Reich (2004) coloca como meta acessar os conteúdos mais profundos que ele chama de “cena original”. E, ainda, que uma quantidade vasta de conteúdos

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

e interpretações, bem como intervenções prematuras, pode reforçar as resistências. Isto é, fica-se sujeito a ficar preso nas defesas do caráter e não dar vazão ao conteúdo reprimido, sem gerar descarga. A atenção dada à transferência positiva pode levar também a interpretações errôneas e a uma cegueira para a resistência latente.

Bem, existem muitas falas positivas dos homens sobre o grupo terapêutico, como já mencionei aqui. É bastante positivo e mesmo satisfatório percebê-los sendo abertos nos encontros e falando sobre como o grupo os ajudou, às vezes com relatos emocionantes. Porém, quanto eles conseguiram acessar seus traumas mais profundos? O quanto essa positividade e otimismo do momento não estão escondendo sombras latentes na história de cada um deles? É necessário atravessar essas narrativas e fazer associações com o que pode ser mais primitivo em cada homem ali.

A racionalidade continua muito bem estruturada enquanto resistência e o grupo continua tendendo a uma conversa verbal quase sem fim. O período de estudo prático e teórico no Raiz foi muito intenso, mas foram três anos para *iniciar* um processo de tomada de consciência e de capacidade analítica. Pude agrupar alguns elementos da teoria do orgasmo (REICH, 1975), da análise do caráter e vegetoterapia (REICH, 2004; BOADELLA, 1985), Bioenergética (LOWEN, 2020; 1977) e Biossíntese (BOADELLA, 1996), bem como a vasta experiência em sala e Kairós para aplicar ao grupo, sobretudo na terceira fase. Porém sinto que meu conhecimento ainda tem muito a se aprofundar nessas abordagens.

Isso será necessário para levar esses homens a experimentarem mais o que sentem no corpo e darem conta de falar relatos mais próximos da realidade que vivem na prática, com a fala viva. Conforme nossa experiência na terceira fase, acredito que a Biossíntese seja o caminho mais apropriado para iniciarmos, dada a facilidade relativa que tivemos com o *facing*. O aprofundamento em *centering*, *facing* e *sounding* se apresenta como um caminho mais suave para dissolvermos aos poucos essa dificuldade de se trabalhar com o corpo.

Além disso, aos poucos, incentivar que se levantem e se movimentem pelo espaço, que tomem consciência de como andam e pisam e, também, consciência sobre o campo. Já

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

trabalhamos com movimentos nessa direção, para formarmos duplas ou trios de trabalho e, creio, isso pode, com bastante paciência, se intensificar. Num cenário ideal, essa intensificação gradual nos levaria a uma prática de *grounding* já com menos resistência e uma percepção de sentido para o exercício. Creio que, neste ponto, além da Biossíntese, a Bioenergética traria muitas opções de trabalho em grupo.

Por fim, esse grupo, com grandes amigos e verdadeiros irmãos, é hoje um lugar de relaxamento e confiança para mim e para eles. Nessa condição, ao mesmo tempo, de contato íntimo e desenvolvimento de pensamento analítico, os encontros também servem como um laboratório. A partir daí, tenho modelos de experiências, casos de sucesso e de fracasso que me vão servir de base para abrir outros grupos, sejam apenas com homens, ou mistos. E, conforme a importância de ter levado alguns casos do grupo para a sala de aula e recebido feedbacks sobre como atuar, entendo que a supervisão seja fundamental para o desenvolvimento dessas atividades.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br> Acesso em: _/_/

BIBLIOGRAFIA

BOADELLA, David. **Nos caminhos de Reich**. São Paulo, Summus, 1985.

BOADELLA, David. O que é Biossíntese? **Energy and Character**, Heiden, v. 17/2, ago. 1996.

BUFFON, Roseli. **Encontrando o “homem sensível”? Reconstruções da imagem masculina em grupo de camadas médias intelectualizadas**. Florianópolis: 1992. 246f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

CASTILHO. **A dinâmica do trabalho de grupo**. Rio de Janeiro, Qualitymark, 1995.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. 152p.

DADOUN, Roger. **Cem flores para Wilhelm Reich**. Ribeirão Preto: Editora Moraes, 1991.

FERNANDES, R.(org). **Contos cruéis: as narrativas mais violentas da literatura brasileira contemporânea**. São Paulo: Geração Editorial, 2006.

FREUD, S. **Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GAIARSA, J. **Couraça Muscular do Caráter**. São Paulo: Ágora, 1984.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993. 228p.

GROSSI, M. Masculinidades, uma revisão teórica. **Antropologia em primeira mão**. , Programa de Pós-Graduação em Antropologia social, n. 1, 2004.

LEÃO, D. **Quase tudo memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LOWEN, A. **O Corpo em Terapia: a abordagem bioenergética**. São Paulo: Summus, 1977.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Panorama dos suicídios e lesões autoprovocadas no Brasil de 2010 a 2021. **Boletim Epidemiológico**. vol. 55. nº 04. 06 fev. 2024.

MOORE, R.; GILLETTE, D. **Rei, guerreiro, mago, amante: a redescoberta dos arquétipos do masculino**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1993.

PAIVA, F. **O que é isso companheira?** TPM, São Paulo, v1, n.5, Outubro de 2001.

RAMOS, Reginaldo. Negligência masculina em relação à própria saúde mental pode resultar em consequências graves. **Jornal da Usp**. Primeira Edição. 22 ago. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/negligencia-masculina-em-relacao-a-propria-saude-mental-pode-resultar-em-consequencias-graves/> Acesso em: 28 jan. 2025.

REICH, Wilhelm. **A função do orgasmo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1975.

REICH, Wilhelm. **Escute, Zé Ninguém**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

REICH, Wilhelm. **Análise do Caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SENADO FEDERAL. Datasenado divulga pesquisa de violência contra a mulher nos estados e no DF. **Senado Notícias**. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/02/28/datasenado-divulga-pesquisa-de-violencia-contra-a-mulher-nos-estados-e-no-df#:~:text=Machismo%20e%20respeito%20%C3%A0s%20mulheres,aos%20encontrados%20na%20pesquisa%20nacional>. Acesso em: 28 jan. 2025.

SENADO FEDERAL. Mapa Nacional da Violência de Gênero. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.senado.leg.br/institucional/datasenado/mapadaviolencia/#/inicio> Acesso em: 28 jan. 2025.

VINCENT--BUFFAULT, Anne. **História das Lágrimas: séculos XVIII – XIX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 314p.

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize SOBRENOME, nome. TÍTULO, Susana Z.;ALMEIDA, Fabiana, A.R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/>
Acesso em: _/_/

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista de Estudos Feministas**, vol. 9, n. 2. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, 2001. p. 460-482.

WAGNER, Cláudio Mello. **A transferência na clínica reichiana**. São Paulo: Summus Editorial. 2022.